Professora Dra. Ivone Pingoello

Professora Me. Nilsa Correia Faria Meneguetti

LÍNGUA PORTUGUESA, LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTOS E LITERATURA INFANTIL

GRADUAÇÃO

MARINGÁ-PR

2013

Reitor: Wilson de Matos Silva
Vice-Reitor: Wilson de Matos Silva Filho
Pró-Reitor de Administração: Wilson de Matos Silva Filho
Presidente da Mantenedora: Cláudio Ferdinandi

NEAD - Núcleo de Educação a Distância
Diretoria do NEAD: Willian Victor Kendrick de Matos Silva
Coordenação Pedagógica: Gislene Miotto Catolino Raymundo
Coordenação de Marketing: Bruno Jorge
Coordenação Comercial: Helder Machado
Coordenação de Tecnologia: Fabrício Ricardo Lazilha
Coordenação de Polos: Reginaldo Carneiro
Coordenação de Pós-Graduação, Extensão e Produção de Materiais: Renato Dutra
Coordenação de Graduação: Kátia Coelho
Coordenação Administrativa/Serviços Compartilhados: Evandro Bolsoni
Supervisora do Núcleo de Produção de Materiais: Nalva Aparecida da Rosa Moura
Capa e Editoração: Daniel Fuverki Hey, Fernando Henrique Mendes, Humberto Garcia da Silva, Jaime de Marchi Junior, José Jhonny Coelho, Robson Yuiti Saito e Thayla Daiany Guimarães Cripaldi
Supervisão de Materiais: Nádila de Almeida Toledo
Revisão Textual e Normas: Amanda Polli, Cristiane de Oliveira Alves, Janaína Bicudo Kikuchi, Keren Pardini, Jaquelina Kutsunugi e Maria Fernanda Canova Vasconcelos.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - CESUMAR

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ. Núcleo de Educação a distância:

C397 Língua portuguesa, leitura, produção de textos e literatura infantil / Ivone Pingoello, Nilsa Correia Faria Meneguetti - Maringá - PR, 2013.
227 f.

"Graduação - EaD"

1. Língua Portuguesa. 2. Comunicação oral. 3. Leitura. 4. Produção de textos. 5.EaD. I. Título.

CDD - 22 ed. 469.5
CIP - NBR 12899 - AACR/2

As imagens utilizadas neste livro foram obtidas a partir dos sites **PHOTOS.COM e SHUTTERSTOCK.COM**".

Av. Guedner, 1610 - Jd. Aclimação - **(44) 3027-6360** - CEP 87050-390 - Maringá - Paraná - www.cesumar.br
NEAD - Núcleo de Educação a Distância - bl. 4 sl. 1 e 2 - **(44) 3027-6363 -** ead@cesumar.br - www.ead.cesumar.br

LÍNGUA PORTUGUESA, LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTOS E LITERATURA INFANTIL

Professora Dra. Ivone Pingoello

Professora Me. Nilsa Correia Faria Meneguetti

APRESENTAÇÃO DO REITOR

Viver e trabalhar em uma sociedade global é um grande desafio para todos os cidadãos. A busca por tecnologia, informação, conhecimento de qualidade, novas habilidades para liderança e solução de problemas com eficiência tornou-se uma questão de sobrevivência no mundo do trabalho.

Cada um de nós tem uma grande responsabilidade: as escolhas que fizermos por nós e pelos nossos fará grande diferença no futuro.

Com essa visão, o Cesumar – Centro Universitário de Maringá – assume o compromisso de democratizar o conhecimento por meio de alta tecnologia e contribuir para o futuro dos brasileiros.

No cumprimento de sua missão – "promover a educação de qualidade nas diferentes áreas do conhecimento, formando profissionais cidadãos que contribuam para o desenvolvimento de uma sociedade justa e solidária" –, o Cesumar busca a integração do ensino-pesquisa-extensão com as demandas institucionais e sociais; a realização de uma prática acadêmica que contribua para o desenvolvimento da consciência social e política e, por fim, a democratização do conhecimento acadêmico com a articulação e a integração com a sociedade.

Diante disso, o Cesumar almeja ser reconhecido como uma instituição universitária de referência regional e nacional pela qualidade e compromisso do corpo docente; aquisição de competências institucionais para o desenvolvimento de linhas de pesquisa; consolidação da extensão universitária; qualidade da oferta dos ensinos presencial e a distância; bem-estar e satisfação da comunidade interna; qualidade da gestão acadêmica e administrativa; compromisso social de inclusão; processos de cooperação e parceria com o mundo do trabalho, como também pelo compromisso e relacionamento permanente com os egressos, incentivando a educação continuada.

Professor Wilson de Matos Silva

Reitor

Caro(a) aluno(a), "*ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção*" (FREIRE, 1996, p. 25). Tenho a certeza de que no Núcleo de Educação a Distância do Cesumar, você terá à sua disposição todas as condições para se fazer um competente profissional e, assim, colaborar efetivamente para o desenvolvimento da realidade social em que está inserido.

Todas as atividades de estudo presentes neste material foram desenvolvidas para atender o seu processo de formação e contemplam as diretrizes curriculares dos cursos de graduação, determinadas pelo Ministério da Educação (MEC). Desta forma, buscando atender essas necessidades, dispomos de uma equipe de profissionais multidisciplinares para que, independente da distância geográfica que você esteja, possamos interagir e, assim, fazer-se presentes no seu processo de ensino-aprendizagem-conhecimento.

Neste sentido, por meio de um modelo pedagógico interativo, possibilitamos que, efetivamente, você construa e amplie a sua rede de conhecimentos. Essa interatividade será vivenciada especialmente no ambiente virtual de aprendizagem – AVA – no qual disponibilizamos, além do material produzido em linguagem dialógica, aulas sobre os conteúdos abordados, atividades de estudo, enfim, um mundo de linguagens diferenciadas e ricas de possibilidades efetivas para a sua aprendizagem. Assim sendo, todas as atividades de ensino, disponibilizadas para o seu processo de formação, têm por intuito possibilitar o desenvolvimento de novas competências necessárias para que você se aproprie do conhecimento de forma colaborativa.

Portanto, recomendo que durante a realização de seu curso, você procure interagir com os textos, fazer anotações, responder às atividades de autoestudo, participar ativamente dos fóruns, ver as indicações de leitura e realizar novas pesquisas sobre os assuntos tratados, pois tais atividades lhe possibilitarão organizar o seu processo educativo e, assim, superar os desafios na construção de conhecimentos. Para finalizar essa mensagem de boas-vindas, lhe estendo o convite para que caminhe conosco na Comunidade do Conhecimento e vivencie a oportunidade de constituir-se sujeito do seu processo de aprendizagem e membro de uma comunidade mais universal e igualitária.

Um grande abraço e ótimos momentos de construção de aprendizagem!

Professora Gislene Miotto Catolino Raymundo

Coordenadora Pedagógica do NEAD- CESUMAR

APRESENTAÇÃO

Livro: LÍNGUA PORTUGUESA, LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E LITERATURA INFANTIL

Professora Dra. Ivone Pingoello

Professora Me. Nilsa Correia Faria Meneguetti

Caro(a) aluno(a), preparamos este material para você com o objetivo de ampliar seus conhecimentos acerca da língua portuguesa, da leitura e da produção textual, uma vez que a função docente exige o uso adequado da linguagem oral e escrita. Enfatizamos os conhecimentos teóricos e práticos envolvendo o discurso oral, a leitura e as estruturas composicionais das produções textuais que fomentem a boa atuação acadêmica e profissional, bem como reflexão e criticidade, características peculiares do profissional autônomo e participativo. Nesse contexto, a literatura infantil não poderia ficar de fora, pois não podemos nos esquecer que o posicionamento crítico e participativo é fomentado ainda na infância, e devemos entender como a literatura infantil pode colaborar nesse processo.

Na primeira unidade apresentaremos as contribuições da área da linguística e da gramática para os estudos da língua, para a compreensão do respeito aos diferentes modos de uso da linguagem, bem como, também, à percepção da necessidade de adaptação da linguagem conforme o ambiente, as características do receptor e as finalidades da comunicação. Entende-se dessa forma, que a linguagem acompanha seus falantes em seus ambientes de uso e se adapta conforme as necessidades sociais.

O ambiente de uso da língua portuguesa é amplo, transpassa as fronteiras, pois é uma língua falada em vários países e por esse motivo passou por uma reforma para unificação gráfica de seu sistema linguístico. Para que você se mantenha atualizado(a), expomos na primeira unidade as novas regras ortográficas como subsídios para suas produções linguísticas.

Compreendendo a formação e transformação da língua, podemos passar aos estudos da leitura, assunto da nossa segunda unidade. Devemos entender leitura como um processo dinâmico de interação social em que emissor e receptor da mensagem se encontram num plano cognitivo expresso pela capacidade de decodificação, interpretação, compreensão e retenção de informações, analisando-as a partir de conhecimentos prévios, promovendo a inferência e construindo novos conceitos resultados da assimilação da informação recebida.

Sendo assim, o leitor não é um agente passivo diante da leitura, mas um construtor de sentidos que vai além das linhas, dos sentidos explícitos, e capta nas entrelinhas as mensagens implícitas, essenciais para a compreensão e posicionamento crítico diante da leitura.

A leitura é suporte para a produção textual tanto como embasamento teórico quanto como modelo prático de escrita. Observar as peripécias utilizadas pelos autores nos textos lidos é meio caminho andado para uma produção própria, a sequência desse caminho dispomos na unidade III, na qual descrevemos os procedimentos que podem ser adotados para a produção textual. A produção narrativa e descritiva faz parte dessa unidade como gênero a ser desenvolvido.

Na quarta unidade continuamos com as indicações de procedimentos de produção textual, mas o foco são os textos acadêmicos de cunho científico em que entram os relatórios de estágios e textos dissertativos que podem ser solicitados em concursos, na produção de artigos etc.

Devemos ter a consciência de que um texto não nasce perfeito, mas com pontos a serem melhorados, por isso nessa unidade há um quadro de correções em que você poderá fazer sua autoavaliação e refletir sobre os pontos a serem melhorados.

Ao chegar à unidade V, acreditamos que você já terá dominado o conhecimento necessário para uma boa expressão linguística, adquirido posicionamento crítico diante da leitura, adotado procedimentos estruturais da produção textual e critérios normativos da produção acadêmica estando, portanto, apto(a) a refletir sobre a importância da literatura infantil na gênese de todos esses procedimentos transcritos anteriormente. Ou seja, a literatura infantil está na base da formação leitora e de escrita de todos os educandos.

Dessa forma, na unidade cinco, a produção literária voltada para a criança será abordada em seus aspectos históricos, conceituais e formativos com o objetivo de entender os processos subjacentes da literatura infantil que podem promover o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança, de forma conciliada entre o lúdico e o pedagógico.

Perceba que todas as unidades fazem parte de um todo e que estão interligadas pela função social da linguagem, que é a interação por meio da comunicação. Esse é o objetivo primordial do estudo da língua portuguesa: comunicar-se.

Bons estudos!

SUMÁRIO

UNIDADE I

OS NÍVEIS E FUNÇÕES DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

A LÍNGUA COMO OBJETO DE ESTUDOS 16

OS FUNDAMENTOS LINGUÍSTICOS DA COMUNICAÇÃO 19

A COMUNICAÇÃO ORAL 26

ASPECTOS SOCIAIS DA COMUNICAÇÃO ORAL E ESCRITA 30

A GRAMÁTICA 32

A NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA 39

UNIDADE II

CONCEPÇÕES DE LEITURA: DA DECODIFICAÇÃO AO LETRAMENTO

FUNÇÕES DE LEITURA: DA DECODIFICAÇÃO AO LETRAMENTO 64

ETAPAS DE LEITURAS 66

AS COMPETÊNCIAS LEITORAS 68

LEITURA CRÍTICA 76

O DESENVOLVIMENTO DE NOVAS HABILIDADES LEITORAS: OS HIPERTEXTOS E OS HIPERLEITORES 84

LEITURA DE IMAGEM 86

UNIDADE III

A PRODUÇÃO TEXTUAL

A COMPREENSÃO LEITORA COMO REQUISITO BÁSICO DA PRODUÇÃO TEXTUAL .. 101

AS PARTES CONSTITUINTES DA ORGANIZAÇÃO DA ESCRITA 102

A COERÊNCIA 104

A COESÃO 106

PRODUÇÕES DE TEXTOS NARRATIVOS E DESCRITIVOS 116

PRODUÇÃO DE TEXTOS NARRATIVOS 117

PRODUÇÃO DE TEXTO DESCRITIVO 123

A PRODUÇÃO TEXTUAL NA INTERNET 125

UNIDADE IV

ASPECTOS ACADÊMICOS DA PRODUÇÃO TEXTUAL

PRODUÇÃO DE TEXTO DISSERTATIVO 140

RELATÓRIO DE ESTÁGIO 161

TÓPICOS DE REVISÃO TEXTUAL 167

UNIDADE V

LITERATURA INFANTIL

O ENCANTADO MUNDO DA LITERATURA INFANTIL 182

CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA INFANTIL 192

HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL 198

A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL 204

CONCLUSÃO.....221

REFERÊNCIAS 223

UNIDADE I

OS NÍVEIS E FUNÇÕES DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

Professora Dra. Ivone Pingoello

Professora Me. Nilsa Correa Faria Meneguetti

Objetivos de Aprendizagem

- Conceituar linguística, língua, linguagem e fala.
- Compreender a importância da gramática na estruturação da língua.
- Analisar as mudanças ocorridas na nova ortografia.

Plano de Estudo

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- **Construção histórica e evolutiva da língua**
- **Linguística, língua, linguagem e fala**
- **Níveis linguísticos**
- **A gramática**
- **A nova ortografia**

INTRODUÇÃO

Caro(a) aluno(a), este material foi preparado com o objetivo de fazer com que a língua materna exerça, pela sua função metalinguística, o desenvolvimento cognitivo e acadêmico necessário para o exercício da sua vida profissional, ampliando suas habilidades linguísticas e aperfeiçoando o seu conhecimento sobre a língua portuguesa. Esperamos que você perceba, no desenvolver destes estudos que as relações sociais estão sempre permeadas pelas palavras e que estas servem de elo para todas as comunicações em todos os domínios. É a partir da palavra, seja pela oralidade ou pela escrita, que ocorrem todas as transformações na sociedade. Assim, como afirma Bakhtin (1990), todo discurso é uma prática social não individual e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social e suas condições de produção.

Nesta primeira unidade propomos um estudo que permitirá analisar a linguagem a partir de uma construção histórica e evolutiva, num pensar sobre a dinamicidade da língua e a sua importância desde sempre na vida humana. Isto porque o homem como animal racional é o único ser dotado de reflexões do pensamento que pode ser materializado por meio da palavra.

Historicamente, o ensino escolar da língua portuguesa tem priorizado as regras gramaticais marcadas pela ideia do certo e do errado desconsiderando as variações linguísticas, a ação comunicativa e o perfil sociocultural dos alunos, desprezando seus conhecimentos prévios em relação à língua. Além desses fatos, criou-se o mito de que estudar língua portuguesa era adentrar-se a uma tarefa dificílima, quase impossível para nós, simples mortais, e possível somente para os imortais da Academia Brasileira de Letras.

Esse caminho desviou o foco principal do estudo da língua portuguesa: a leitura e a escrita como forma de interação social.

Reformuladas as propostas de ensino da Língua Portuguesa, o objetivo da disciplina passa a ser o desenvolvimento das competências necessárias a uma interação autônoma e ativa

nas situações de interlocução, leitura e produção de textos. Sendo assim, o que veremos no decorrer desta unidade são conceitos sobre uma língua viva, o uso desta língua em situações sociais adquirindo conceitos culturais, ideologias e formas de interação.

A gramática será apresentada em seu potencial histórico, em que fazem parte as regras da nova ortografia, sempre com enfoque na comunicação autônoma.

Ao final da unidade convidamos você para uma reflexão sobre seu potencial e competência comunicativa, lembrando que nada é imutável, dificuldades são superadas e competências são adquiridas se há vontade para isso.

Para que você se sinta motivado(a) a escrever, apresentamos uma crônica de Luis Fernando Veríssimo na qual ele deixa claro que o essencial para se escrever um bom texto não é dominar todas as regras gramaticais, mas saber usar as palavras em favor da mensagem que se deseja transmitir.

A LÍNGUA COMO OBJETO DE ESTUDOS

A linguagem é a essência da ação humana e objetivo principal de várias vertentes que se preocupam em estudar os processos que permeiam as estruturas comunicativas estabelecidas pelas sociedades em seus diversos períodos de evolução. A comunicação se efetiva por meio da linguagem e esta é o campo de estudos da linguística que, como ciência, se baseia em estudos teóricos e empíricos para fundamentar a tese de que toda e qualquer manifestação linguística é passível de descrição e explicação dentro de um quadro científico específico. Dentro dessa concepção, Ferdinand de Saussure, com o Curso de Linguística Geral, é considerado um marco inicial na era da ciência da linguagem.

Segundo Saussure (2006), a ciência que estuda a língua passou por três fases sucessivas até o reconhecimento do seu objeto específico de estudo. Conforme esclarece o autor, os primeiros estudos foram designados de Gramática, inaugurados pelos Gregos e tendo continuidade com

os franceses, e constituía-se nos estudos das regras normativas da língua e as formulações de regras para distinguir-se o certo do errado. Em seguida surge a Filologia, movimento instaurado a partir de 1777 por Friedrich August Wolf que se ocupava com a história literária, com os costumes, as instituições, e se apegava mais à língua escrita do que à falada.

Em seu esforço em compreender os textos da antiguidade clássica, a Filologia reuniu um vasto material de conhecimentos linguísticos e históricos que serviram posteriormente aos estudos linguísticos. Na terceira fase de evolução dos estudos da língua, observou-se que elas poderiam ser comparadas entre si e surge, em 1816, a partir da filologia comparada, a Gramática Comparada que se ocupa em estudar as origens das línguas, comparando-as em sua evolução, como a relação entre o sânscrito, o germânico, o grego, o latim etc. (SAUSSURE, 2006).

Conforme Saussure (2006), foi somente em 1870 que surgiram as primeiras indagações a respeito do uso da língua constituindo-se na linguagem adotada pelo usuário. O primeiro impulso foi dado por Whitney, que em 1875 publicou *A vida da Linguagem* e desde então não se viu mais uma concepção de língua que se desenvolvesse por si só, mas sim um sistema de comunicação de uso coletivo que se desenvolve a partir das mudanças promovidas por seus usuários. Dessa forma, a linguística se constituiu na ciência que estuda todas as formas de manifestações da linguagem humana considerando o período histórico, os registros textuais e a estrutura da língua como base de formação da linguagem.

Parte das reformas que foram instituídas no ensino da língua portuguesa se deve aos estudos realizados pelos linguistas fornecendo, inclusive, elementos teóricos e práticos que ajudaram a repensar e reformular o processo de alfabetização. Tais contribuições, que se iniciaram por volta de 1970 no Brasil, derivou das novas concepções de produção de textos e de leitura como eixos de ensino e da preocupação em respeitar e valorizar a linguagem do aluno como uma variação linguística adquirida no seu meio cultural como ponto de partida para o aprendizado da norma culta da língua escrita.

Anotações

As descobertas ocasionadas pelas pesquisas linguísticas mostraram a importância de se considerar o texto como centro do ensino, dessa forma, surgem a exploração dos gêneros textuais em sala de aula como a narrativa, as piadas, as charges ou as notícias de jornais, dentre outros gêneros, conforme Geraldi (2006), e a produção textual com ênfase nas propriedades de coerência e coesão (KOCH, 2007; KOCH; TRAVAGLIA, 2008; FÁVERO, 2009).

Nessa área, contribuições importantes foram dadas por João Wanderley Geraldi com várias publicações, entre elas citamos O Texto na Sala de Aula, editado em 1984, considerado uma referência importante no mundo da produção de texto em sala de aula.

Leitura Complementar

O texto na sala de aula

Autor: João Wanderley Geraldi (Org.)

Edição: 4ª

Editora: Ática

Ano: 2006

Este livro pode ser encontrado na Biblioteca virtual do CESUMAR, é só entrar no AVA, clicar no item Biblioteca Virtual Pearson e digitar o nome do livro na caixa de busca.

OS FUNDAMENTOS LINGUÍSTICOS DA COMUNICAÇÃO

Como declara Bakhtin (2010), somos seres sociais cujo desenvolvimento da aprendizagem ocorre por meio da interação com o outro, e o sistema linguístico é resultante dessa interação social, ou seja, um indivíduo sozinho é incapaz de estabelecer um signo imbuído de valores sem o consenso geral. É necessário que outros indivíduos compactuem das mesmas ideias representadas pelos mesmos signos, caso contrário ele não trará significado algum que justifique seu uso.

Devemos compreender signo como todo objeto, som, palavra e imagem capaz de representar um significado, transmitir uma mensagem. Somos dependentes dos signos, nos orientamos no trânsito por meio de signos como as placas, os semáforos, os mapas. As empresas utilizam-se dos signos para conquistar os consumidores; basta vermos um signo que nós somos capazes de identificar o nome da empresa que fabrica aquele carro, aquela roupa, aquele calçado etc.

A arbitrariedade está em não haver relação entre a palavra, que seria o signo, e a imagem, que seria o significado. Para que houvesse relação, o objeto deveria ser designado por uma palavra que remeta à sua função, como cadeira ser designada de “sentador”, por exemplo, nome que remete à função da cadeira, o de ser um objeto para sentar. Conseguimos entender que a palavra carro designa o objeto que já conhecemos por compartilharmos do significado estabelecido socialmente. Portanto, as grafias convencionais não representam o objeto, não há nenhum laço natural entre a grafia e o objeto designado.

O significado não depende da livre escolha de quem fala, mas de uma convenção social que se desenvolve no tempo. O conceito ou ideia é a representação mental de um objeto ou da realidade social em que nos situamos, representação essa condicionada pela formação sociocultural que nos cerca desde o berço.

Mas afinal, como surgiu a nossa língua materna?

A origem da nossa língua materna, o português, é o "latim", que antes de sua extinção, deu origem a diversas línguas românicas, como espanhol, francês, catalão, galego, romeno e italiano. A língua é viva, dinâmica, portanto possível de modificação. A língua aos poucos vai incorporando novos termos, compondo um léxico tão grande e rico como se apresenta a nossa língua portuguesa brasileira.

A escrita requer elaboração mais cuidadosa, menos "econômica". Exige pensar, planejar, selecionar para depois escrever. Permite ainda voltar atrás no que foi apresentado pelas correções e novas reorganizações estruturais, porque é uma reflexão mais elaborada do pensamento; por isso a escrita é uma atividade mais demorada que a fala.

Devemos levar em conta que a língua falada é geralmente ensinada, corrigida e verificada com base na escrita, que por sua vez é convencionada por códigos estabelecidos como o léxico, que é o acervo de palavras de um determinado idioma. E é por meio do uso desse vocabulário que as pessoas se comunicam, as vozes produzidas pela fala de um determinado conjunto de palavras se tornam partes de uma determinada língua, o que determinamos como a língua pátria. Conforme Bakhtin (2010), adquirimos os conceitos da língua mediante a interação verbal quando ouvimos enunciados concretos e os reproduzimos com os indivíduos que nos cercam.

São 249 milhões de falantes nativos da língua portuguesa e 20 milhões que têm o idioma como segunda língua, compreendidos pelas comunidades de Macau (China), Goa (Índia) e por oito países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. De acordo com Faraco (2008), com a criação oficial da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa com sede em Lisboa, formada pelos países acima listados, justificou-se como objetivos, além da preservação e da expansão da Língua Portuguesa mundo afora, também a cooperação política, social, econômica e cultural entre os países-membros.

Anotações

Caso você tenha interesse em saber mais sobre a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, acesse o site <www.cplp.org>.

O termo língua é adotado como a norma convencional de todas as manifestações da linguagem e é organizado por signos associados que remetem a conceitos aceitos pela sociedade que o utiliza. Saussure esclarece que: "É necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem" (SAUSSURE, 2006, p. 16).

A língua é um conjunto de grafias combinadas entre si que representam a linguagem verbal utilizada por um grupo de indivíduos constituintes de uma comunidade. Diante da heterogeneidade da linguagem, é a língua que será capaz de fornecer um ponto de apoio satisfatório para seu usuário, ou seja, a língua é um conjunto de convenções necessária que permite o uso e organização da linguagem.

A linguagem é o uso de procedimentos variáveis que possibilitam a comunicação humana, faculdade inerente ao homem de comunicar-se utilizando a fala. A fala abrange a comunicação linguística em toda a sua totalidade, é individual, intencional, espontânea, e depende das estruturas psicofísicas do indivíduo para se realizar.

Portanto, temos a língua como base de nossa comunicação e esta pode ser representada pela escrita, não com a espontaneidade da fala, mas regida por regras ortográficas. Dessa forma, podemos utilizar a língua em dois processos de comunicação: a comunicação escrita e a comunicação oral.

Anotações

Na comunicação utilizando a língua escrita, emissor e receptor estão distantes, por esse motivo se perdem os registros faciais, as expressões, as interlocuções presenciais. A língua escrita respeita a norma culta da linguagem e normalmente é aprendida na escola juntamente com os recursos disponíveis, para que se assemelhe à língua falada com o uso de pontuações como as exclamações, interrogações, reticências e travessões.

A língua escrita pode ser dividida em literária e não literária. A primeira é conhecida como linguagem conotativa, figurada, em que não há compromisso com a verdade, podendo ser fictícia ou misturar fatos reais com a ficção, há liberdade de uso de formas não convencionais da escrita em nome da estilística. A segunda se refere à linguagem utilizada com o objetivo de informar, registrar, argumentar ou relatar fatos verídicos, é definida como linguagem denotativa, pois tem compromisso com a verdade.

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

Na comunicação oral não são observadas a rigor as formalidades das normas cultas da língua, o falante não necessita ir à escola para aprender a utilizar a língua falada, ele aprende no meio em que vive sob a influência de seus familiares, amigos, por meio de veículos de comunicação etc. Em situação de uso da língua falada, emissor e receptor estão presentes, a recepção da mensagem é imediata e o receptor pode intervir no discurso do emissor. O emissor pode

Anotações

perceber na reação do receptor o efeito de sua mensagem. Na língua falada pode-se empregar gestos, expressões faciais, gírias, entonações mais acentuadas nas partes mais importantes do discurso, e podemos repetir palavras ou frases que não foram bem entendidas pelo emissor.

Conforme Pignatari (2010), entende-se por emissor quem fala ou emite a mensagem; por receptor quem recebe a mensagem, podendo ser uma pessoa ou um grupo, um auditório, por exemplo; mensagem é o conteúdo do texto oral ou escrito; código é o conjunto de signos utilizados para emissão da mensagem que pode ser a linguagem oral ou escrita, gestos, imagens etc.; canal é o meio físico utilizado para a emissão da mensagem podendo ser papel (jornal, revistas etc.) ou por meio do rádio, televisão ou computador.

A liberdade de expressão dentro da língua falada resultou em vários níveis de linguagem, são as variantes estilísticas estabelecidas pelos usuários da língua, a saber:

A. Norma culta ou formal: uso correto da norma culta da linguagem, seria o falar correto dentro dos padrões gramaticais. É a linguagem utilizada no ambiente de trabalho ou social.

Ex.: Sabe-se que o Supremo Tribunal Federal é o órgão de cúpula do Poder Judiciário e a ele compete, precipuamente, a guarda da Constituição.

B. Forma coloquial ou informal: linguagem cotidiana utilizada nos vários ambientes de interação em que os pequenos erros, deslizes ou abreviações são perdoáveis, como os encontros familiares, reuniões com os amigos, salas de bate-papo virtuais.

Ex.: O que a gente vai comer?

C. Forma vulgar ou inculta: linguagem que infringe totalmente as convenções gramaticais.

Ex.: A gente ouvimo falá que a situação pioro.

D. Regional: é o patrimônio vocabular típico de cada região.

Ex.: Vem cá meu rei! Me faz um dengo!

E. Forma grupal: linguagem utilizada por pequenos grupos, pode ser técnica quando se refere a um linguajar entendido somente pela aprendizagem da profissão, como a linguagem médica por exemplo, ou gíria que pode ser usada por grupos sociais em diferentes contextos, como a gíria policial ou a gíria das comunidades.

Podemos nos deparar em nosso dia a dia com vários níveis de linguagem e temos a capacidade de nos adaptarmos a todas elas, conforme nossa necessidade e conhecimento. O que não podemos dizer é que ora erramos ou ora acertamos, o que ocorre é o uso adequado ou inadequado em certas ocasiões. Para entendermos melhor o que isto significa vamos analisar as seguintes frases:

- Mãe, to ligando pra você não esquecer de trazer minha blusa!

- Caríssimos, prezo informá-los que sou um homem honrado que o passado é um livro aberto.

Temos duas marcas linguísticas expostas nessas duas frases, a primeira se refere à língua popular e a segunda se refere à norma culta. Há erros nas formas gramaticais das frases?

Sim, podemos afirmar que sim, se levarmos em conta as regras gramaticais, porém se levarmos em conta o uso, o código linguístico utilizado por um determinado grupo social em um determinado momento, podemos dizer que só há erros na segunda frase, pois esta assumiu a norma culta, o falar formal, portanto exige-se que seja expresso corretamente.

A primeira frase se refere a uma situação de informalidade que admite o uso de formas coloquiais da linguagem como “to” no lugar de “estou”, “pra” ao invés de “para”, e se fosse corrigida, a frase ficaria assim: - Mãe, estou ligando para você não se esquecer de trazer minha blusa!

Já a segunda frase apresenta termos comumente usados em situações formais, portanto,

Anotações

exige observância rígida das normas gramaticais. A frase corrigida ficaria desta forma: - Caríssimos, prezo informá-los de que sou um homem honrado cujo passado é um livro aberto.

Os grupos sociais se diferenciam por vários aspectos, entre eles a vestimenta, local de moradia, de trabalho, gosto musical, religioso e político e não poderia ser diferente com a língua falada por esses grupos, cada qual utiliza códigos linguísticos que os identifica com o grupo ao qual pertencem. Lembrando que códigos linguísticos são as expressões da comunicação verbal utilizada pelos falantes.

Dessa forma, um advogado em serviço adotará o linguajar típico da área do direito, mas este mesmo advogado em um momento de lazer e descontração poderá utilizar outro linguajar, o linguajar coloquial. O que se percebe é que o falante é capaz de adaptar seu linguajar às exigências sociais do seu meio. Por exemplo, não falamos com uma criança como falamos com um adulto, não falamos com nosso chefe como falamos com nossos colegas de trabalho, quando estamos reunidos em família ficamos despreocupados com a estética da nossa fala. Isso se deve ao fato de que sempre que falamos queremos obter uma resposta, por isso nosso discurso tende a se adaptar ao emissor, levamos em consideração a forma como nossa fala será absorvida pelo destinatário, qual o grau de conhecimento que ele possui da situação, suas opiniões, preconceitos, ponto de vista, simpatia ou antipatia (BAKHTIN, 2010).

Sendo assim, não se pode falar em linguagem correta ou errada, mas sim adequada ao ambiente social em que a linguagem está sendo produzida, a relação entre emissor e receptor, e o grau de intimidade entre ambos. Nas relações familiares as conversas são desprovidas das convenções sociais, há uma confiança profunda no poder de compreensão do destinatário e o falante se despe de toda convenção social. Já nas relações formais, fora do âmbito de amizade, do grau familiar, a convenções são mantidas e a confiança quanto à compreensão do outro é duvidosa (BAKHTIN, 2010).

Isso demonstra que a língua é viva, pertence ao falante e devemos respeitar o modo de falar de cada um. E nesse contexto um futuro professor pode questionar: se temos que respeitar

Anotações

esses modos diferentes de falar, o que fazer quando um aluno diz “pobrema” ao invés de dizer “problema”; “a gente vamos” ao invés de “a gente vai” ou “nós vamos”?

Devemos nos atentar para o fato de que o linguajar da criança é reflexo do linguajar da família, do ambiente em que vive, portanto, em uma situação como essa, não se recomenda chamar a atenção do aluno na frente de todos, expondo-o à humilhação e indiretamente expondo alguém da família do qual ele copiou o termo errado, agindo dessa forma estaremos fazendo com que o aluno passe a ter vergonha daquele que lhe ensinou a falar errado, que pode ser o pai, a mãe ou os avós. O correto é o professor ensinar a toda turma de forma que o aluno perceba os erros cometidos sem ser citado.

A COMUNICAÇÃO ORAL

Para Bakhtin (2010), o eu individual só é possível graças ao contato com o outro, ou seja, só posso me considerar um ser individual porque tem o outro para me confrontar, para me comparar. Trata-se da dimensão dialógica do texto, expressão de Bakhtin (2010) ao enfatizar a importância da interação “eu e tu” no texto oral ou escrito. Portanto, todo homem social interdepende de outros indivíduos e nessa relação de interdependência, os discursos (incluindo as produções textuais, obras literárias e demais formas de comunicação humana) estão carregados de palavras dos outros, caracterizadas em graus variados por meio da assimilação, consciência e imitação. A palavra do outro representa sua própria expressividade, opinião, ideologia, tom valorativo os quais assimilamos, reestruturamos, modificamos e nos apossamos (BAKHTIN, 2010). Por isso que nossos enunciados estão cheios de marcas de outros enunciados. O objeto de nosso discurso já foi debatido, julgado, controvertido, esclarecido de diferentes maneiras por outros interlocutores, portanto não há discurso inédito, mas há cruzamentos de pontos de vista, de opiniões, visões do mundo, tendências discursivas.

Bakhtin (2010) esclarece que os enunciados ou discursos não são autossuficientes, mas refletem-se mutuamente ao que falamos, as palavras que proferimos são na verdade a refutação

Anotações

ou confirmação de tudo que já ouvimos em termos de vocabulário. Palavras ou o enunciado completo que não nos agradam nós refutamos e palavras ou um enunciado completo que nos parece agradável, que se encaixam em nosso discurso, nós o confirmamos e o usamos. O que fazemos é a reformulação de tudo que ouvimos na adoção de um discurso próprio, nosso enunciado na verdade é a reposta a tudo que já ouvimos sobre o mesmo assunto, mesmo que esse fato não esteja explicitado no discurso.

Abrimos um parêntese aqui para lembrar que são essas afirmações feitas por Bakhtin que justificam o uso da terceira pessoa do plural nos discursos formais, nos textos científicos, nas teses e dissertações. É a consciência de que ninguém profere um novo discurso, mas carrega nele as marcas dos dizeres de vários outros discursistas. Por isso dizemos e usamos sempre "nós", porque o que estamos falando ou escrevendo já foi falado ou escrito por outro locutor, já foi controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras. E um texto nunca é uma produção solitária, há sempre a presença do outro, tanto na construção do texto como na recepção.

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

A comunicação oral é regida por regras que a orienta, são elas: a morfologia, sintática e estilística.

A morfologia organiza as palavras dentro de uma estrutura, é a parte que nos diz se uma palavra é verbo, substantivo, adjetivo, ou seja, é a parte que define as classes gramaticais.

A sintática ou sintaxe se preocupa com as combinações das palavras, das palavras dentro da frase, da frase dentro do texto.

A estilística se envolve com a parte emotiva da linguagem, a expressão dada a cada palavra conforme a emoção do locutor.

Temos ainda a fonética ou fonologia que se ocupa com o som das palavras, com o processo fisiológico da produção, articulação e variedade sonora. Para estudar o som, a fonologia desmembra as palavras em fonemas, que é a menor unidade sonora da língua falada.

Na comunicação oral há elementos que precisam estar presentes para a transmissão das mensagens. Segundo Jakobson (2005), a transmissão de uma MENSAGEM pressupõe um EMISSOR e um RECEPTOR. A mensagem requer um REFERENTE que é o conteúdo, o assunto da mensagem a que se refere e que seja apreensível pelo receptor; ela é expressa num certo CÓDIGO e para sua transmissão é necessário um CANAL entre o emissor e o receptor.

EMISSOR - é aquele que inicia a comunicação, é quem transmite uma mensagem durante a comunicação (é a pessoa que fala no discurso – a 1ª pessoa – equivalente a EU ou NÓS).

RECEPTOR – é para quem se transmite uma mensagem durante a comunicação (é a pessoa para quem se fala no discurso – a 2ª pessoa – equivalente a TU e VÓS).

MENSAGEM – é o conteúdo da comunicação compartilhada pelos interlocutores.

CÓDIGO – é a linguagem ou conjunto de signos usados na elaboração e/ou na transmissão da mensagem na comunicação. É o grupo de símbolos indispensáveis utilizado para passar a mensagem. Geralmente está relacionado à língua do falante.

Anotações

CONTEXTO – o assunto da comunicação se estabelece e ganha significado por meio do contexto. É necessário que emissor e receptor conheçam o contexto que envolve a conversação.

CANAL - é o meio físico por onde circula a mensagem entre o emissor e o receptor, é o meio de propagação da mensagem. Pode ser o ar, a fibra ótica para a TV que recebe o sinal, a internet etc.

Dentro dos elementos constituintes temos também o Léxico, que se refere ao conjunto de palavras de uma língua que estão dispostas no dicionário e podem ser atualizadas com o passar do tempo, e o campo semântico que tem relação com o sentido, com o significado da palavra. Uma palavra pode possuir diversas nuances de significados que podem ser aplicados em contextos diferentes.

Tanto o léxico como o campo semântico são de vital importância para o sucesso de um discurso que, se não observados podem provocar inadequações e dificuldades de compreensão sobre a mensagem que se deseja transmitir. A competência comunicativa ocorre por meio da adequação a cada situação, e essa adequação tem várias dimensões, entre elas podemos citar:

a. Uso adequado das palavras dentro do sentido que se deseja produzir.

Seria a escolha da palavra certa na hora certa, o uso adequado do vocabulário em sua infinidade de possibilidades. A carência cultural pode produzir escassez de conhecimento semântico das palavras que estão à nossa disposição, dessa forma, o contato com uma variedade maior de possibilidades linguísticas pode enriquecer o repertório vocabular como leituras variadas e selecionadas dentro dos padrões de qualidade textual.

b. Conhecimento das várias possibilidades de uso da língua no contexto social.

Seria o saber diferenciar entre a fala com os amigos e a fala com o patrão ou com o cliente, por exemplo. Existem certas intimidades que se tem com os amigos, como por exemplo, o uso de gírias, que não se pode reproduzir com pessoas que não fazem parte dos nossos círculos

íntimos de amizades, mas são pessoas importantes na nossa vida social e profissional.

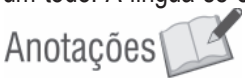
c. Saber argumentar com clareza e coesão.

A argumentação se baseia num princípio que é utilizado desde o surgimento da linguagem: há uma ideia, um objetivo a ser atingido e um sujeito a ser convencido de que a ideia pode ser boa e, se convencido, o objetivo será atingido. Os argumentos nada mais são que as qualidades da ideia e o poder de convencimento do locutor. As crianças utilizam os argumentos muito bem quando querem ir a algum lugar ou querem algum brinquedo; os políticos, os advogados e os religiosos são especialistas na área da argumentação. E todos eles têm duas bases em comum para o desenvolvimento de uma argumentação eficaz: o conhecimento do assunto tratado e o conhecimento do outro, daquele que se deseja convencer.

ASPECTOS SOCIAIS DA COMUNICAÇÃO ORAL E ESCRITA

Compartilhamos da mesma genética que nos define como homem enquanto ser social. E por essa capacidade genética de pensamento, desenvolvemos a linguagem em resposta aos estímulos recebidos do meio social no qual estamos inseridos. Mas isso ocorreu de forma lenta e convencionada primeiramente pelos símbolos e signos como forma de comunicação. E a comunicação somente se estabeleceu nas necessidades expressas pelas pessoas e evoluiu por meio de símbolos, gestos, desenhos, pinturas até atingir a forma atual de linguagem. A linguagem oral ou escrita se organiza dentro de cada grupo de falantes pela "língua", ou seja, a parte da cognição humana que formulou um conjunto de caracteres pertencentes a uma mesma comunidade linguística.

A linguagem é informal e espontânea, o que faz o falante interagir com naturalidade com outra pessoa. Isso ocorre porque o pensamento é dinâmico e se concretiza na fala sem o comprometimento formal e estético. Para Saussure (2006), a língua é composta por um sistema de signos, um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. A língua se organiza sob um sistema de signos convencionados, é um código que



objetiva estabelecer uma comunicação entre emissor e receptor. E para compreendê-la, é fundamental diferenciá-la da fala. Fala é "a parte social da linguagem", exterior ao indivíduo; não pode ser modificada pelo falante e obedece às leis convencionadas socialmente pelos membros da comunidade.

Apesar da fala e da escrita serem duas modalidades de um mesmo sistema linguístico de uma língua pátria, existem entre elas diferenças estruturais, porque diferem nos seus modos de aquisição, nas suas condições de produção e transmissão.

Segundo Fávero *et al.* (2005, p.74), podemos observar traços distintivos entre a fala e a escrita organizados no quadro abaixo:

FALA	ESCRITA
O texto mostra todo seu processo de criação	O texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado
Interação face a face	Interação a distância (espaço-temporal)
Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção	Planejamento anterior à produção
Criação coletiva: administrada passo a passo	Criação individual
Impossibilidade de apagamento	Possibilidade de revisão

Anotações

Sem condições de consulta a outros textos	Livre consulta
Reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor	A Reformulação é promovida apenas pelo escritor
O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor	O escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor

Fonte: Fávero *et al.* (2005, p.74)

Então, podemos dizer que:

A fala e a escrita são formas de transmissões das ideias, dos conhecimentos acumulados, dos hábitos práticos, das experiências de vida de uma geração para outra e promove a educação das novas gerações. A escrita é uma das formas de expressão da linguagem oral. É a grafia da fala sistematizada dentro da gramática.

A GRAMÁTICA

Uma comunicação coerente baseia-se nas regras gramaticais que foram construídas na lógica da comunicação humana, ou seja, a comunicação humana foi evoluindo através dos tempos e estabelecendo suas regras gramaticais as quais foram sistematizadas e registradas em livros. Com o passar do tempo, comunicação e gramática passaram a ser campo de estudos de áreas distintas, porém indissociáveis, pois ambas se completam.

A organização da gramática tradicional foi descrita pela primeira vez por Dionísio da Trácia no século II a.C. com o objetivo de oferecer os padrões linguísticos para as obras de escritores consagrados, limitando-se à língua literária grega. Foi organizada para transmitir o patrimônio literário grego e serviu de modelo para a tradição gramatical ocidental com o apoio das línguas grega e latina, sendo aplicada posteriormente à descrição de diversas línguas (CHAPANSKI, 2003).

Anotações

Saiba mais sobre o Assunto

A parte da gramática que estuda a origem e evolução da língua é a Gramática histórica.

A comparação entre as diversas línguas é feita pela Gramática Comparativa que se dedica ao estudo comparado de uma família de línguas. O Português, por exemplo, faz parte da Gramática Comparativa das línguas românicas.

Gramática Comparativa Houaiss: Quatro Línguas Românicas.

Autores: José Carlos de Azeredo, Godofredo de Oliveira Neto, Ana Maria Brito e outros
Edição: 1ª

Editora: Publifolha

Ano: 2011

No livro Gramática Comparativa Houaiss: Quatro Línguas Românicas destacam-se semelhanças entre quatro idiomas que têm o latim como origem comum: o português, o espanhol, o francês e o italiano. Com quadros comparativos de vocabulário e normas dessas línguas românicas é possível que falantes de português, espanhol, italiano e francês se entendam ou conversem entre si sem precisar recorrer a um terceiro idioma.

A gramática tradicional se preocupa com a linguagem padrão e tende a considerar como incorreto o emprego de formas não consagradas ou coloquiais, tanto no falar como no escrever. Seu ensino é descritivo e prescritivo e privilegia a norma culta. Segundo Travaglia (2006), há três concepções de gramática, as quais são: Gramática normativa, descritiva e internalizada.

A Gramática normativa estabelece as regras e normas a serem seguidas pelos falantes da língua e considera erro o que foge a essas regras. É dividida em três partes: a fonética, que estuda os sons da fala; a morfologia, que estuda as classes gramaticais e a sintaxe que estuda

a função que as palavras desempenham dentro da oração como concordância, regência e a disposição da palavra na frase. Para que se possa compreender o uso dos pronomes relativos, a colocação pronominal e as várias relações de concordância, por exemplo, dentro da frase, e esta dentro do período, é importante realizarmos uma análise sintática que é a parte da gramática normativa que se preocupa com a organização das palavras na sentença.

Acreditamos que você deve ter feito muitas análises sintáticas em sua vida escolar, abaixo segue um modelo para que você se lembre desses exercícios:

Modelo de análise sintática:
Aquela menina trouxe uma bela flor para a mãe ontem.
Sujeito predicado
Sujeito simples: Aquela menina
Núcleo do sujeito: menina
Adjunto adnominal: Aquela
Predicado verbal: trouxe uma bela flor para a mãe ontem
Núcleo do predicado: trouxe
Objeto direto: uma bela flor
Núcleo do objeto direto: flor
Adjunto adnominal: uma, bela
Objeto indireto: para a mãe
Núcleo do objeto indireto: mãe
Adjunto adnominal: a
Adjunto adverbial de tempo: ontem
Obs.: Para é preposição: não tem função sintática.
Fonte: as autoras

Anotações

A Gramática descritiva se ocupa com a descrição da forma e do funcionamento da língua, se refere à formação do discurso concreto utilizado pelos falantes dentro das regras gramaticais estabelecidas. Sua função é investigar, descrever e registrar as variedades da língua, em um dado momento de sua existência, estudando os seus mecanismos, construindo hipóteses que expliquem seu funcionamento. Não leva em conta o conceito de certo ou errado, mas o que funciona como meio de comunicação; considera que existe apenas o adequado e o inadequado ao contexto.

A Gramática internalizada ocorre por meio da internalização do conjunto de regras normativas de uso da língua pelos seus usuários. De acordo com Luft (2008), essa internalização ocorre na medida em que se convive com falantes da mesma língua, denominada pelo autor de saber linguístico. Para Travaglia, "não há erro linguístico nessa concepção de gramática, mas sim o uso inapropriado de interação de situações comunicativas por não atender as normas sociais de uso da língua" (TRAVAGLIA, 2006, p. 29).

A Gramática Internalizada é a responsável por não falarmos a frase "Vejo flor uma linda", porque temos internalizado que o artigo "uma" precede o substantivo e o adjetivo "Vejo uma linda flor" ou "Vejo uma flor linda".

Para clarificar essas ideias, observemos o quadro comparativo das gramáticas, construído por Possenti (1996).

TIPO DE GRAMÁTICA	NORMATIVA	DESCRITIVA	INTERNALIZADA
O que é regra?	Algo que deve ser seguido por todos os falantes	O que é seguido no uso de cada comunidade	O que cada falante mobiliza ao falar
Qual a função gramática?	Prescrever como o falante deve se expressar	Descrever ou explicar os vários funcionamentos possíveis de uma língua	Auxiliar para saber incoscientemente como se usa

Anotações

O que é língua?	Forma de expressão de uma classe socialmente mais favorecida	Forma de expressão heterogênea, mutável, variável, com pequeno índice de regularidade	Maquinário cerebral que permite ao falante aprender a forma de expressão de seu "habitat natural"
O que é erro?	O que foge à variedade eleita com a língua	Formas ou construções que não fazem parte de quaisquer das variantes de uma língua	Formulação e interiorização de regras equivocadas

Fonte: Possenti (1996, p. 66)

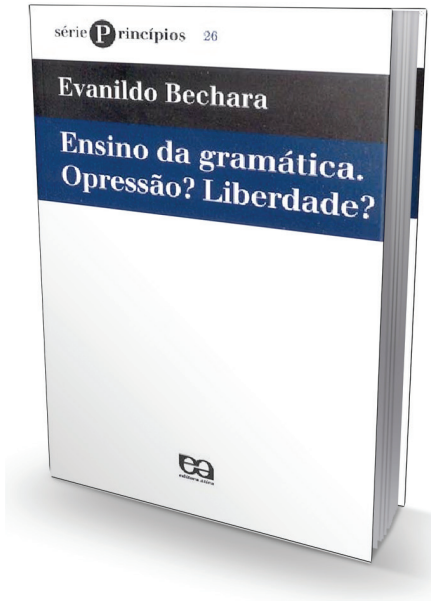
Não podemos e não devemos impor um modo de falar, assim como também não podemos abolir o ensino da gramática normativa. O que se deve buscar é o equilíbrio, disponibilizar as várias possibilidades de usos da língua, como bem afirma o gramático Evanildo Bechara (2002), "A língua não se 'impõe' ao indivíduo (embora isso frequentemente se costume dizer): o indivíduo 'dispõe' dela para manifestar sua liberdade de expressão" (BECHARA, 2002, p. 13). Não se pode impor nem uma nem outra forma de uso da língua, o indivíduo pode optar entre uma ou outra ou entre o uso de todas as modalidades que estão a seu dispor, pois como afirma o autor, devemos ser poliglotas dentro de nossa própria língua.

De todas as práticas escolares, a mais questionada pela Linguística foi o ensino gramatical, devido ao fato de que se ensinava a ortografia de forma isolada e a prática do apontamento do erro em virtude do acerto ocasionava a exclusão. Mas assim como temos linguistas que criticam o ensino da gramática normativa, temos também gramáticos que criticam a linguística. Bechara (2002) é um desses gramáticos, e em suas críticas o autor destaca dois pontos: o primeiro ponto se refere à elevação demasiada do ensino da língua oral, instaurando um movimento contra o ensino da gramática normativa, e o segundo ponto se refere ao lado político, quando se leva ao extremo a visão de que as classes desfavorecidas permaneçam com seus falares, não aceitando a imposição do linguajar da classe dominante. Para o autor, esta visão nega o acesso das classes marginalizadas à cultura dominante.

Anotações

Para Bechara (2002), nada é mais antidemocrático que a perpetuação da exclusão da classe subalterna e essa perpetuação ocorre pela falta de opção do sujeito excluído. Dentre as opções a serem dadas para sua libertação, uma é o domínio da norma culta da língua. O autor faz uma crítica sobre a ênfase no uso monolinguístico, isso é, ou só se privilegia a norma culta utilizada pela classe conceituada dominante ou só se privilegia a norma popular utilizada pela classe denominada de oprimida. Dessa forma, exclui de um ou de outro a possibilidade de diversificar suas opções, perpetuando as distinções entre os linguajares que identificam cada classe sem que seus participantes tenham a opção de mudança.

Para saber mais leia o livro:



Ensino de Gramática. Opressão? Liberdade?

Autor: Ivanildo Bechara

Edição: 11ª

Editora: Ática

Ano: 2002

Este livro também pode ser encontrado na Biblioteca virtual do CESUMAR, é só entrar no AVA, clicar no item Biblioteca Virtual Pearson e digitar o nome do livro na caixa de busca.

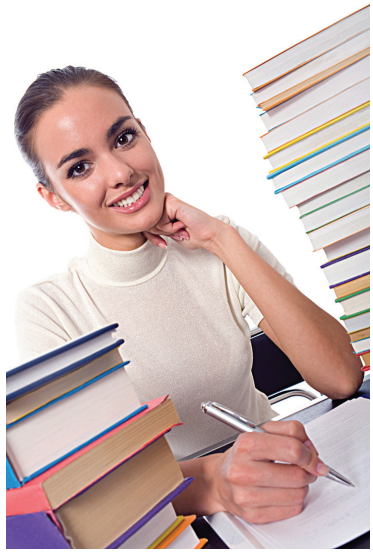
É por meio do uso da língua que o sujeito constrói sua identidade social, recebe e transmite informações, ideias, culturas e conceitos, portanto, limitar o conhecimento da língua seria o mesmo que limitar o campo de atuação do sujeito, dessa forma entendemos que todos devem ter acesso a todas as informações que contribuam com o desenvolvimento pleno das competências linguísticas adequadas para cada ocasião, incluindo as variantes da linguagem escrita e a norma culta presentes em situações que envolvem o aspecto profissional e social.

A norma culta tanto rege o falar como o escrever utilizados em ocasiões de formalidade, em documentos e situações de cunho profissional e social e segue os padrões gramaticais instituídos por convenções linguísticas. Dessa forma, o estudo da ortografia é parte integrante do ensino da língua quando se almeja instrumentalizar os cidadãos na perspectiva de participação ativa na sociedade.

Para o emprego gramatical correto da língua portuguesa, precisamos nos interar das mudanças ocorridas com a nova ortografia.

Anotações

A NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA



Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

Com o novo acordo ortográfico, ocorreram modificações somente na língua escrita, não afetando a língua falada, e não serão eliminadas todas as diferenças ortográficas existentes nos países que têm a língua portuguesa como idioma oficial, sendo esse um objetivo que se pretende atingir no decorrer da evolução da língua portuguesa. Como bem definiu Bechara (2009), a língua portuguesa está de roupa nova.

A escrita padronizada para todos os usuários da língua portuguesa foi idealizada pelo filólogo brasileiro Antônio Houaiss (1915-1999). Como um dos grandes estudiosos da língua brasileira, ele considerava imprescindível que todos os países lusófonos tivessem uma mesma ortografia. Segundo Antônio Houaiss, o acordo seria necessário para fixar e delimitar as diferenças existentes entre os falantes da língua, e assim, criar uma comunidade que constituísse uma unidade linguística expressiva, o que proporcionaria a ampliação do prestígio linguístico junto aos organismos internacionais. No seu livro “Sugestões para uma política da língua”, Antônio Houaiss defende a essência de embasamentos comuns na variedade do português falado no Brasil e em Portugal (HOUAISS, 1960).

Anotações

A lei que estabelece o novo acordo ortográfico foi sancionada pelo Presidente da República (BRASIL, 2008) e entrou em vigor em 01/01/2009. Trata-se de um marco importante da criação de uma ortografia unificada, a ser usada por todos os países lusófonos que têm a Língua Portuguesa como idioma oficial. Lusofonia é o conjunto de identidades culturais existentes em países, regiões, estados ou cidades falantes da língua portuguesa.

Essa normatização firmou-se no Brasil com a assinatura do Decreto n° 6.583/2008, que em seu artigo 2°, parágrafo único, determinou um prazo de transição e adaptação entre 1° de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2008). Portanto, a partir de 2013 todos deverão utilizar as regras do novo acordo ortográfico nas produções que utilizam a língua portuguesa na sua forma escrita. No Brasil, 0,5% das palavras sofreram modificações, em Portugal e nos demais países lusófonos, as mudanças foram de 1,6% do vocabulário total.

Nessas mudanças há aspectos positivos e negativos que envolvem direta ou indiretamente todos os usuários da língua portuguesa.

Quanto aos aspectos positivos, podemos dizer que:

1. Haverá aproximação da oralidade à escrita.
2. Conceitua-se como a evolução da língua portuguesa.
3. Unificação da mesma escrita e fala para a Língua Portuguesa, simplificando o ensino, aprendizagem e pesquisa em países de língua oficial portuguesa.
4. Fortalecimento da cooperação educacional dos países da CPLP.
5. Pequena quantidade de vocábulos alterados (1,6% em Portugal e 0,45% no Brasil).
6. A unificação das grafias fortalece a Língua Portuguesa no panorama mundial e a evidencia como o 5º idioma mais falado mundialmente e o 3º no mundo ocidental.

Observação: a Língua Portuguesa era a única língua no mundo que possuía duas grafias oficiais.

Porém, o firmamento desse acordo não deixou de ser visto por estudiosos da língua,

Anotações

pesquisadores e cientistas sociais como medidas políticas firmadas entre os países envolvidos para atender interesses socioeconômicos e políticos. Apesar de serem poucas as mudanças deixadas pelo novo acordo para os falantes de língua portuguesa no Brasil, alguns dicionaristas, editores, gramáticos e professores brasileiros têm se revelado críticos e desfavoráveis a essa padronização linguística, pois altera grande parcela dos materiais já existentes. Para Pasquale Cipra Neto (2008), conceituado professor de português do Brasil, o acordo ortográfico entre os países lusófonos é "inútil e desnecessário" e não terá qualquer influência no papel da língua portuguesa em nível internacional. Baseados nas críticas postuladas, podem ser enumerados alguns aspectos negativos para a unificação ortográfica.

Aspectos Negativos:

1. Provocou uma evolução forçada da língua. O fato da inexistência de um acordo ortográfico favoreceria o dinamismo da língua, permitindo que cada país divergisse e evoluísse naturalmente, pelas próprias pressões de mudanças dos diferentes contextos geossocioculturais.
2. A modificação da língua deve ser uma evolução natural pela ação do falante no decorrer do tempo.
3. O acordo quer resolver um problema gráfico que na verdade não existia, uma vez que as variantes escritas da língua são perfeitamente compreensíveis por todos os leitores de todos os países da CPLP.
4. Provoca um desrespeito pela etimologia das palavras.
5. Perante um léxico tão rico existente na Língua Portuguesa, esse acordo desencadeia uma não correspondência da escrita à oralidade.
6. Processo dispendioso; alto custo financeiro devido à revisão, nova publicação e substituição de todas as obras escritas, principalmente para as instituições públicas.
7. Os materiais didáticos e dicionários tornaram-se desatualizados, obsoletos; as partes modificadas ocasionam a aquisição e incorporação de novas obras para pesquisas, o que envolve ônus para os cofres governamentais.
8. Reaprendizagem das mudanças ocorridas por grande número de pessoas, inclusive por profissionais da educação para poderem novamente ensinar.

Independente de nossa opinião, o acordo está firmado e institucionalizado e cabe a nós nos adaptarmos às novas regras. Baseados em Houaiss (2008), expomos as mudanças efetivadas no alfabeto e na ortografia da Língua Portuguesa no Brasil.

1. O alfabeto passa a ter 26 letras.

Foram introduzidas as letras "k", "w" e "y". Anteriormente o alfabeto brasileiro era reconhecido com 23 letras.

A B C D E F G H

I J **K** L M N O P Q R

S T U V **W** X **Y** Z

Perceba que no Brasil, as letras "k", "w" e "y" já eram constatadas em várias situações. Por exemplo:

1. Na escrita de símbolos de unidades de medida:
   - km (quilômetro), kg (quilograma), W (watt).
2. Na escrita de palavras e nomes estrangeiros e seus derivados:
   - playboy, playground, show, shopping, windsurf, Wagner, William, Wellington, kaiser, kantiano, King Kelly, Kátia, Kong, kung fu.

2. O Uso do Trema.

A partir de 2013 acabou o sinal linguístico (¨). Não se usa mais o trema (¨) sobre a letra “u” para indicar que ele deve ser pronunciado nos grupos gue, gui, que, qui.

Exemplos:

- Bilíngüe - bilíngue
- Lingüística - linguística
- Cinqüenta - cinquenta
- Liqüidificador - liquidificador

Permanece o trema nas palavras estrangeiras e em suas derivadas, principalmente em nomes próprios.

Anotações

Exemplos: Bündchen, Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano.

3. Não são mais acentuadas as palavras paroxítonas com ditongos abertos.

Para o novo sistema ortográfico, desaparecem os acentos dos ditongos abertos tônicos que se encontram na penúltima sílaba das palavras, ou seja, nas paroxítonas. Para que você assimile essa regra, precisa entender que na língua portuguesa a palavra é classificada quanto à posição da sílaba tônica, o que pode determinar acento gráfico ou não. Essa classificação é simples, no entanto fácil de ser confundida. Para classificar corretamente, precisamos entender que sílaba é o conjunto de um ou mais sons pronunciados num único impulso de voz. São três classificações possíveis: oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Para classificar ,contamos sempre de trás para frente.

OXÍTONA: quando a sílaba mais forte da palavra é a primeira. Ex.: português (por – tu – guês).

PAROXÍTONA: é quando a sílaba mais forte da palavra é a segunda. Ex.: mudança (mu – dan – ça).

PROPAROXÍTONA: é quando a sílaba mais forte da palavra é a terceira. Ex.: gramática – (gra - má - ti – ca).

Já compreendemos o que é uma paroxítona. Mas o que significa uma palavra ser “ditongo aberto”?

Para você entender isso, precisa saber o que são encontros vocálicos. Encontro vocálico é a junção de duas ou mais vogais dentro das palavras. Os encontros vocálicos são divididos em três tipos: ditongo, tritongo e hiato. Às vezes, as vogais se juntam na mesma sílaba. Nesse caso, pode ocorrer um ditongo (duas vogais) ou tritongo (três vogais). O hiato ocorre em sílaba separada. Para a particularidade da regra acima descrita para a nova ortografia, vamos nos deter na paroxítona com ditongo aberto.

Anotações

Mas o que é mesmo ditongo aberto?

Toda vez que ocorre ditongo, o encontro de duas vogais na sílaba, uma é vogal e a outra é semivogal. E são classificadas pela posição da língua na cavidade bucal no momento da emissão dos sons, classificando-se em vogais: abertas, fechadas e reduzidas.

Com a língua na posição baixa, produz-se as vogais de timbre aberto: [a, é, ó]. Com a elevação da língua, produz-se as vogais de timbre fechado: [ê, ô, i, u]. E nas reduzidas, o timbre é quase imperceptível. Na Língua Portuguesa são consideradas semi-vogais [/i/ e /u/]. São exemplos de ditongo aberto (quando se une uma vogal de timbre aberto a uma semivogal ou vice-versa).

Para entender, vamos rever como era o antes e o agora na nova ortografia.

Antes	**Agora**
alcatéia	alcateia
alcalóide	alcaloide
andróide	androide
apóia (verbo apoiar)	apoia
apóio (verbo apoiar)	apoio
bóia	boia
colméia	colmeia
Coréia	Coreia
estréia	estreia
geléia	geleia

Anotações

heróico	heroico
idéia	ideia
platéia	plateia
paranóico	paranoico
paleozóico	paleozoico

Observação:

Os nomes de lugares também sofrem alteração. Escreveremos, portanto, Coreia, Jureia, Boraceia, Cananeia, Pompeia etc. Entretanto, “Ilhéus” mantém o acento por ser uma palavra oxítona.

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

Mas preste atenção! Continuam a ser acentuadas as palavras oxítonas (última sílaba tônica)

Anotações

terminadas em éi, éu e ói.

Exemplos:

troféu, chapéu, papéis, heróis etc.

4. Nas palavras paroxítonas, não se usa mais o acento no "i" e no "u" tônicos quando vierem depois de um ditongo.

Exemplos:

Antes	Agora
Baiúca	baiuca
Bocaiúva	bocaiuva
Feiúra	feiura
Cauíla	cauila

Atenção: se a palavra for oxítona e o "i" ou o "u" estiverem em posição final (ou seguidos de s), o acento permanece inalterado.

Exemplos:

- tuiuiú, tuiuiús, Piauí.

E se o i ou o u forem precedidos de ditongo crescente, o acento permanece. Exemplos: guaíba, Guaíra.

5. Não se usa mais o acento nas palavras que terminam em "êem" e "ôo(s)".

Anotações

Exemplos:

Antes	Agora
abençôo	abençoo
crêem (verbo crer)	creem
Enjôo	enjoo
lêem (verbo ler)	leem
vêem (verbo ver)	veem
vôos	voos

6. Não se usa mais o acento que diferenciava os pares: pára/para; péla/pela, pêlo/pelo; pólo/polo e pêra/pera.

Exemplos:

- O guarda pára o trânsito. O guarda para o trânsito.
- Viajou para o pólo Norte. Viajou para o polo Norte.
- O pólo é um jogo antigo. O polo é um jogo antigo.
- Ele tem pêlos brancos. Ele tem pelos brancos.
- Comer pêra faz bem. Comer pera faz bem.

Anotações

Atenção: você deverá estar bem atento(a) ao contexto para entender o significado das palavras.

7. Permanece o acento diferencial em pôde/pode.

Atenção:

- Pôde é a forma do pretérito perfeito do indicativo do verbo poder, na 3ª pessoa do singular.
- Pode é a forma do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular.

Exemplo: ontem, ele pôde comparecer na escola, mas hoje ele não pode.

Observação: é a contextualização que lhe proporcionará o significado do vocábulo.

8. Permanece o acento diferencial em "pôr" (verbo). E lembre-se que "por" preposição não leva acento gráfico.

Exemplos:

- Vou pôr o preço justo no artesanato feito por mim.
- Ao pôr o livro na prateleira, tenha cuidado para não amassá-lo.

9. Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos ter e vir, assim como de seus derivados (manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir etc.).

Exemplos:

- Ele tem três filhos. Eles têm três filhos.
- Ela vem de ônibus. Elas vêm de ônibus.
- Ele mantém o acordo. Eles mantêm o acordo.

Anotações

Quando tudo parecia simples para compor uma palavra com apenas um traço, formando assim uma palavra composta, surgem regras para o uso do hífen na nova convenção ortográfica. Regras muito criticadas pelos linguistas. Para as mudanças relacionadas ao novo emprego do hífen, foram atribuídas as maiores queixas, entre elas a de que a nova regra descaracterizou algumas palavras. Veremos essa unificação de forma bem gradual para que possamos entender bem esse caso. Vamos apresentar cada particularidade do hífen pela nova reforma ortográfica. E pelas exemplificações, esperamos que você assimile as alterações gráficas para o "uso do hífen". Mas lembre-se que somente a prática levará à competência da escrita.

Circunstâncias linguísticas a que se deve o emprego do hífen:

1- O hífen passa a ser usado quando o prefixo termina em vogal e a segunda palavra começa com a mesma vogal.

Antes do acordo ortográfico, a palavra "micro-ondas "escrevia-se sem hífen, "microondas".

Pela nova regra, escreve-se com hífen porque o prefixo "micro" termina com a vogal "o", a mesma vogal com que se inicia o segundo elemento dessa junção, "ondas".

Exemplos**:**

- anti-inflamatório, anti-inflacionário, micro-organismo, micro-ônibus, micro-ondas.

Importante lembrar: essa regra padroniza algumas grafias já vigentes antes do acordo ortográfico. Exemplos:

- auto-observação – auto-ônibus – contra-atacar etc.

Exceção: tal regra não se aplica aos prefixos "-co", "-pro", "-re", mesmo que a segunda palavra comece com a mesma vogal que termina o prefixo.

- coobrigar – coordenar – reeditar – proótico etc.

Anotações

2- Com prefixos, usa-se sempre o hífen diante de palavras iniciadas por “h”.

Exemplos:

- anti-higiênico, sobre-humano, super-homem etc.

Exceção: subumano. (Nesse caso, a palavra humano perde o h).

3- Com os prefixos "sub" e "sob", usa-se o hífen também diante de palavras iniciadas por “r”:

Exemplos:

- sub-raça, sub-regional, sub-ritual, sub-roupa, sub-rua, sob-roda etc.

4- Com os prefixos "circum" e "pan", usa-se o hífen diante de palavras iniciadas por “m”, “n”, “h” e “vogal”:

Exemplos:

- circum-navegação, pan-americano, circum-hospitalar, pan-helenismo, circum-adjacente, circum-ambiente, circum-murado, pan-mixia etc.

5- Com os prefixos “além, ex, sem, aquém, recém, pós, pré, pró e vice”, sempre se usa o hífen.

Exemplos:

- além-túmulo, aquém-mar, ex-aluno, ex-presidente, ex-hospedeiro, pré-aquecido, pré-história, pré-vestibular, pós-graduação, pró-europeu, recém-nascido, recém-casado, sem-terra, vice-rei.

Exceção: com os prefixos pre e re, não se usa o hífen diante de palavras começadas por “e”.

Anotações

Exemplos:

- preexistente, preelaborar, reescrever, reedição etc.

6- Na formação de palavras com ab**,** ob e ad, usa-se o hífen diante de palavras começadas por "b"**,** "d" ou "r". Exemplos:

- ad-digital, ad-renal, ob-rogar, ab-rogar etc.

7- Com o prefixo “mal” usa-se o hífen quando a palavra seguinte começar por vogal, "h" ou "l".

Exemplos:

- mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-limpo, mal-intencionado, mal-educado etc.

Exemplos que não se enquadram nessa regra, portanto são escritos sem hífen:

- Malcriado, malfeito, malformado, maldotado, malsucedido, malplanejado, maltratado, malnascido, malfalante etc.

8- Com o prefixo “bem” – usa-se o hífen quando a palavra seguinte começar por vogal ou **“**h”**.**

Exemplos:

- bem-estar, bem-aventurado, bem-humorado, bem-merecido, etc.

Exceção**:** entretanto, o advérbio “bem” aparece aglutinado (fusão/união) com o segundo elemento em alguns compostos:

Exemplos: benfazer, benfeito, benfeitor, benquerer, benquisto, benquerença, bendizer, bendito.

9 - Usa-se o hífen com sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como “açu, guaçu, mirim”.

Anotações

Exemplos:

- capim-açu, abare-guaçu, anda-açu, amoré-guaçu, anajá-mirim, ingá-mirim etc.

10- Usa-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares.

Exemplos:

- Ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo etc.

11- O hífen ainda permanece em palavras compostas desprovidas de elemento de ligação, como também naquelas que designam espécies botânicas e zoológicas.

Exemplos:

- azul-escuro, bem-te-vi, couve-flor, guarda-chuva, erva-doce, pimenta-de-cheiro etc.

Não se emprega mais o hífen nos seguintes casos:

Para alguns linguistas, o problema não está no emprego do “hífen” e sim no seu desemprego! Temos que acomodar essas mudanças!

1- Em locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas ou conjuntivas.

Exemplos:

- fim de semana, café com leite etc.

Anotações

Exceção:

O hífen ainda permanece em alguns casos, expressos por:

- água-de-colônia, água-de-coco, cor-de-rosa, amor-próprio etc.

2- Não se usa o hífen: quando o prefixo termina em vogal diferente da vogal com que se inicia o segundo elemento.

Exemplos:

- Aeroespacial, agroindustrial, antiaére**o,** anteontem, autoestrada, autoescola, extraescolar, infraestrutura, pluria**n**ual, semiaberta, semiesférico etc.

Exceção para essa regra:

O prefixo “co” aglutina-se com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia pela letra "o" ou "h".

Exemplos:

- coobrigar, coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coopositor, coocupante, coeducação, coeleitor, coelaborado, coparticipante, contraordem, contraindicação, coedição, coeducar, cofundador etc.

Observação: no caso do “h” ele deve ser cortado ao aglutinar-se ao prefixo “co”.

Exemplos:

- coabitação, coerdeiro etc.

3- Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por consoante diferente de “r” ou “s”.

Anotações

Exemplos:

- anteprojeto, antipedagógico, autopeça, autoproteção, microcomputador, geopolítica, seminovo, semicírculo, semideus etc.

Exceção:

Com o prefixo vice, usa-se sempre o hífen.

Exemplos: vice-secretário, vice-diretor, vice-rei etc.

4- Quando o prefixo terminar por consoante, não se usa o hífen se o segundo elemento começar por vogal.

Exemplos:

- hiperacidez, hiperativo, interescolar, interestadual, interestelar, superamigo, superaquecimento, supereconômico, superexigente, superinteressante, superagitado etc.

5- Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam o sentido de composição. Exemplos:

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

Anotações

- Girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista etc.

6- Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por r ou s. Nesse caso, duplicam-se essas letras. Exemplos:

- Antissocial, antirreligioso, antirrugas etc.

Lembrete: a ortografia é convenção e a exigência ao cumprimento das novas normas será a partir de 31 de dezembro de 2012. A sua convenção e obrigatoriedade envolve instâncias políticas, econômicas e sociais. Portanto, a língua é um instrumento de poder!

Você deve estar se questionando como dominar todas estas informações para sedimentar um aprendizado. Para isso é necessário recorrer às pesquisas quando surgirem as dúvidas. Ao fazer isso você estará construindo um novo conhecimento a respeito das mudanças ocorridas na Língua Portuguesa.

Anotações

Saiba mais sobre o Assunto

Cronologia das reformas ortográficas da língua portuguesa:

<http://www.soportugues.com.br/secoes/acordo_ortografico/acordo_ortografico1.php>.

Novo acordo ortográfico – por Carlos Alberto Faraco:

<http://www.parabolaeditorial.com.br/downloads/novoacordo2.pdf>.

Sugestão de Vídeo

Assista ao vídeo abaixo, reflita, discuta com seus colegas e emita sua opinião nas nossas salas de interação:

O que é mais importante: falar gramaticalmente correto ou conseguir emitir a mensagem?

<http://www.youtube.com/watch?v=kRdrDLrr_fM>.

Tempo de duração: 2 minutos e 36 segundos.

Anotações

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem distingue-se dos animais irracionais por ter a capacidade de raciocínio e de expressar esse raciocínio por meio da linguagem. No processo evolutivo da linguagem, o homem constituiu-se em um ser dotado do poder de interagir, produzir, transformar e perpetuar sua espécie. Não fosse o ato de comunicar-se, o homem dificilmente teria evoluído, os povos teriam se perdido no esvaziamento de suas culturas ao não registrarem suas conquistas e seus erros e as gerações posteriores correriam o risco de repeti-los por não haver registros de experiências passadas.

A institucionalização da comunicação foi possível porque, primeiro, foi descoberta a possibilidade de materializar o som da fala, depois essa descoberta foi sistematizada e transmitida para as outras gerações e evoluiu naturalmente com seus usuários até chegar no que temos hoje definido por língua e linguagem.

Se quisermos entender a evolução da atividade comunicativa, basta observarmos um bebê, ele é o protótipo da evolução da linguagem humana. Começa com alguns sons, esboça algumas palavras, aprende a falar, descobre que a fala pode ser materializada na escrita e começa a produzir novas formas de comunicar-se. Essa é a essência da vida: comunicar-se, transmitir uma mensagem, posicionar-se diante da vida.

A aquisição da linguagem não é um fim, é um começo de evolutivas etapas de conhecimento e interação que vão se aprimorando nos níveis subsequentes de estudos e aperfeiçoamentos. Nessa etapa de nosso trabalho, nosso objetivo foi contribuir com esse aprimoramento e fomentar a percepção da comunicação como um ato social ao alcance de todos e capaz de transformação e ascensão social.

ATIVIDADE DE AUTOESTUDO

1- A Linguística é uma ciência que se ocupa dos processos de ensino e aprendizagem. Releia a respeito dos campos de atuação dessa área de estudos e explique qual sua influência no processo de ensino da Língua Portuguesa.

2- O ensino tradicional da gramática foi alvo de intensas críticas por parte dos linguistas, isso porque ele ocorria de forma descontextualizada e a prática do apontamento do erro gera consequências indesejáveis no processo de aprendizagem. Explique quais são essas consequências.

_____

_____

3 - Em sala de aula deve ser respeitado o linguajar utilizado pelos nossos alunos, pois este é proveniente de seu mundo, sua cultura, mas por outro lado devemos ensinar-lhes a norma culta. Explique o porquê desse respeito e o porquê de termos que ensinar a norma culta da língua falada.

_____

_____

Leitura Complementar

Crônica retirada do livro escrito pelo autor Luis Fernando Veríssimo “Mais comédias para ler na escola.” Editora Objetiva, 2008.

O gigolô das palavras

Luis Fernando Veríssimo

Quatro ou cinco grupos diferentes de alunos do Farroupilha estiveram lá em casa numa mesma missão, designada por seu professor de Português: saber se eu considerava o estudo da Gramática indispensável para aprender e usar a nossa ou qualquer outra língua. Cada grupo portava seu gravador cassete, certamente o instrumento vital da pedagogia moderna, e andava arrecadando opiniões. Suspeitei de saída que o tal professor lia esta coluna, se descabelava diariamente com suas afrontas às leis da língua, e aproveitava aquela oportunidade para me desmascarar. Já estava até preparando, às pressas, minha defesa ("Culpa da revisão! Culpa da revisão!"). Mas os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse. Eles mesmos tinham escolhido os nomes a serem entrevistados. Vocês têm certeza que não pegaram o Veríssimo errado? Não. Então vamos em frente.

Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da Gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer "escrever claro" não é certo mas é claro, certo? O importante é comunicar. (E quando possível surpreender, iluminar, divertir,

mover... Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com Gramática.) A Gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas, e aí é de interesse restrito a necrólogos e professores de Latim, gente em geral pouco comunicativa. Aquela sombria gravidade que a gente nota nas fotografias em grupo dos membros da Academia Brasileira de Letras é de reprovação pelo Português ainda estar vivo. Eles só estão esperando, fardados, que o Português morra para poderem carregar o caixão e escrever sua autópsia definitiva. É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a Gramática é a estrutura da língua, mas sozinha não diz nada, não tem futuro. As múmias conversam entre si em Gramática pura.

Claro que eu não disse isso tudo para meus entrevistadores. E adverti que minha implicância com a Gramática na certa se devia à minha pouca intimidade com ela. Sempre fui péssimo em Português. Mas - isso eu disse - vejam vocês, a intimidade com a Gramática é tão indispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria. Sou um gigolô das palavras. Vivo às suas custas. E tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional. Abuso delas. Só uso as que eu conheço, as desconhecidas são perigosas e potencialmente traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro, peço delas flexões inomináveis para satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-as, sem dúvida. E jamais me deixo dominar por elas. Não me meto na sua vida particular. Não me interessa seu passado, suas origens, sua família nem o que outros já fizeram com elas. Se bem que não tenho o mínimo escrúpulo em roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. As palavras, afinal, vivem na boca do povo. São faladíssimas. Algumas são de baixíssimo calão. Não merecem o mínimo respeito.

Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quanto um gigolô que se apaixonasse pelo seu plantel. Acabaria tratando-as com a deferência de um namorado ou a tediosa formalidade de um marido. A palavra seria a sua patroa! Com que cuidados, com que temores e obséquios ele consentiria em sair com elas em público, alvo da impiedosa atenção dos lexicógrafos, etimologistas e colegas. Acabaria impotente, incapaz de uma conjunção. A Gramática precisa apanhar todos os dias pra saber quem é que manda.

UNIDADE II

CONCEPÇÕES DE LEITURA: DA DECODIFICAÇÃO AO LETRAMENTO

Professora Dra. Ivone Pingoello

Professora Me. Nilsa Correa Faria Meneguetti

Objetivos de Aprendizagem

- Entender os processos sociais da leitura.
- Distinguir as especificidades da leitura.
- Desenvolver competências críticas de leitura.

Plano de Estudo

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- **Fundamentos teóricos da leitura**
- **As etapas dos procedimentos de leitura**
- **As competências críticas de leitura**

INTRODUÇÃO

Quem já não se deparou com uma leitura angustiante, sofrida, em que a cada três linhas lidas voltavam-se quatro para buscar o entendimento do que se leu ou a cada dez palavras recorria-se ao dicionário perdendo o todo do texto? Processos que resultam em leitura cansativa devido a tantas paradas pelo caminho. Esse tipo de leitura normalmente ocorre quando as regras de uso da linguagem recebem maior atenção do leitor que a própria história contida no texto.

O procedimento adequado é a leitura para a fruição do sentido e, só ao final desta, retomar ou discutir o que ficou obscuro por conta da linguagem. Em uma primeira instância de leitura vem o prazer da descoberta da história, e em uma segunda a análise da linguagem.

O desenvolvimento da aprendizagem da leitura para fruição do texto pode ser iniciado no período de alfabetização, o desenvolvimento do ato de ler é uma condição prévia para o pleno desenvolvimento da cidadania autônoma.

A partir dos anos 80, os estudos sobre psicogênese da língua escrita trouxeram aos educadores a compreensão ampliada de alfabetização, não sendo mais uma condição ou estado assumido por aquele que aprende a ler e escrever pela apropriação de um código para decodificação da linguagem. No pensamento atual, o indivíduo alfabetizado deve se tornar um sujeito letrado, capaz de envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita porque “letrar” é mais que alfabetizar.

Anotações

FUNÇÕES DE LEITURA: DA DECODIFICAÇÃO AO LETRAMENTO

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

Os estudos sobre letramento se evidenciaram no Brasil nos anos 80 por meio de vários autores brasileiros, entre eles Magda Soares, que define o letramento como "[...] o uso efetivo e competente da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita" (SOARES, 2004, p. 89), portanto, "letrar" é uma ação educacional que compete aos professores pela responsabilidade da mediação docente em motivar o pensamento acadêmico para a busca da escrita e da leitura, numa consciência crítica da importância do letramento na vida social. Soares (2010) distingue a alfabetização de letramento de maneira que possamos entender a razão desse novo vocábulo. Para a autora, alfabetização é a ação de ensinar/aprender a ler e escrever e letramento o estado ou condição de quem aprendeu a ler e escrever e ainda cultiva e exerce as práticas sociais que usam a leitura e a escrita.

Um processo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita não pode ser construído como um mundo à parte, como uma simples decodificação, deve ter o preparo do sujeito para o exercício

Anotações

da sua cidadania, para vivenciar plenamente a cultura escrita e responder às demandas da realidade social.

Para uma formação humana, acadêmica e profissional é preciso aprofundar as habilidades leitoras e para isso a leitura tem que ser compreendida pelas suas etapas, níveis e concepções. Conforme esclarece Soares (2002):

> [...] do ponto de vista da dimensão individual de letramento (a leitura como uma 'tecnologia'), é um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, que se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. [...] refletir sobre o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamentos sobre o conteúdo (SOARES, 2002, pp. 68-69).

Dessa forma, é imprescindível a motivação do pensamento acadêmico para a busca da escrita e da leitura numa consciência crítica da importância do letramento na vida social do cidadão.

Observemos esse fragmento de texto abaixo:

Estudo Errado – Gabriel O Pensador

[...] Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Decoreba: esse é o método de ensino
Eles me tratam como ameba e assim eu não raciocínio
Não aprendo as causas e consequências só decoro os fatos
Desse jeito até história fica chato
Mas os velhos me disseram que o "porquê" é o segredo...

Fonte: <http://letras.mus.br/gabriel-pensador/66375/>. Acesso em: 04 out. 2012.

Caríssimo(a) aluno(a), ser alfabetizado sem estar letrado ocorre como dado no exemplo acima,

Anotações

no rap “Estudo Errado” de Gabriel, o Pensador quando ele diz: “Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi. Decoreba: esse é o método de ensino. Eles me tratam como ameba e assim eu não raciocínio”. Um ensino mecânico, sem reflexão e sem ampliação cognitiva que não permite a construção do conhecimento para se utilizar nas práticas sociais.

Sendo assim:

- Como você se avalia em relação à sua competência linguística?
- Como você define “leitura”?
- Você se considera um bom leitor?
- Qual a importância da leitura para a sua vida acadêmica e pessoal?
- Quais os objetivos que o conduzem nas suas leituras?

Para responder a essas questões você precisa estar apto para o processo de autoconhecimento. E, contudo, ser um leitor em processo, seletivo às leituras qualitativas as quais lhe proporcionarão senso crítico e a construção de conhecimento, que o protegerá da alienação e manipulação decorrente da ausência de leitura. Para isso, você deve ter em mente que cada leitura envolve uma relação dialógica entre autor e leitor, e que a escrita (voz do autor) interage pela leitura (pensamento do leitor), desvendada por uma ampla atribuição de sentidos.

ETAPAS DE LEITURAS

Conforme nos diz Freire (2006, p.11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ficando clara na concepção de leitura do autor a superação de decodificação de signos, devendo existir a partir da leitura uma relação direta com a vivência de cada um, na qual se interligam signos e significados para uma execução em conjunto.

Anotações

Para Cabral (1986), a boa leitura deve passar por quatro etapas: decodificação, compreensão, interpretação e retenção.

Decodificação: é o processo inicial da leitura, um ato superficial que compreende a identificação dos símbolos gráficos numa atribuição de significados.

Compreensão: é a segunda fase da leitura na qual ocorre a assimilação das informações textuais, sendo necessário ao leitor estar interado do assunto abordado para que possa atribuir sentido ao texto lido. É a análise do que está escrito por meio dos dados textuais.

Interpretação: é a capacidade de análise crítica do leitor frente ao texto e só ocorre depois da compreensão. Sem compreender não é possível ao leitor interpretar o que leu. Nessa etapa, o leitor recupera todas as informações e conhecimentos prévios sobre o assunto, estabelece a intertextualidade entre os textos, questiona, julga e tira conclusões a respeito do que leu, cabe a ele concordar ou contestar as colocações do autor.

Retenção: é a última fase da leitura na qual o leitor é capaz de armazenar na memória as informações mais importantes expostas pelo autor. Cabem então, analogias, comparações, reconhecimento do sentido de linguagens figuradas e ideias subtendidas. Para isso o leitor precisa estar dotado de senso crítico para abstração das informações implícitas no texto.

É imprescindível considerar cada uma das etapas de leitura para o seu processo de autoavaliação. Haja vista que o desempenho nessas etapas depende do nível de suas leituras, que podem ser compreendidas em leitura superficial, adequada e complexa.

A linguagem verbal, oral e escrita são as principais formas de comunicação humana, sendo que a leitura é a realização da escrita que por sua vez é a materialização da fala num processo cognitivo que envolve aptidões auditivas e visuais e as suas inter-relações dialéticas, portanto, envolve uma habilidade mental complexa.

Lembre-se: é pelo exercício da habilidade cognitiva que você conseguirá desenvolver a

capacidade de compreensão e produção textual necessária para transitar pelos diferentes setores sociais e exercer com propriedade a sua posição de cidadão. Para isso não há outro caminho que não seja a leitura, que possibilitará a você construir o seu conhecimento, pois tudo que vem pronto e acabado exige somente memorização, para assimilar é necessário refletir e este é o princípio da construção própria do conhecimento.

Na construção do conhecimento por meio da leitura faz-se necessário o contato com variados gêneros textuais, que consiste na variedade de textos discursivos que podem ser divididos para fins de análise em unidade de estilo, de composição e de tema. Os gêneros textuais podem ser agrupados das seguintes formas:

Narrativo: narração de fatos reais ou irreais. Ex.: conto, romance, novela, fábula.

Argumentativo: discussão de ideias. Ex.: artigos variados, editorial, trabalhos de conclusão de curso.

Descritivo: descrição de ambientes, objetos, pessoas etc. Ex.: instruções técnicas, bulas, receitas, regulamentos.

Os gêneros textuais definem a função social do texto e estão ligados às diferentes atividades humanas como contar histórias, defender uma ideia, persuadir, ensinar, entre outras atividades que podem ser configuradas pela escrita. Dessa forma, os gêneros textuais orientam a escolha do que ler conforme o objetivo de leitura.

AS COMPETÊNCIAS LEITORAS

Ao analisarmos a leitura nos amparamos nos pressupostos da pedagogia histórico-cultural por acreditarmos que a leitura é um processo disposto na dialogicidade dos sujeitos que utilizam instrumentos linguísticos para se interarem socialmente. Portanto, leitura é a interação entre o "dado" (conhecimento prévio do leitor) e o "novo" (conhecimento trazido pelo texto), resultando

Anotações

em uma mudança conceitual por parte do leitor (KOCH, 2007, p. 19).

Desta forma, o sentido do texto tanto pode variar conforme variam os gêneros e o contexto de sua publicação, como também podem variar de leitor para leitor e varia também a percepção do leitor no campo da evolução da leitura, pressupondo que uma leitura feita há alguns anos poderá ter seu sentido transformado ou aumentado em uma leitura posterior, acompanhando as mudanças ocorridas na evolução natural do leitor. Conforme evoluímos, evoluem nossos conceitos, nossas visões de mundo, o que antes era imperceptível, hoje é percebido em decorrência das informações obtidas no percurso natural da vida.

Na evolução leitora ampliam-se os processos de inferência. Para entendermos melhor o que é inferência, leia a piada abaixo:

Três sujeitos discutiam quem tinha a profissão mais antiga.

– Não que eu queira contar vantagem… – Disse o marceneiro. – Mas os meus antepassados construíram a Arca de Noé!

– Isso não é nada! – Respondeu o jardineiro. – Foram os meus antepassados que plantaram o Jardim do Éden!

– Tudo bem! – Disse o eletricista. – Mas quando Deus disse "Haja luz", quem vocês acham que tinha puxado a fiação?

(HARTMANN; SANTAROSA, 2009, p. 71)

Anotações

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

A piada só faz sentido se sabemos o que fazem um marceneiro, um jardineiro e um eletricista para entender as ações mencionadas na piada, e para que o humor seja atingido é necessário que se tenham conhecimento das histórias narradas na bíblia e a frase “Haja luz”. Sem esses conhecimentos a piada não seria engraçada, assim como outros gêneros textuais também não teriam sentido sem um conhecimento prévio sobre o assunto tratado no texto (HARTMANN; SANTAROSA, 2009). Dessa forma podemos considerar que inferência é a capacidade de utilizar a memória para estabelecermos relações entre os elementos que já conhecemos e os citados pelo autor.

Kleiman (2000) cita três níveis de conhecimentos essenciais para que a compreensão possa ocorrer. O conhecimento linguístico, conhecimento textual e conhecimento de mundo.

O conhecimento linguístico refere-se ao conhecimento da linguagem utilizada pelo autor do texto, do vocabulário, da língua. Se não há domínio da língua, não há compreensão textual.

O conhecimento textual é adquirido ao longo da aprendizagem de leitura quando se entra em contato com diferentes gêneros textuais, ao definirmos o gênero textual, sabemos

Anotações

antecipadamente qual a intenção do autor, se é a de informar, de divertir, de contar uma história, entre outras intenções.

O conhecimento de mundo é o que nos permite fazer inferências, é nossa percepção ativada por meio da nossa memória de situações ou leituras anteriores vivenciadas que estabelecerá relações entre os elementos já conhecidos e os citados pelo autor.

O processo de evolução do aprendizado da leitura começa na alfabetização e não tem fim, ele evolui acompanhando a evolução do sujeito, da sociedade como um todo. Dessa forma, temos vários grupos de leitores, cada qual em seu momento específico de evolução leitora.

Mortimer e Van Doren (2010) relatam que praticamente todos os leitores são capazes de reconhecer as palavras, as frases e seus significados e pronunciá-las oralmente; uma boa parte desses leitores podem se dar ao luxo, conforme relato dos autores, de perceber os erros ortográficos e gramaticais existentes em um texto; uma parte menor desses leitores são capazes de resumir o que leem e a minoria, segundo Mortimer e Van Doren (2010), conseguem identificar as principais ideias do texto, discutir as argumentações do autor comparando-as com outras fontes a fim de se chegar a uma conclusão. Esse último grupo possui a capacidade de transformar o que leu em conhecimento, assimilando e processando as informações contidas no texto.

Ao final da apresentação dos grupos de leitores, Mortimer e Van Doren (2010) perguntam:

A que grupo você pertence?

Os autores sugerem que se você pertence ao último grupo, você tem então a capacidade de ensinar o que sabe, pois sabe muito. Mas se você é do tipo que chega ao final do livro sem lembrar o início; que cochila lendo, mesmo sendo um assunto interessante; que compra um livro acreditando que ele é bom e após ler umas quinze páginas se desinteressa pela leitura acreditando que se enganou na compra; ao fazer o resumo de um livro ou de um texto, o resumo fica mais extenso que o desejável; sofre com as leituras obrigatórias do curso em que

Anotações

frequenta; em debates com os colegas sobre a leitura pergunta de onde os colegas tiraram tantas informações, sendo que a maioria delas você não encontrou na leitura; então você faz parte da maioria dos leitores (MORTIMER, VAN DOREN, 2010).

Para entendermos melhor o que isso significa, utilizamos dados expostos pelo jornalista Tiezzi (2012), nos informando que no início do século 20 tínhamos um percentual de 65% de analfabetos, baixando para 51% na década de 50, 13% no ano 2000, chegando a 8% nos tempos atuais.

Na linha do analfabetismo funcional, Tiezzi (2012) destaca pesquisas feitas pelo Instituto Paulo Montenegro em parceria com a ONG Ação Educativa que revelam anualmente o índice do analfabetismo funcional no Brasil por meio do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF). Os últimos dados do INAF apontaram que 75% dos brasileiros entre 15 e 64 anos foram considerados analfabetos funcionais, ou seja, a cada 4 brasileiros, apenas 1 é considerado letrado. Dentre esses 75% citados, 8% são os considerados analfabetos absolutos, 30% leem e conseguem compreender muito pouco do que leem e 37% conseguem entender alguma coisa do que leem, mas não conseguem interpretar e relacionar informações. Tiezzi (2012) destaca um dado curioso: o século XXI começou com um número de analfabetos funcionais maior do que de analfabetos absolutos apresentado no início do século XX.

Diante desta realidade levantamos um questionamento a você, caro(a) aluno(a):
Quem se beneficia com essa situação atual sobre a analfabetismo funcional?
Pense sobre isso, discuta com seus colegas e nos responda ao final desta unidade.

Se você não se enquadra no perfil do analfabeto funcional, pode se considerar um felizardo e se você está aqui hoje, além de felizardo você é um vitorioso, pois apenas 8% da população

Anotações

brasileira possui curso superior.

A cada nível alcançado ocorre uma mudança de comportamento, um avanço na capacidade intelectual e cognitiva. Tais mudanças ocorrem à medida que se atingem níveis mais elevados de compreensão de mundo proporcionados pela postura ativa diante das práticas sociais, entre elas a leitura.

É lendo que se aprende a ler e a cada leitura novas etapas de desenvolvimento leitor vão surgindo, dependendo da posição assumida pelo leitor. Mortimer e Van Doren (2010) acreditam que há duas posições que podem ser assumidas, são elas:

Leitura passiva: caracterizada pela mera recepção de informação desacompanhada da reflexão. É a leitura mecânica, objetivando apenas a prova, a apresentação de um trabalho, ocasionando uma memorização superficial. É quando sentimos sono ao ler ou quando fechamos o livro por achá-lo desinteressante, quando na verdade o desinteresse pode ser fruto da nossa passividade.

Leitura ativa: é determinada pelo grau de atividade por parte do leitor, sua presença dialógica num esforço constante em compreender a mensagem. É um leitor atento que volta a ler parágrafos que não ficaram claros, buscando o entrelaçamento das ideias do autor. A capacidade de compreensão leitora depende do grau de atividade cognitiva do leitor. Ao primeiro obstáculo, se abandonada a leitura, a possibilidade de se atingir um grau maior de compreensão é abandonada também. Ao passo que, se diante de uma dificuldade em se compreender o texto, recorre-se a releituras, busca de informações complementares, como o contexto do autor, da época em que o livro foi escrito, a possibilidade de se atingir um grau maior de compreensão leitora aumenta. Mortimer e Van Doren (2010) citam quatro níveis de leitura, os quais são:

Leitura Elementar – É o princípio elementar da decodificação da escrita oferecido nas primeiras séries do Ensino Fundamental. A pergunta norteadora é: “O que a frase diz?”.

Leitura Averiguativa – Pré-leitura ou garimpagem: é a busca de livros partindo de interesse

Anotações

próprio, é a garimpagem que se faz em livrarias, bibliotecas ou estantes virtuais; achando um livro com um título promissor, parte-se para a averiguação se o conteúdo vai ao encontro do que se busca lendo o sumário e o resumo. A pergunta norteadora é: “Este livro é sobre o quê?”.

A leitura averiguativa consiste em uma pré-leitura para a confirmação ou refutação de um livro dentro do que se procura, e dessa forma é uma atividade rápida que disponibiliza de pouco tempo, pois pode estar sendo feita em uma livraria, por exemplo.

Para uma boa garimpagem, Mortimer e Van Doren (2010) dão algumas sugestões:

– Cuidado com os títulos comerciais que visam somente a venda e são fracos em conteúdos.

– Verifique o nome do autor: é alguém conhecido, já citado em outros livros e textos?

– O livro foi publicado em uma única edição e há muitos anos? Sinal de que não houve muita procura por ele.

– O livro foi editado várias vezes? Significa que superou as expectativas de vendas.

– Todo livro possui uma ficha catalográfica com anotações dos tópicos abordados, são as palavras-chave, lendo-as, você terá uma noção dos temas abordados.
– No sumário ou índice você pode perceber os tópicos do livro, os subtítulos que indicam de que forma e quais os pontos tratados no livro. Porém, cuidado com os subtítulos comerciais, aqueles em que o autor se esmera para chamar a atenção do leitor, mas que não transmite a informação prometida. A única forma de confirmar se isto ocorre é lendo para conferir.
– Confira a bibliografia consultada pelo autor, nesta parte você poderá ter uma noção das bases do texto, da confiabilidade dos dados apresentados quando se utiliza de autores renomados e respeitados dentro do tema abordado. Esse item também pode ser utilizado por você, leitor, para novas consultas, novas garimpagens, cada livro citado pode ser buscado por você como nova fonte de informação.

Antes de decidir sobre a leitura total do livro, passe os olhos sobre alguns parágrafos, leia partes da introdução e partes das considerações finais, desta forma você terá uma ideia se o que o autor escreve é o que realmente você precisa ou deseja.

Após esta averiguação e o livro sendo descartado de sua leitura, não significa que você perdeu tempo, pelo contrário, você ganhou conhecimento. O livro pode não lhe ser útil neste momento, mas poderá o ser num momento futuro. O ideal seria você anotar o nome do livro e o assunto tratado para uma consulta futura, caso venha a precisar.

Leitura Analítica – É a leitura ativa por excelência. Busca-se a análise para subsidiar a compreensão. Quando a leitura é de entretenimento ou apenas busca uma informação em específico, a análise não é obrigatória.

A análise para fins de construção da compreensão segue algumas etapas, as quais são:

a. Análise Textual – Busca informações sobre o autor, sua posição metodológica e teórica, informações sobre o vocabulário, sobre a data de publicação, o contexto em que foi publicado. As questões feitas nessa análise são objetivas, fornecem o mapa esquemático do texto e a visão total da unidade.

b. Análise Temática – A partir dos dados sobre o autor, principalmente sua linha teórica, busca-se entender a mensagem que o autor quer transmitir sem que sejam feitas interferências pessoais por parte do leitor. As questões formuladas nessa parte da análise fornecem o conteúdo, o que o autor quis dizer.

c. Análise Interpretativa – Amparados pelos dados fornecidos pelas duas fases primeiras de análises, chegamos à interpretação leitora, construímos nossa própria visão do texto, momento de desenvolvimento intelectual do leitor.

Leitura Comparativa – Leitura exigida normalmente em teses e dissertações, trabalhos acadêmicos e científicos. A partir da escolha de um tema central, buscam-se livros que tratem do tema proporcionando uma dialogicidade entre os autores na busca da afirmação ou

refutação de uma ideia.

Sendo o texto uma construção cultural da atividade humana, ambos, leitor e autor, participam do processo de construção do sentido do texto. O significado posto pelo autor não é garantia de que o leitor compreenderá da forma desejada. Ao compreender um texto, o leitor estabelece novos sentidos, os quais nem sempre são compatíveis com o sentido desejado pelo autor. Portanto, a leitura é sempre uma ação criativa e não reprodutora e deve conduzir à autonomia de pensamento, pois é diálogo, interação, construção de sentidos. Não se deve conceber a leitura como uma imposição do autor, mas como uma sobreposição de visões.

LEITURA CRÍTICA

Quem não sabe pensar, acredita no que pensa. Mas, quem sabe pensar, questiona o que pensa.

Pedro Demo – A educação do futuro e o futuro da educação, p. 133. Campinas, SP, Autores Associados, 2005.

Parafraseando Demo, podemos dizer:

"Quem não é letrado, acredita no que lê. Mas quem é letrado, questiona o que lê".

Essa é a base principal da leitura crítica: questionar tudo o que lê, manter uma postura analítica, avaliativa, reflexiva e questionadora. É não aceitar um texto como imposição de ideias, ter a capacidade de desvendar os sentidos explícitos e implícitos no texto, cogitar a dúvida e dinamizar conflitos.

A leitura crítica não aceita a posição passiva, codificadora e superficial de um texto, ela exige

Anotações

a posição ativa de um leitor cujas ideias se sobrepõem às do autor. Ler criticamente implica estabelecer conexões entre o discurso escrito e as práticas sociais.

Adquirir a capacidade de ler criticamente é emancipar-se, tornar-se independente, não manipulável, é sair da situação de condescendente e ter domínio sobre as próprias ideias.

Para entendermos melhor esse posicionamento crítico diante de um texto, vamos ler a crônica de Cony, um renomado cronista que usou da ironia na crônica exposta abaixo para criticar o texto dissertativo exigido para a conclusão do curso de Mestrado. Leia com atenção e perceba as críticas feitas pelo autor:

TESE DE MESTRADO

Carlos Heitor Cony

Uma caneta divide-se em três partes: a tampa, a pena e a caneta propriamente dita. A tampa serve para tampar a caneta e proteger a pena. A pena é a variante das antigas penas de ganso que os antigos usavam para escrever, mas, em alguns casos, é substituída por pequenina esfera, daí que o nome delas passou a ser "esferográfica".

A caneta propriamente dita é o corpo principal dela, onde se colocam os cartuchos com tinta em massa, no caso das esferográficas, ou onde fica o depósito que armazena a tinta líquida, bombeada por pequena alavanca lateral ou por uma espécie de conta-gotas de borracha nos modelos mais antigos.

A finalidade da caneta é escrever. Apesar dos computadores e editores de texto de que hoje dispomos, ainda se usa a caneta para assinar nomeações de ministros e assessores, liberar verbas para os municípios que adotaram o Fome Zero, assinar lista de presença nas missas de sétimo dia.

Um rei em desespero queria trocar seu reino por um cavalo: "A horse! A horse!". Em idêntica situação, um rei de hoje pediria uma caneta, variando a língua de acordo com o reino.

Nada mais desolador do que um rei sem cavalo e sem caneta. Definida a caneta, é necessário definir um cavalo. Trata-se de um animal com cabeça, tronco e membros, e só difere do homem, que é um animal bípede, porque é um quadrúpede (*). Não deve ser confundido com cavalo-vapor, mais conhecido pela sigla HP (**). E muito menos com cavalgadura, que é outra coisa.

Anotações

(*) Quadrúpede é o animal que tem quatro pés ou patas (*apud* Aurélio, *in* "Novo Dicionário da Língua Portuguesa").

(**) Em inglês: "horse power".

Nota: Este trabalho não teria sido possível sem a ajuda do corpo docente da UJG e, em especial, de Catarina, minha esposa, que me ajudou com seus esclarecimentos. **FSP**, 18/10/03.

Texto: CONY, Carlos Heitor. Tese de Mestrado. *In*: Hartmann e Santarosa (2009, pp. 85-86).

Em primeiro lugar, para que a compreensão desse texto seja possível, é necessário retomar os conhecimentos prévios dos leitores em relação aos textos dissertativos utilizados em teses de mestrado.

Buscadas essas informações prévias, podemos perceber então que o autor ironiza a futilidade de algumas dessas teses, o que seria um esvaziamento de significado que cumpre tão somente a função de adquirir o diploma de mestre. O autor ironiza o uso da linguagem objetiva das teses e a falta de coerência entre o tema proposto, e o último parágrafo retrata a necessidade de se prolongar o assunto, visto que de uma tese exige-se mais páginas escritas. A dose de humor fica a cargo das notas de rodapé, utilização típica de textos acadêmicos.

E ainda, dentro da crítica, há outras críticas feitas pelo autor:

A crítica política, em que a caneta assume importância vital para assinar nomeações de ministros e assessores e liberar verbas.

O autor coloca na mesma frase a utilidade de liberar verbas para o Programa Fome Zero e em seguida cita "assinar lista de presença nas missas de sétimo dia". Isso ocorre não por uma escolha feita ao acaso do autor, mas por uma alusão à quantidade de verbas que são gastas com o Programa Fome Zero e com as mortes ocorridas decorrentes da fome em nosso país.

Ainda há a crítica aos que decretam uma guerra dentro de seus escritórios, alusão feita ao rei que trocaria seu cavalo por uma caneta.

Anotações

Portanto, a crônica acima é um texto crítico feito sobre outros textos. É um posicionamento irônico do autor procurando suscitar no leitor o senso crítico decorrente do que o autor considera ser produções fúteis. A nós cabe aceitar ou não as críticas feitas nessa crônica.

Ser crítico é ter a capacidade de ponderar tudo o que lemos diante de tudo que conhecemos, dessa forma, não devemos nos deixar influenciar por um renomado autor e aceitar como lei o que escreve apenas por ser um autor reconhecido nacional e internacionalmente, da mesma forma que não devemos rejeitar tudo partindo da concepção errônea de que ser crítico é rejeitar tudo e ficarmos apenas com a nossa verdade. Todas as verdades são transitórias.

Entre os textos em que mais necessitamos ser críticos estão os textos jornalísticos, isso porque ele envolve os acontecimentos da sociedade, descreve fatos do nosso cotidiano, vincula informações sociais, políticas e econômicas que estão diretamente ligadas a nós.

Nesse contexto, é válido retomarmos o pensamento de Bakhtin (2010), quando o autor afirma que todo ato comunicativo é intencional e carregado de ideologia, e podemos perceber que com o texto jornalístico isso não é diferente.

O jornal é o produto de uma empresa e como tal está associado à ideologia da empresa a qual pertence. As empresas jornalísticas afirmam que são meios independentes de transmissão de informação, mas isso não ocorre porque tais empresas não vivem apenas da venda de seus jornais. Há grandes patrocinadores, produtos e marcas fazendo usos destes meios de comunicação que são também utilizados como meio de propaganda política, conforme esclarecem Hartmann e Santarosa (2009).

Conforme ressaltam Hartmann e Santarosa, “Esse vínculo do jornal com os interesses de grupos econômicos e políticos deixa claro que a objetividade e a imparcialidade são impossíveis em qualquer meio de comunicação” (HARTMANN; SANTAROSA, 2009, p. 143).

Hartmann e Santarosa (2009) citam Santos (2000) para esclarecer que os meios de comunicação se prevalecem de seu poder para difundir suas ideologias hegemônicas. Para

Anotações

Santos (2000), a globalização promoveu o fortalecimento de várias empresas a nível mundial, entre elas estão as empresas jornalísticas que, conforme declara o autor, não são mais que sete em todo o mundo que direcionam as perspectivas de notícias nas agências menores. O que significa que as agências menores são meras reprodutoras das notícias vinculadas nas grandes agências, detentoras do poder de difundir apenas as notícias que vão gerar retorno financeiro tanto nas vendas dos jornais como na garantia de permanência de seus patrocinadores.

Abaixo reproduzimos um texto jornalístico da Folha Online, utilizado por Hartmann e Santarosa (2009) para expor a linguagem utilizada nos textos jornalísticos para manipular a opinião do leitor:

Governo nega que ampliação do Bolsa Família tenha caráter eleitoreiro

Gabriela Guerreiro

Da Folha Online, em Brasília

A menos de sete meses das eleições municipais, o governo federal decidiu estender o pagamento do programa Bolsa Família para jovens de 16 e 17 anos. A partir desta segunda-feira, as famílias que já possuem crianças e jovens inscritos no programa poderão ampliar o benefício caso os filhos já tenham completado 15 anos – idade fixada como limite, em 2003, para o pagamento do Bolsa Família.

A secretária nacional de Renda e Cidadania do Ministério do Desenvolvimento Social, Rosani Cunha, negou que a extensão do programa tenha fins eleitoreiros, mesmo atingindo jovens já autorizados pela Legislação Eleitoral a votarem.

"Estamos falando de uma modalidade dentro do programa. A compreensão do governo é a de que não faremos um novo benefício, mas um ajuste em um programa que já existia. Não é a ampliação do Bolsa Família, mas o seu aperfeiçoamento. Além disso, a extensão foi aprovada pelo Congresso no ano passado", afirmou.

Segundo a secretária, o pagamento continuará sendo repassado à mãe (ou chefe da família) responsável pelo jovem. "Quem melhor consegue decidir onde adotar esse dinheiro é a própria família, preferencialmente a mãe. A decisão foi muito mais para guardar coerência com o Bolsa Família que qualquer outra coisa", disse a secretária ao ser questionada sobre o suposto viés eleitoreiro da extensão.

Anotações

Cunha afirmou que o principal objetivo da mudança é garantir que jovens até 17 anos permaneçam na escola, uma vez que grande parte abandonava os estudos ao completar 15 anos com o fim do pagamento do Bolsa Família. Dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) revelam, porém, que os beneficiários do programa têm uma freqüência escolar 1,6% maior que os não beneficiários.

"A faixa etária de 15 a 17 anos é crítica para o sistema educacional. Perder esses 1,6% seria muito. Para nós, é um índice importante, em um país em que 1% para a educação pública é muita gente", minimizou o secretário de Educação Continuada e Alfabetização do Ministério da Educação, André Lázaro.

[...]

Referência: Folha.com 17/03/2008

Acesso em: 19 maio 2012.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u382701.shtml>. Acesso em: 04 out. 2012.

Este texto também está disponível no livro de Hartmann e Santarosa (2009, pp. 144-145).

Para efeito de comparação, Hartmann e Santarosa (2009) refizeram a mesma reportagem com os dados básicos necessários para seu entendimento, cuja reprodução apresentamos no quadro abaixo:

Governo estende benefício do Bolsa Família para aluno de até 17 anos

Ontem, 17-03, em Brasília, o governo federal decidiu estender o pagamento do programa Bolsa Família para jovens de 16 a 17 anos. Desde ontem as famílias que possuem crianças e jovens inscritos no programa poderão ampliar o benefício caso os filhos já tenham completado 15 anos – idade fixa como limite em 2003, para o pagamento Bolsa Família. Segundo a secretária nacional de Renda e Cidadania do Ministério do Desenvolvimento Social, Rosani Cunha, o objetivo da mudança é garantir que jovens de até 17 anos permaneçam nas escolas, uma vez que grande parte abandonava os estudos ao completar 15 anos, com o fim do pagamento do Bolsa Família.

Anotações

O segundo texto foi feito por Hartmann e Santarosa (2009, p. 147) com os mesmos dados informados no primeiro texto e deixa clara a diferença de objetivos. No segundo texto há apenas informações objetivas, sem valorização negativa ou positiva, caberia ao leitor julgar o fato no âmbito assistencialista, social ou político. O risco que se corre ao publicar uma notícia dessa é o fato de o leitor (leia-se eleitor) estar livre para interpretar, podendo passar despercebido a possível ilicitude do governo, interpretação desejada pelo jornal, ou interpretar como um ato de bondade do governo, fato que culminará num possível "voto de confiança".

É um risco que um jornal anti-governista não pode correr, e já no enunciado da reportagem lança em debate a negação do governo do uso do Bolsa Família com a finalidade eleitoreira. Ninguém nega algo de que não tenha sido acusado, e quando nega levanta hipóteses sobre a veracidade da acusação (HARTMANN; SANTAROSA, 2009). Dessa forma, o objetivo do primeiro texto é o de levantar a hipótese de uso do programa Bolsa Família para fins eleitoreiros.

Hartmann e Santarosa (2009) afirmam que não existe jornalismo neutro e cabe ao leitor observar não só a informação transmitida, mas como a informação está sendo transmitida.

Nessa análise os números são os dados mais susceptíveis de serem usados a favor ou contra a situação que se deseja lançar. Hartmann e Santarosa (2009) citam o exemplo da inflação, caso ela suba meio por cento, dependendo do jornal, a notícia pode sair desta forma:

A inflação já subiu meio por cento.

E em outro jornal, a mesma notícia pode ser dada de outra forma:

A inflação subiu meio por cento como previsto pelo governo.

Na primeira frase, a ordem é alertar o leitor de que a inflação está subindo, na segunda frase, a ordem é informar que está tudo sob controle.

Manipulações como essas podem ser facilmente verificadas nas épocas de eleições, caso

um candidato suba meio por cento nas pesquisas e o candidato da oposição tenha mantido seu percentual. O que será noticiado será o meio por cento que o candidato preferido subiu. Se a situação for contrária, o que será noticiado é que o candidato preferido mantém larga vantagem sobre o candidato da oposição.

Dessa forma, devemos olhar criticamente todo e qualquer texto publicado em jornais, inclusive crônicas, entrevistas, artigos de opinião, todos, sem exceção, pois podem trazer a marca ideológica de quem o escreveu e para quem escreveu.

No início do nosso debate sobre as competências leitoras, apresentamos dados percentuais sobre o analfabetismo funcional relatados em uma reportagem jornalística. Nossa escolha na apresentação dos dados citados pela reportagem pairou sobre nossa leitura crítica. Encontramos textos em que os mesmos dados foram apresentados de forma a não assustar os leitores com o alto índice de analfabetismo funcional, ou seja, encontramos reportagens jornalísticas em que o percentual de 75% não aparece, mas sim a sua subdivisão, os percentuais de 8%, 30% e 37% que, apresentados dessa forma, desvia a atenção do leitor do total, que são 75%.

Diante de conflitos interpretativos, podemos fazer alguns questionamentos para aguçar o faro crítico. Sugerimos que você pergunte:

O que o autor está tentando provar?

Sobre quem ele está falando?

Ele está ressaltando os aspectos positivos ou negativos?

Em que provas ele está se baseando?

As provas são confiáveis?

Qual é a relação que o autor tem com o sujeito referido no texto ou o fato relatado?

Mesmo diante do que acredita que seja a maior verdade, questione, pois todas as verdades podem ser abaladas quando entram em conflito com uma mente questionadora.

Quanto maior o contato com a leitura, maior será a capacidade reflexiva sobre os textos, pois há a possibilidade de comparação das ideias propostas por cada autor. Nesse contexto, os hipertextos podem contribuir com a interatividade textual.

O DESENVOLVIMENTO DE NOVAS HABILIDADES LEITORAS: OS HIPERTEXTOS E OS HIPERLEITORES

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

Como já visto na unidade anterior, a linguagem tende a se moldar às necessidades de seus locutores, os níveis linguísticos variam conforme variam os contextos onde são empregados. Dessa forma, há um novo contexto no qual a linguagem escrita procura se moldar à nova ferramenta de transmissão: o computador.

Podemos dizer que o computador revolucionou o uso da linguagem, criou novos linguajares, como o “internetês”, por exemplo, ampliou e agilizou os meios de se comunicar, criou um novo

Anotações

perfil de analfabetismo: o virtual; criou um novo perfil de letramento: o digital.

As formas de apresentação textual ganharam novas estruturas e com elas surgem os hipertextos, que se referem a procedimentos de escrita e leitura em que se podem incluir links que, clicando sobre eles, abrem-se novas janelas e os textos citados pelo autor surgem na tela. Seria como se no livro impresso viessem juntos todos os textos citados nas referências. Obviamente que isso não seria possível na produção impressa, mas é plenamente possível na produção de hipertextos publicados por meio da internet.

Para Nojosa (2007), o hipertexto representa um conjunto de amarras interligadas por conexões significativas que incluem palavras, imagens, gráficos, sequências sonoras etc. Para o autor, o surgimento do hipertexto criou um espaço dialógico por meio do qual as partes não se perdem no todo, ocorre uma dinâmica de leitura onde não há um centro regulador, mas uma nova organização de leitura sobre a qual o receptor pode ter a percepção da complexidade das informações do mundo contemporâneo.

A dificuldade encontrada por um leitor desavisado está em se deparar com uma variedade maior de informações, correndo-se o risco de se perder entre tantas informações, o leitor, mais do que nunca, tem que ter um objetivo claro de leitura, ter a capacidade de filtrar o que lhe interessa e avaliar as informações. Nesse tipo de leitura, outras habilidades têm que estar presentes, como o domínio dos recursos digitais e o reconhecimento de ícones. O hipertexto também pode nos remeter a links nos quais constam imagens que o autor acredita serem importantes para a compreensão do texto. Dessa forma, o acesso à imagem referida pelo autor se amplia e se transforma em instrumento essencial para manter a atenção do leitor, para vender, transmitir mensagens, entreter etc.

Anotações

LEITURA DE IMAGEM

Para Costa Val (2006), pode-se definir como texto todo conjunto de signos linguísticos de qualquer extensão, dotado de unidade sociocomunicativa. Portanto, podemos definir que texto é toda ação comunicativa tomada conscientemente no ato de situações concretas de interações sociais, processadas por meio de estratégias e operações de ordem cognitivas.

Nesse contexto, podemos afirmar que uma placa de trânsito representa um texto, o semáforo representa um texto, o slogan de uma empresa representa um texto, livros, revistas, noticiários, novelas e demais manifestações verbais e não verbais representam texto. Isso porque todos transmitem uma mensagem, todos são ações comunicativas que promovem a interação entre o produtor e o receptor da mensagem.

O interesse pelo uso da imagem como forma de comunicação é tanto que se fala em alfabetização visual e, atendendo a demandas, surgiram diversos cursos, incluindo de graduação e pós-graduação em estudos da imagem virtual.

A imagem tem uma linguagem mundial, pode ser interpretada em todos os países, porém a interpretação pode variar conforme variam o conhecimento das pessoas que leem a imagem. Pelo seu poder comunicativo a imagem é amplamente explorada pelos meios de comunicação os quais também podem manipular o foco desejado e publicar apenas o que lhes convém. Portanto, a imagem pode ter várias funções conforme o interesse de quem a utiliza.

Podemos fazer dois tipos de leitura de imagem, a leitura denotativa e a leitura conotativa. Na leitura denotativa, elencamos os elementos que compõem a imagem. Podemos enumerá-los e/ou descrevê-los como a quantia de objetos, de seres que aparecem na figura, as cores utilizadas. Na leitura conotativa é a interpretação das possíveis mensagens que a imagem pode transmitir, a interpretação das feições dos sujeitos retratados, a disposição dos objetos, o significado das cores.

Para ler uma imagem, devemos mobilizar nossa percepção tanto denotativa como conotativa,

Anotações

buscando identificar o que a imagem representa, o tema ou assunto exposto nela; identificar os elementos que a compõem como objetos, pessoas, animais etc., e a interpretação do que a imagem significa.

As imagens podem trazer mensagens que nos remetem a diferentes mundos como, por exemplo:

– A cultura e civilizações passadas como os quadros clássicos históricos.

Há valores ultrapassados ou atuais que podem ser percebidos nas roupas, no posicionamento dos corpos expostos nos quadros.

– Valores comerciais como as imagens publicitárias

– Situações sociais de diferentes regiões, como a riqueza e pobreza, por exemplo.

A imagem possui várias funções dentre elas citamos as seguintes:

I**magem informativa ou representativa** – transmite informações tanto reais como fictícias, como as fotos jornalísticas, as pinturas ou as imagens de ficção como os seres encantados, as pinturas que retratam fatos históricos, placas com ícones representativos.

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

Anotações

Imagem explicativa – tem por objetivo explicar a realidade por meio de dados, como as ilustrações dos textos, as tabelas e diagramas.

Imagem argumentativa – objetiva influenciar, persuadir e convencer o leitor, como as imagens publicitárias, tanto comerciais como políticas.

Imagem crítica – promove a conscientização sobre determinados problemas, procura denunciar fatos e situações por meio de fotos, desenhos, caricaturas, como as charges, as tirinhas, as fotos de guerras, de descasos com o meio ambiente.

Imagem estética – privilegia o belo, são as fotos artísticas, de moda e beleza.

Imagem simbólica – representam símbolos como marcas de carro, tênis, bandeiras, placas de trânsito.

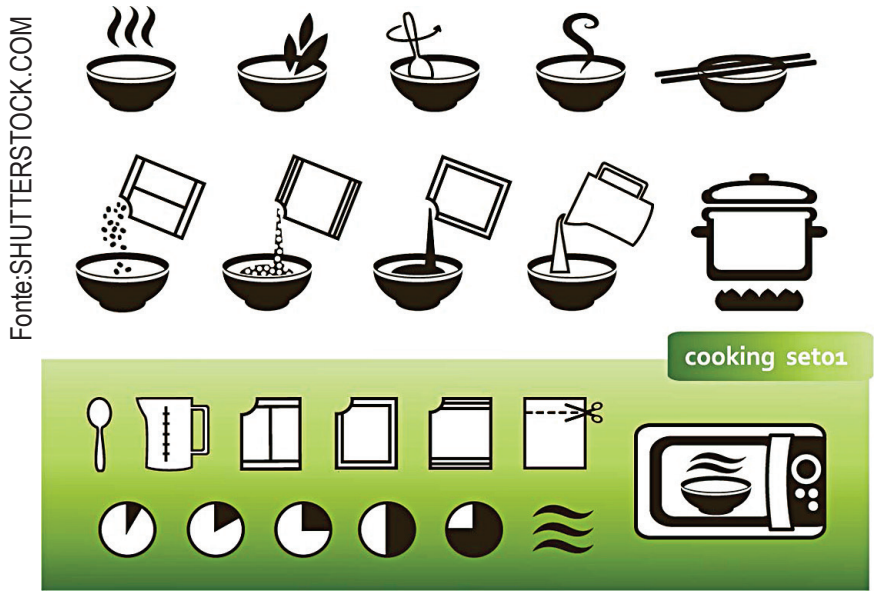


Imagem narrativa – São as imagens postas em sequência que sugerem histórias, cenas ou ações, como as histórias em quadrinhos, novelas de revistas.

Anotações

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

Imagem expressiva – revela sentimentos e emoções, focando as expressões faciais.

Imagem lúdica – tem a função de entretenimento, de diversão, humor, como os desenhos infantis.

Como já dito anteriormente, nenhum texto está isento da ideologia do autor, nem mesmo a imagem que é considerada um texto visual a ser decodificado, portanto, por trás de toda imagem há uma intenção e o desafio do leitor é descobrir sobre qual intenção se ampara o autor da imagem, se é a de entreter, divertir, emocionar, informar ou persuadir. Dessa forma, também na imagem carecemos de usar nossa leitura crítica, principalmente em se tratando de imagens jornalísticas e publicitárias.

Perguntas também podem ser feitas na tentativa de ler as mensagens expostas na imagem, como:

Anotações

A imagem foi retirada do contexto?

Houve tratamento fotográfico na tentativa de maquiar a realidade?

Qual o objetivo do fotógrafo ao expor a imagem?

O desenho foi produzido por quem, para quem e para quê?

Qual a função pretendida pelo autor da imagem?

Analise as imagens abaixo:

Fonte: <weknowmemes.com>

Veja como as mensagens se modificam conforme o ângulo exposto, perceba como é possível a manipulação da imagem para atender objetivos pré-determinados. Analise as imagens e discuta com seus colegas.

Anotações

Leitura Complementar

Será que a leitura de jornais nos torna estúpidos?

Rubem Alves

[...] "A missão da imprensa é informar". Pensa-se que, ao informar, a imprensa educa. Falso. Há milhares de coisas acontecendo e seria impossível informar tudo. É preciso escolher. As escolhas que a imprensa faz revelam o que ela pensa do gosto gastronômico dos seus leitores.

Jornais são refeições, bufês de notícias selecionadas segundo um gosto preciso. Se o filósofo alemão Ludwig Feuerbach estava certo ao afirmar que "somos o que comemos", será forçoso concluir que, ao servir refeições de notícias ao povo os jornais estão realizando uma magia perversa sobre os seus leitores: depois de comer eles serão iguais àquilo que leram.

Faz tempo que parei de ler jornais. Leio, sim, movido pelo espírito da leitura dinâmica, apressadamente, deslizando meus olhos pelas manchetes para saber não o que está acontecendo, mas para ficar a par do menu de conversas estabelecido pelos jornais. Muita coisa importante e deliciosa acontece sem virar notícia, por não combinar com o gosto gastronômico dos leitores. Se não fizer isto ficarei excluído das rodas de conversa, por falta de informações. Parei de ler os jornais, não por não gostar de ler mas precisamente porque gosto de ler. As notícias dos jornais são incompatíveis com meus hábitos gastronômicos: leio bovinamente, vagarosamente, como quem pasta... ruminando. O prazer da leitura, para mim, está não naquilo que leio, mas naquilo que faço com aquilo que leio. Ler, só ler, é parar de pensar. É pensar os pensamentos de outros. E quem fica o tempo todo pensando o pensamento de outros acaba por desaprender a arte de pensar seus próprios pensamentos: outra lição de Schopenhauer. Pensar não é ter as informações. Pensar é o que se faz com as informações. É dançar com o pensamento, apoiando os pés no texto lido: é isso que me dá prazer. Suspeito que a leitura meticulosa e detalhada das informações tenha, freqüentemente, a função de tornar desnecessário o pensamento. Pensar os próprios pensamentos pode ser dolorido. Quem não sabe dançar corre sempre o perigo de escorregar e cair... Assim, ao se entupir de notícias – como o comilão grosseiro que se entope de comida – o leitor se livra do trabalho de pensar.

Confesso que não sei o que fazer com a maioria das notícias dos jornais: entendo as palavras, mas não entendo a notícia. Penso: se eu não entendo a notícia que leio, o que acontecerá com o "povão"? Outras notícias só fazem explicitar o que já se sabe. Detalhes, cada vez mais minuciosos, das tramóias políticas e econômicas de um Maluf, de um Jader, nada acrescentam ao já sabido. Esse gosto pela minúcia escabrosa se deriva da pornografia, que encontra seus prazeres na contemplação dos

Anotações

detalhes sórdidos, que são sempre os mesmos, como o comprovam as salas de "imagens eróticas" da Internet. A dita reportagem sobre a tal senhora e as notícias sobre Jader e Maluf atendem às mesmas preferências gastronômicas. Será que as notícias são selecionadas para dar prazer aos gostos suínos da alma? Por outro lado, há os suplementos culturais que, para serem entendidos, é preciso ter doutoramento. Para o povão, o futebol...

Ao final de sua crônica o Arnaldo Jabor dá um grito: "Os órgãos de imprensa devem ter um papel transformador na sociedade..."Dizendo do meu jeito: os órgãos de imprensa têm de contribuir para a educação do povo. Mas educar não é informar. Educar é ensinar a pensar. Os jornais ensinam a pensar? Repito a pergunta: Será que a leitura dos jornais nos torna estúpidos?

Folha de S. Paulo, Tendências e Debates, 02/09/2001.

Esta crônica também pode ser encontrada no livro de Hartmann e Santarosa (2009, p. 163).

Leitura Complementar

Para aprofundar seu senso crítico, recomendamos a leitura na íntegra do livro de Hartmann e Santarosa que pode ser acessado na Biblioteca Virtual Pearson do CESUMAR

Livro: Práticas de leitura para o letramento no ensino superior

Autoras: Schirley Horácio de Góis Hartman e Sebastião Donizete Santarosa

Editora: Ibpex

Ano de publicação: 2009

Páginas: 283

Sugestão de Vídeo

REFLITA! Para essa unidade indicamos dois filmes que retratam a construção da leitura na vida humana.

Título original: The Jane Austen book club

Idioma: inglês

Lançamento: 2007

Diretor: Robin Swicord

Gênero: drama

Sinope: **O CLUBE DE LEITURA DE JANE AUSTEN** (Drama – 2007 – 1h45min.) revela a vida de um grupo de amigas pela leitura nos tempos de hoje por meio do mordaz ponto de vista de sua heroína literária.

Anotações

Título original: O contador de histórias

Idioma: português

Lançamento: 2009

Diretor: Luis Villaça

Gênero: drama

Sinopse: **CONTADOR DE HISTÓRIAS** – (Drama –Brasil, 2009 – 109 min.)

O filme conta a vida real de um pedagogo criado na FEBEM e que estudou na Europa. Retrata a importância da leitura para a transformação da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta unidade você deve estar convicto de que a alfabetização é o princípio e não o final da aprendizagem. Para isso o sujeito precisa letrar-se, ou seja, fazer com que o seu letramento seja contínuo porque um processo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita não pode ser construído à parte, mas vivenciado plenamente para que as práticas de leituras e de escritas respondam às demandas da realidade social em que o sujeito esteja vinculado.

Vimos que o sentido do texto se torna amplo, complexo, pois tudo que é possível de leitura possui inesgotáveis interpretações. E quanto maiores as habilidades linguísticas desenvolvidas, melhores serão as percepções textuais e a ampliação dos vocábulos utilizados no léxico pela linguagem empregada. Sendo assim, desejamos que as nossas explanações sobre “leitura” tenham ampliado o seu potencial de “leitor” e contribuído para a sua autoavaliação a respeito da importância da prática de leitura na sua vida pessoal e acadêmica. Por maiores que sejam as suas limitações diante de um texto esperamos que você se sinta preparado para avançar, pois somos todos leitores em processo contínuo de formação.

As suas habilidades leitoras decorrerão das suas estratégias de leitura, dos seus questionamentos perante à dialogicidade estabelecida entre você e o texto, ou seja, entre o leitor e o autor, porque a interação com o autor, mediante a palavra escrita, deve ocorrer continuamente até que se esgotem os questionamentos necessários para estabelecer a compreensão e interpretação textual. E lembre-se, somente a prática o levará à eficiência. Aprimorar e disciplinar as leituras o conduzirá à autonomia leitora, fundamental para seu sucesso pessoal e profissional. Desejamos que você se torne um leitor experiente, proficiente, ativo, atuante e competente.

ATIVIDADE DE AUTOESTUDO

1- Leia um jornal de sua região, anote quantas reportagens há no jornal que falem bem ou que falem mal de algum governo municipal de sua região e nos responda: a que conclusão você chegou? O jornal é a favor, contra ou mantém uma postura apartidária em relação ao partido do governo citado?

_____

_____

2- O jornalista Tiezzi (2012) nos informou que o século XXI começou com um número de analfabetos funcionais maior do que o de analfabetos absolutos apresentado no início do século XX. Qual sua opinião sobre as possíveis causas que levaram a tão alto nível o analfabetismo funcional?

_____

_____

3-Considera-se texto toda mensagem transmitida por meio de códigos linguísticos dotados de unidade semântica, portanto, a escrita, os símbolos e as imagens podem ser considerados textos sobre os quais devemos nos posicionar criticamente. Explique essa postura crítica que devemos ter a respeito de todas as mensagens que nos chegam por meio de textos.

_____

_____

UNIDADE III

A PRODUÇÃO TEXTUAL

Professora Dra. Ivone Pingoello

Professora Me. Nilsa Correa Faria Meneguetti

Objetivos de Aprendizagem

- Entender o elo entre a leitura e a produção textual.
- Reconhecer a importância dos elementos de coesão e coerência dos textos produzidos.
- Compreender os processos de construção de textos narrativos e descritivos.

Plano de Estudo

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- **Compreensão leitora como requisito para a produção textual**
- **As partes constituintes da organização da escrita**
- **Produção de textos narrativos e descritivos**

INTRODUÇÃO

Após a década de 80, a sociedade entrou para o que se conhece como a era da informação, era digital, ou ainda Sociedade do Conhecimento. As mudanças ocorreram motivadas pela rápida evolução dos meios de comunicação, o computador pessoal e a internet aproximaram as pessoas, socializaram saberes, divulgaram conhecimentos antes restritos a uma determinada classe social. Em face de toda nova tecnologia que envolve os processos de divulgação do conhecimento, percebemos que se mantém na linha central a mais antiga invenção do processo comunicativo: a escrita.

É a velha e boa forma do processo de escrita, de produção de texto e seus variados gêneros que dá vida ao mundo virtual, que fomenta a Sociedade do Conhecimento. Acredita-se que em todo o tempo de sua existência, a escrita nunca antes tenha sido tão usada como agora. Por mais que alguém ou algum aluno possa dizer que não gosta de escrever, ao sentar-se diante de um computador, a primeira coisa a fazer é digitar, ou seja, escrever.

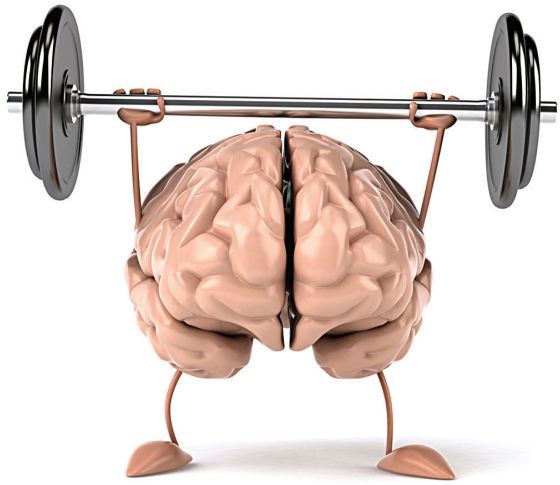
A escrita pode estar de cara nova, a caneta pode não ser o instrumento mais utilizado; o papel deixou de ser o suporte principal da comunicação escrita; as formas de escrever estão mais concisas, mais objetivas; as mensagens virtuais instauraram uma forma nova de escrever incorporando as vantagens da oralidade, o descomprometimento com o formalismo, mas ainda assim é a escrita um poderoso meio de comunicar-se. Basta você analisar no dia de hoje quantas vezes você se comunicou com alguém por meio da escrita, contando os bilhetes, recados, mensagens via celular ou computador.

Portanto, quando se fala em produção textual, fala-se sobre a capacidade de participar do mundo letrado, de não ficar às margens da sociedade como mero expectador do conhecimento quando se tem meios de expressar o próprio conhecimento, contribuindo culturalmente com essa construção.

A força da comunicação escrita é de uma multiplicidade infinita e desejamos, caro(a) aluno(a), que este material seja motivo de transformação da forma de encarar a produção textual como mero objeto de avaliação, para um ato de comunicação imprescindível para a formação do cidadão letrado.

Para você que já é um exímio escritor, este material poderá ser um apoio ao seu potencial de escrita; para você que acredita que não consegue escrever por falta de habilidade, esse material poderá ser o início de muitas aventuras bem-sucedidas ao mundo da escrita. O ideal é que se comece a produzir textos escritos ainda na infância, mas se isso não ocorreu por motivos alheios à sua vontade, nunca é tarde. Zélia Gattai começou a escrever com 63 anos incentivada pelo marido Jorge Amado. Mesmo que você não esteja convivendo pessoalmente com um grande escritor como Jorge Amado, conviva com os livros dele e de outros autores, busque nessa convivência a coragem de revelar o(a) grande escritor(a) que existe dentro de você. Comece agora! Escrever um texto longo ou um livro leva tempo, não o perca, pois tempo foi feito para ser aproveitado e não para ser perdido.

Vamos à ação, coloque seu cérebro para trabalhar.



Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

Anotações

A COMPREENSÃO LEITORA COMO REQUISITO BÁSICO DA PRODUÇÃO TEXTUAL

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, “A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc.[...]” (BRASIL, 1998, pp. 69-70). São esses conhecimentos que servirão de subsídios para a escrita, ou seja, a produção textual é resultado dos conteúdos absorvidos em leituras diversas.

É pela gramática normativa da Língua Portuguesa que o estudo da língua ocorre de modo completo, capacitando o educando numa ampliação linguística imprescindível para o desenvolvimento da habilidade leitora e também da produção textual. Portanto, para aprender é necessário construir conhecimento. E para o estudo da língua, seja pela leitura ou produção textual, se faz necessária a pesquisa.

Pesquisa? Sim, caro(a) aluno(a)! Ler muito, e ao escrever, você deve ter em mãos um dicionário e uma gramática de boa referência para que o seu conhecimento linguístico seja aprimorado. O caminho para o seu êxito na escrita está na leitura. E esse elo é indestrutível. Produções textuais de qualidade são frutos de muitas leituras, conhecimentos acumulados, organização de pensamento e desenvolvimento cognitivo.

Seja essencialmente você ao produzir seus textos. Os textos alheios servirão de base, fundamentação teórica, mas nunca deverão ser cópias ou plágio.

Certamente você carrega consigo uma experiência pessoal de leitura e produção de textos. E agora você poderá ampliá-la de modo peculiar, pelos norteamentos deste estudo.

Anotações

AS PARTES CONSTITUINTES DA ORGANIZAÇÃO DA ESCRITA

Para iniciar as nossas reflexões acerca da produção escrita, convidamos você a viajar num mundo nada distante: o mundo das palavras.

Por mais que se possa recorrer a um manual do bom escritor, o que o faz ser um bom escritor realmente é o mundo das palavras, sem regras a princípio, mas que vão se justapondo de forma coerente na formação do texto. Portanto, a criatividade vem antes das regras e cada escritor tem seu próprio processo de criação que deve ser respeitado e valorizado, o que não significa desprezar as regras da escrita. Na produção textual a criatividade é a pedra preciosa em seu estado bruto e as regras da produção escrita são os instrumentos utilizados para sua lapidação.

A criatividade se busca no conhecimento de mundo, nas experiências vivenciadas, em histórias lidas e ouvidas, em toda e qualquer leitura feita, pois até mesmo um trecho lido em um jornal ou panfleto comercial pode ser usado para aguçar a criatividade. Portanto, a criatividade é uma construção mental baseada no conjunto de conhecimentos que adquirimos ao longo da vida, que se junta à nossa capacidade de imaginação proveniente de nossos sonhos, hipóteses levantadas acerca de assuntos reais ou irreais.

Em relação às regras da escrita, o primeiro passo é decidir para qual público nosso texto se destina. A decisão do como escrever, a linguagem a ser usada, o tema a ser abordado, dependem muito da destinação do texto. Será um texto destinado ao público infantil, adulto, ou será um trabalho de conclusão de curso, uma dissertação ou tese? Qual o gênero a ser trabalhado? Esses são os primeiros direcionamentos a serem seguidos na definição da estrutura do texto.

Costa Val (2006) considera texto como toda a unidade linguística comunicativa básica, entendendo-se como texto tanto a comunicação oral como a escrita, pois ambos não são fragmentos comunicativos, mas textos dotados de significados que são produzidos pela

textualidade composta por elementos responsáveis pelo processo sociocomunicativo do texto. Tais elementos, segundo Costa Val (2006) e Koch e Travaglia (2008), são: intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade, coerência e coesão.

A intencionalidade citada por Costa Val (2006), Koch e Travaglia (2008), refere-se à produção textual coerente e coesa com objetivos definidos pelo autor que podem ser informar, divertir, impressionar, alertar, convencer, pedir, criticar, elogiar etc. A aceitabilidade se refere, primeiro, à expectativa do produtor da aceitação de seu produto e depois ao receptor, ao nível de aproveitamento, utilidade, relevância, aquisição de novos conhecimentos por meio da leitura; fatores que envolvem a capacidade do texto em cumprir com seus objetivos, por esse motivo a produção de um texto deve ser pensada como um todo; não haverá aceitação se o texto for incoerente ou estiver fora dos padrões textuais aceitáveis.

A situacionalidade compreende a adequação do texto à situação sociocomunicativa, são os elementos responsáveis pela relevância e pertinência do texto quanto ao contexto em que está inserido. O contexto orienta tanto a produção como a recepção textual, é elemento definidor da coerência, neste caso, a autora cita as placas de trânsito que são muito mais coerentes que longos textos expostos na rodovia para informar ou advertir os motoristas (COSTA VAL, 2006; KOCH; TRAVAGLIA, 2008) .

Quanto à informatividade, o texto deve apresentar dados suficientes para sua compreensão, nem de mais, nem de menos. O texto não pode trazer somente dados novos, inusitados, o que impossibilitaria a compreensão do leitor; há a necessidade de integração entre o dado e o novo para a contextualização da informação nova (COSTA VAL, 2006; KOCH; TRAVAGLIA, 2008).

A intertextualidade, para Costa Val (2006) e Koch e Travaglia (2008), refere-se à dependência do conhecimento de outras unidades linguísticas para a compreensão/produção de outros textos. Há uma colaboração contínua entre os textos para que se possa atingir a aceitabilidade, promover a autenticidade, aumentar a capacidade informativa. Portanto, podemos afirmar que em todo texto está presente a intertextualidade.

Anotações

Conforme Koch e Travaglia (2008), o conhecimento de mundo do leitor, o conhecimento compartilhado que se refere ao conhecimento em comum entre autor e receptor, a inferência que é o uso do conhecimento de mundo para a compreensão textual e os fatores de contextualização que são a âncora do texto, são elementos fundamentais na construção da coerência textual que devem ser analisados pelo autor para que sua intencionalidade seja atingida.

A coerência e a coesão são citadas por Costa Val (2006) e por Koch e Travaglia (2008) como elementos fundamentais na construção do sentido do texto, elementos esses que merecem destaque em nosso trabalho.

A COERÊNCIA

A coerência faz parte do plano do conteúdo, é a condição fundamental para a existência textual. Independente da natureza temática do texto, é a coerência que vai determinar o sentido do texto. O que se diz, o que se escreve, deve ter sentido para quem ouve ou para quem lê e este sentido só pode ser encontrado na justaposição de sentenças que se completam. Portanto, coerência é atribuir sentido unitário global ao texto, é o encadeamento das ideias que se justapõem em uma sequência lógica.

Para Koch e Travaglia (2008), o texto pode apresentar coerência global e local. Coerência quanto ao sentido global se refere ao processo intertextual, ou seja, a relação do texto com o contexto incluindo o conhecimento de mundo do leitor, sua capacidade cognitiva de interpretabilidade de leitura; ocorre a incoerência global quando não há relação intertextual, quando se perde a relação contextual entre texto e leitor, texto e sentido. Nesse mesmo sentido, Pignatari (2010) designa a coerência global de coerência externa. Coerência local quando há relação intratextual, encadeamento das ideias, utilização de elementos coesivos para a unificação de sentido; a incoerência local ocorre quando esses elementos são negligenciados, quando as partes do todo se perdem, formando fragmentos isolados. Para coerência local,

Pignatari (2010) utiliza o termo coerência interna.

Esclarecendo: intertextual significa o estabelecimento de relações entre textos diferentes, que seriam as relações de informações contidas no texto com informações que estão fora do texto; intratextual significa relações das ideias dentro do texto, relações entre as informações que estão dentro do texto.

Para Fiorin e Savioli (2007), coerência é "um conjunto harmônico, em que todas as partes se encaixam de maneira complementar de modo que não haja nada destoante, nada ilógico, nada contraditório, nada desconexo" (FIORIN; SAVIOLI, 2007, p. 261).

A coerência passa despercebida de nossas leituras, ao passo que a incoerência é facilmente percebida. A coerência permite que nossa leitura flua normalmente sem interrupções, a incoerência causa bloqueios, paradas na leitura na tentativa de decifrar o que está escrito.

Nos primeiros textos escritos pelas crianças, a ideia de coerência já está presente. Quando ela escreve, por exemplo: "O meu boi roxo come barbante", a coerência está presente, mesmo que cause estranheza aos olhos do professor; percebe-se que a frase contém o sujeito boi, o adjetivo do sujeito roxo, a ação cometida pelo sujeito representada pelo verbo comer e o objeto direto representado pelo barbante. Não se pode confundir criatividade, imaginação e ficção com falta de coerência. Independente da cor do boi e o que ele come, a frase tem sentido, portanto, tem coerência. Portanto, só se pode dizer que um texto é incoerente se ele não apresenta construção de sentido, se não houver nele elementos estruturais que apontem um fato, uma mensagem, uma ideia ou informação.

Podemos dizer também que é incoerente um texto que apresente ideias contraditórias, como exemplo, podemos citar a seguinte frase: "O herói salvou a vítima fatal", nesse caso falta a compreensão do significado da palavra fatal, se é fatal, não tem mais como salvar.

Portanto, o grau de conhecimento que se possui da língua pode ocasionar deformidades na produção da escrita, assim como também o conhecimento de mundo do leitor, pois a maior

Anotações

parte dos conhecimentos necessários à compreensão textual não vem explícita no texto, mas na capacidade de inferência, do conhecimento prévio sobre o assunto tratado. Desta forma, seria incoerente produzir um texto sobre políticas públicas, por exemplo, se não se domina o assunto. Se não há leitura base da produção textual, seria incoerente exigir de alunos do curso de pedagogia que compreendam e produzam textos científicos da área da medicina.

A COESÃO

Se coerência é a interligação entre as ideias do texto, o elemento que promove este elo é a coesão, é o que Costa Val (2006) define como conectividade textual. Para um escritor principiante, às vezes a maior dificuldade é juntar as ideias que estão soltas no pensamento, o verbo de ação, os adjetivos e sujeitos estão bem definidos, mas há falta de conhecimento do uso dos conectivos. Portanto, coesão é a transição entre as ideias do texto promovida por palavras ou expressões que servem para estabelecer elos, para criar relações entre segmentos do discurso, entre os períodos, os parágrafos. É o que Koch (2005) chama de elos coesivos. Temos à nossa disposição vários conectivos, entre eles, podemos citar os pronomes relativos: o qual, os quais, cujo, cujas, que; as expressões: apesar de tudo; depois disso; é claro que; nada disso; por conta disso e as conjunções: embora; entretanto; então; portanto; porque; assim; também.

Há algumas palavras que podem ser usadas como elementos coesivos de transição, as mais comumente utilizadas são: além disto; de modo que; bem como; atualmente, segundo, conforme, de acordo com. Há pronomes que são usados como elementos de coesão referencial, entre eles estão: meu, eu, tu, eles, este, aquele, algum, nenhum. E também são utilizados os elementos de coesão por substituição, que são as palavras utilizadas para substituir o nome, evitando a repetição no texto, como por exemplo, substituir o nome próprio por um nome comum, o nome da pessoa pelo cargo que ela ocupa, pela posição na família (o pai, a mãe etc.). Para entendermos melhor, vamos observar o exemplo dado por Pignatari (2010, p. 22):

Anotações

Exemplo:

As mulheres acumulam hoje inúmeras funções, diferentemente das mulheres de tempos passados, quando bastava às mulheres se ocuparem com os filhos e com as organizações domésticas.

Exemplo de substituição:

As mulheres acumulam hoje inúmeras funções, diferentemente das de tempos passados, quando bastava a elas se ocuparem com os filhos e com a organização doméstica.

Obrigatoriamente a coerência tem que estar presente para a construção do sentido no texto, mas não necessariamente a coesão. Para que isso fique claro para você, formulamos dois trechos em que podem ser analisadas essas situações:

1 – Estou ouvindo hip-hop que está tocando no rádio. Portanto, a valsa é um ritmo clássico. É claro que o sangue que corre nas veias segue o ritmo do coração. Entretanto, as varizes se formam porque o sangue não segue o ritmo do coração.

2 – Domingo, feira, pastel, almoço, família, cochilo, jogo, pizza, cama, segunda-feira.

Na primeira situação percebemos os conectivos "portanto", "é claro" e "entretanto", mas nem por isso podemos dizer que há um sentido no texto, pois as frases estão desconectadas, não representando uma unidade semântica, exigência da coerência textual, que é a necessidade de se tomar um assunto como base de referência para a produção textual ou incrementar o texto com argumentos que explicitem as ligações existentes entre os assuntos abordados em cada frase.

O segundo tema não apresenta elementos coesivos, mas apresenta coerência pelo fato das palavras terem unidade de sentido. O texto descreve um dia de domingo na vida de um cidadão, podemos visualizar suas ações durante o dia até o período da noite. Nesse caso, a transição das ideias expostas no texto ocorre por meio do sentido das palavras e de suas justaposições, ou seja, há uma sequência lógica na posição em que as palavras foram colocadas conforme os sentidos de cada uma delas.

Dessa forma, podemos perceber que a diferença entre coerência e coesão paira no âmbito do encadeamento textual. Da coerência deriva a sequência de sentidos, o encadeamento de

complexa rede de fatores que incluem o informacional, situacional e intencional; da coesão deriva a sequência destes fatores por meio de elementos linguísticos. Ou seja, a coerência é a relação entre os significados e a coesão estabelece essa relação por meio dos signos.

A coerência está para o conteúdo assim como a coesão está para a sintaxe. A função da coerência é a formação lógica textual, a função da coesão é a ligação das partes constituintes do texto. Esclarecendo: sintaxe é a sequência ou ordem das palavras nas frases e estas nos textos.

Saiba mais sobre o **Assunto**

		Para se aprofundar mais sobre os estudos da coerência e coesão textual, indicamos leitura dos livros:
Autores: Ingedore Villaça Koch e Luiz Carlos Travaglia **Edição**: 18ª **Editora**: Contexto **Ano**: 2010	**Autora**: Ingedore Villaça Koch **Edição**: 20ª **Editora**: Contexto **Ano**: 2010	A coesão textual A coerência textual Ambos da autora Ingedore Grunfeld Villaça Koch.

Costa Val (2006) expõe quatro requisitos necessários para a produção textual coerente: a continuidade, a progressão, a não contradição e a articulação.

A continuidade se refere à necessidade de retomada de elementos no decorrer do texto e está relacionada com a unidade de sentido, o que não significa ficar repetindo o mesmo termo no texto inteiro. Por exemplo, se o tema do texto for meio ambiente, elementos deste meio devem fazer parte de todo o texto. Recorra aos elementos coesivos para evitar a repetição e mantenha o foco da discussão.

A progressão se refere à apresentação de informações novas a propósito dos elementos retomados, o texto não pode andar em círculo, ele tem que evoluir dentro do assunto definido com novos dados, novas perspectivas, é o que Costa Val (2006) e Koch (2007) chamam de relação entre o dado e o novo, o dado seria o tema já explícito no texto e o novo seria as novas abordagens sobre o tema dentro do texto.

A não contradição se refere tanto ao âmbito interno como ao âmbito externo do texto. No âmbito interno, o texto não pode trazer afirmações e negações sobre um mesmo ponto de vista. Não confundir a não contradição com oposições de ideias debatidas em um mesmo texto, debates baseados em oposições de ideias são sempre interessantes para qualquer texto. Podemos citar como exemplo de não contradição afirmar que corrupção é crime e no mesmo texto alegar que a propina paga a um policial rodoviário para fugir de uma multa é uma forma de resolver um problema; oposição de ideias seria debater em um mesmo texto os prós e os contras dentro de um mesmo tema. No âmbito externo, a não contradição se refere ao contexto situacional como, por exemplo, escrever um texto com linguagem científica destinado a crianças pequenas, escrever um texto com linguagem infantil destinado ao jovem adolescente, publicar um texto anedótico em uma revista científica, colocar rótulos em língua estrangeira em produtos vendidos no Brasil. Essas são ações que indicam contradições e a não contradição seria a adequação do tema ao público e ao veículo de comunicação.

A articulação se refere à teia formada pelo texto, o encadeamento das ideias, a ordem linear dessas ideias, é o processo de construção dos subtemas unidos ao tema principal.

Essa articulação é possível graças ao conhecimento armazenado em nossa memória que é ativado no momento da escrita. Koch e Elias (2010) citam os conhecimentos linguístico, enciclopédico, de texto e interacional como tipos de conhecimentos ativados no processo da escrita textual.

O Conhecimento linguístico refere-se ao conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico da língua utilizada. A escrita correta, segundo Koch e Elias (2010), é uma ação colaborativa

Anotações

e respeitosa do autor em relação ao leitor, evitando problemas de comunicação com escritas incorretas. Atenção especial deve ser dada às acentuações gráficas e pontuações, pois a falta destes pode gerar confusões como no exemplo abaixo:

O valor da Vírgula!

Vírgula pode ser uma pausa... ou não.
Não, espere.
Não espere...

Ela pode sumir com seu dinheiro.
23,4.

2,34.

[...]

Ela pode ser a solução.
Vamos perder, nada foi resolvido.
Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.
Não queremos saber.
Não, queremos saber.

A vírgula pode condenar ou salvar.
Não tenha clemência!
Não, tenha clemência!
[...]

Fonte: Texto publicitário publicado na Revista Veja 9 abr. (2008 *apud* KOCH; ELIAS, 2010, p. 40).

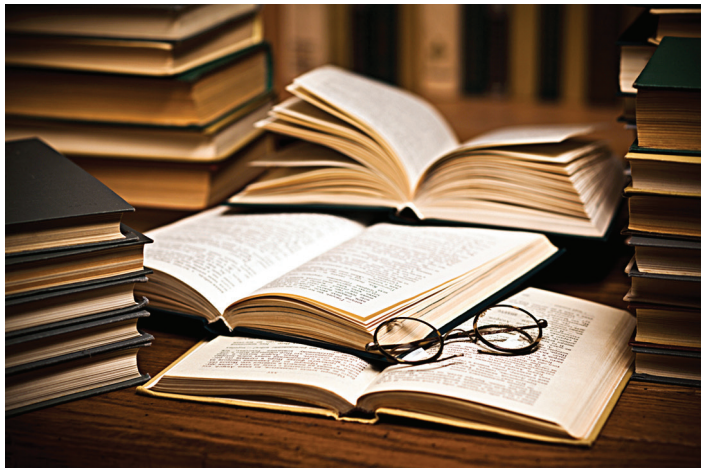
Anotações

O conhecimento enciclopédico é definido por Koch e Elias (2010) como a busca na memória do conhecimento de mundo que possuímos, que seria o conhecimento culturalmente construído, como por exemplo, o significado de datas comemorativas, a evolução histórica do homem, a evolução tecnológica da datilografia à digitação etc.

O conhecimento de texto fornece os modelos a serem seguidos e, além disso, conforme Koch e Elias (2010), um texto é sempre resposta a outro texto, o que se configura no princípio da produção textual: a intertextualidade.

O Conhecimento interacional referido por Koch e Elias (2010) remete à ativação do autor de suas práticas culturais e históricas as quais possibilitam: configurar na escrita a sua intenção; determinar a quantidade necessária de informações para que a mensagem seja transmitida com sucesso; selecionar a variante linguística adequada para o propósito a que o texto se destina; adequar o gênero textual a situação comunicativa; utilizar sinais de articulação e apoios textuais para facilitar a compreensão leitora.

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM



Na produção textual, parte-se de modelos já existentes, se tivéssemos que inventar os gêneros discursivos, dificilmente a comunicação fluiria com êxito. Se tivéssemos que produzir um texto jurídico sem termos conhecimento da área, teríamos dificuldades em escrever, portanto a

Anotações

produção textual deve sempre estar relacionada ao que já se conhece e esse conhecimento se constrói e se reconstrói a partir de nossas práticas sociais. Isso significa que não somos totalmente livres para usar qualquer gênero textual, mas estamos condicionados a adequação verbal à situação social (KOCH; ELIAS, 2010).

Portanto, para a produção textual o primeiro passo é escolher um tema cujo desdobramento se ampare em nossos conhecimentos prévios e outros que podem ser resultados de pesquisas.

Da mesma forma que o produtor textual constrói suposições acerca do leitor, o leitor também constrói expectativas de leitura e estas começam a partir do tema que é o fio condutor da leitura. Quando falamos em tema, estamos nos referindo ao assunto abordado no texto e o título do texto deve representar esse tema de forma clara e objetiva, a fim de orientar o leitor, e no decorrer do texto devemos promover o que Koch e Elias (2010) designam de manutenção temática, que é o desenvolvimento do texto sem a perda do tema sobre o qual ele se desenvolve.

Na definição do tema, a primeira decisão recai sobre o assunto que se deseja falar, como por exemplo, podemos falar sobre a violência escolar. Portanto, nosso tema é a violência escolar, porém dentro desse tema existem conceitos diferentes para cada situação apresentada, ou seja, o tema violência escolar pode abranger drogas nas escolas, depredação escolar, violências pontuais e *bullying*. Diante disso, temos que decidir sobre qual foco estará nossa atenção na produção textual, caso seja um texto longo como um livro, uma dissertação ou tese com o objetivo de relatar as variantes da violência escolar, podemos abordar todos esses conceitos. Caso seja um texto menor, há a necessidade de delimitar o plano de escrita e escolher um tema, podendo ficar desta forma:

Violência escolar: o *bullying* e suas características.

Violência escolar: a depredação e suas manifestações.

Violência escolar: o tráfico no âmbito escolar.

Anotações

Percebe-se que o tema gira em torno da violência escolar, mas o assunto tratado foi delimitado para uma das características da violência escolar. Procedendo dessa forma, estaremos realizando a focalização, um dos itens da produção textual citados por Koch e Elias (2010) que se refere à delimitação do tema a ser tratado no texto, é um recorte do contexto sob o qual o autor possui maior conhecimento ou interesse.

Na delimitação é feita a escolha do tema sobre o qual o autor irá produzir referenciações, que significa citar alguém, algo, fatos, eventos ou sentimentos de acordo com o tema escolhido. Em toda atividade discursiva, pressupõe-se a referenciação, pois o que se fala ou o que se escreve, se fala ou se escreve de alguém, de algo, no caso, da escolha pelo tema violência escolar, a referenciação será sobre a violência escolar, se houve a delimitação do assunto para a depredação escolar, a referenciação será sobre esse tema. Na progressão do texto, tais referenciações devem ser retomadas para esclarecer ao leitor as relações entre o que se diz e o tema principal do texto, e em outros momentos novas referenciações devem ser introduzidas, é o que Koch e Elias (2010) chamam de progressão referencial, que promove o desenvolvimento do texto por meio de novas informações que vão se encadeando de forma sucessiva.

Essas novas referenciações devem ter relações de significados com as referenciações anteriores, por exemplo, mantendo o nosso tema sobre violência escolar e escolhendo a depredação como foco principal, iniciamos nosso texto esclarecendo o conceito de violência escolar, introduzimos o tema depredação escolar contextualizando-o com a violência escolar e introduzindo novas referenciações acerca da depredação como, por exemplo, a violência simbólica exercida na escola sobre o aluno como possível fator motivacional.

Percebe-se que na continuidade do texto deve haver um equilíbrio entre a repetição ou retomada de aspectos importantes e progressão, remetendo a algo novo, uma informação nova. Neste ponto, Koch e Elias (2010) retomam o conceito do dado e do novo, que seria o encontro de informações já conhecidas pelo leitor com o conceito novo. O dado será a base de inferência do leitor, são as informações implícitas no texto contrapondo-se com as informações

explícitas que seria o novo. Aqui é retomado o exemplo do iceberg quando o que se vê é apenas uma ponta do iceberg e a estrutura maior está submersa nas águas (KOCH; ELIAS, 2010, p. 207). Assim se efetua o princípio da economia, ou seja, o conhecimento prévio do leitor evita que o produtor realize a tarefa árdua de explicar os detalhes da situação sem afetar o princípio da explicitude que é a decisão sobre quais informações são importantes para que o leitor consiga compreender a mensagem.

A repetição ou retomada do termo, citada por Koch e Elias (2010), é um recurso adotado na progressão textual, porém deve ser vista com cautela, pois repetição não significa repetir o tempo todo o termo referenciado, mas sim retomar o essencial do que foi referido para progredir nas discussões.

Há as repetições realizadas para produzir efeitos estilísticos, como as repetições realizadas em poemas e canções, e há a repetição retórica que seria a retomada do termo referido para reforçar a argumentação. No contexto das repetições textuais, há o recurso chamado paralelismo que se refere a um recurso utilizado para descrever estruturas com significados iguais utilizando elementos diferentes. A Bíblia é rica em construções paralelas, vejamos o exemplo abaixo:

Exemplo:

“A Tua palavra é lâmpada para os meus pés e luz para meu caminho” (Salmos 119:105).

Para entendermos melhor o paralelismo no versículo citado, podemos fazer a seguinte análise:

O Pronome Tua remete à imagem de Deus, fato que sabemos pelo conhecimento contextual que temos da Bíblia, local de publicação do versículo. No versículo, a palavra de Deus tem duas funções: 1. uma lâmpada para os meus pés; 2. uma luz para meu caminho. A palavra luz e lâmpada se configuram num paralelo, pois são palavras diferentes que remetem ao mesmo significado, que seria iluminar; pés e caminho também podem ser considerados um paralelismo nesse versículo, pois ambos remetem ao significado caminhar.

Esse recurso é recorrente em poemas, músicas e textos que buscam uma construção estilística sem repetir de forma cansativa os mesmos termos.

Outro efeito citado por Koch e Elias (2010) é a paráfrase, que podemos usar para retomar ou esclarecer um conceito descrito anteriormente; para esse efeito podemos utilizar termos como: isto é; ou seja; segundo; conforme; em outras palavras.

No desenvolvimento do texto, pode-se perceber a progressão do tema, que pode ser feita de forma constante em enunciados sucessivos; progressão linear quando o assunto que se expõe no enunciado anterior é o tema do enunciado seguinte; progressão com divisão do tema quando esse é subdividido em partes e cada uma é trabalhada em enunciados subsequentes.

A progressão textual pode ainda ser realizada sob tópicos, por exemplo, quando citamos a violência escolar como tema e decide-se falar sobre todas as suas vertentes, cada tópico se refere a uma vertente ou, se o assunto tratado é a alfabetização, podemos discorrer sobre a alfabetização de crianças, de adultos, os métodos de alfabetização, os instrumentos utilizados para alfabetizar. Se quisermos, podemos escolher apenas um aspecto da alfabetização para escrever o que seria a delimitação do tema. Se optarmos por falar sobre todos os tópicos, teremos que dar conta dessa tarefa dentro do texto e subdividi-los em parágrafos.

A paragrafação organiza os tópicos textuais, havendo continuidade de assunto, pode-se continuar escrevendo no mesmo parágrafo, havendo descontinuidade ou mudança do assunto ou tópico, deve-se separá-los em parágrafos.

Dessa forma, os tópicos são divididos por parágrafos que seguem a sequência determinada no primeiro parágrafo, ou seja, a função do primeiro parágrafo, definido como introdução, é orientar o leitor sobre as sequências em que os tópicos do tema serão abordados.

Se optarmos por falar em tópicos, devemos lembrar que todos devem estar encadeados com o tema principal, o chamado encadeamento descrito por Koch e Elias (2010) que citam duas formas de procedimento: o encadeamento por justaposição, quando os enunciados

Anotações

são justapostos apenas com conexão semântica sem a utilização de conjunções, em alguns desses casos podemos utilizar letras do alfabeto ou enumerar os tópicos para determinar as sequências em que serão apresentados nos textos; e o encadeamento por conexão ocorre quando são utilizados os conectivos, como os que já vimos anteriormente (mas, todavia, entretanto, porém, segundo, conforme etc.).

E por fim, falamos baseadas em Koch e Elias (2010) sobre a elegância textual que se define na escolha das palavras que melhor definem o assunto, as autoras citam como exemplo os termos domicílio ou imóvel, que seriam bem aceitos em um texto jurídico e soariam estranhos em textos literários narrativos nos quais seria preferível utilizar lar, casa, residência, moradia, mansão, palacete, biboca, barraco, apartamento etc., atentando-se para o fato de que apesar de todos terem o mesmo significado, não se aplicam em todos os contextos, a escolha do termo deve ser na adequação vocabular ao ambiente que se queira reproduzir.

Essa referência das autoras nos remete às variações linguísticas trabalhadas na primeira unidade. Percebe-se que também na produção textual o vocabulário deve se adequar ao objetivo e ao gênero textual.

PRODUÇÕES DE TEXTOS NARRATIVOS E DESCRITIVOS

O homem utiliza a linguagem para três funções básicas: narrar, descrever e dissertar. Usa a narrativa para narrar fatos, eventos, situações; descreve seres animados e inanimados e disserta para se posicionar, convencer, persuadir (PIGNATARI, 2010). Se essas três funções básicas da linguagem oral são as mais utilizadas pelo homem, passam a ser também as mais utilizadas na linguagem escrita na qual se transformam em gêneros narrativos, descritivos e dissertativos.

Para cada gênero há uma linguagem própria, e ainda dentro dos gêneros há as variações contextuais que exigem conhecimento vocabular do contexto em que está inserido o tema;

Anotações

um texto descritivo de paisagem utiliza vocabulários diferentes do texto descritivo de uma máquina, por exemplo. Dessa forma, cada texto contém uma particularidade que o diferencia dos demais, ao mesmo tempo que segue regras globais como a coerência e a coesão. Portanto, se queremos nos aventurar pelo mundo da escrita, devemos conhecer estas particularidades.

PRODUÇÃO DE TEXTOS NARRATIVOS

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

O que seria do mundo sem a ficção? Imaginem o mundo sem a Cinderela, aquela imagem encantada de seu rodopio dançando uma valsa com o príncipe encantado, vestindo aquele vestido azul radiante, ou as peripécias de Dom Quixote de La Mancha, Zorro, do Tarzan, ou o mundo mágico da Alice viajando pelo país das maravilhas, as aventuras de Harry Potter e tantos outros personagens que só existem na ficção.

A narração sempre esteve presente na história da humanidade, as gravuras nas pedras feitas pelos homens das cavernas são narrativas; os mitos da criação passaram de geração a geração por meio da narrativa; a Bíblia é um texto narrativo. É o gênero mais presente nas atividades das séries iniciais do ensino fundamental porque ele faz parte da literatura infantil, das fábulas, dos contos, as aventuras dos heróis são todas descritas no gênero narrativo.

Anotações

É também o primeiro gênero textual produzido pelas crianças. Quando elas escrevem, elas querem narrar algo, contar algum fato da sua vida, contar uma história que viram acontecer ou viajar nas palavras e narrar uma aventura ficcional.

O gênero narrativo parte das ações decorridas na evolução temporal e abarca várias estruturas e estilos, conforme esclarece Gancho (2004), podemos dizer que há o gênero narrativo épico, estruturado sobre uma história; o gênero narrativo lírico, pertencente à poesia lírica, e o gênero narrativo dramático, que envolve o texto teatral. As narrativas ficcionais são mais difundidas na forma de romance, novela, conto e crônica.

Conforme Pignatari (2010), o texto narrativo também não é imparcial, o autor argumenta que por meio da exposição dos dados narrativos, o ambiente, espaço ou personagem é descrito de forma subjetiva, expondo a opinião do autor. Pignatari (2010) cita a situação em que o autor quer referenciar uma criança do sexo masculino, a referência pode ser feita pelos termos menino, moleque, garoto, anjo ou pestinha, esses dois últimos termos denotariam a intenção do autor em convencer o leitor de que se trata de um menino bom, com comportamento educado, ou um menino ruim, mal educado.

O texto narrativo também é utilizado em reportagens jornalísticas e também nesses veículos de informações pode-se observar que em muitos casos o repórter-narrador não narra de forma imparcial, conforme pudemos analisar na unidade II ao debatermos a leitura crítica de textos jornalísticos. Pignatari (2010, p. 33) cita um texto hipotético para análise:

1 – Os desabrigados invadiram novamente a propriedade particular no centro da cidade e a polícia precisou usar a força.

2 – A polícia agrediu os desabrigados que tentavam ocupar um prédio abandonado no centro da cidade.

Percebam que por meio da escolha de palavras adequadas, os textos refletem interpretações

diferentes para uma mesma situação. O primeiro texto usa a palavra invadir e o segundo usa ocupar, da mesma forma escolheu-se as palavras prédio particular x prédio abandonado e precisou usar a força x agrediu.

O primeiro texto articula as palavras para narrar uma ação criminosa cometida pelos desabrigados que tentavam invadir um imóvel particular, o segundo texto articula as palavras para narrar a ação de pessoas buscando abrigo em um imóvel abandonado e que foram agredidas pela polícia.

Para a produção do texto narrativo, a primeira coisa a ser decidida é qual a história que será contada e decidir qual será o papel do autor no texto, se será o narrador apenas, aquele que observa e conta o fato sem se fazer presente, ou se será o narrador personagem, uma personagem envolvida na história. Portanto, é necessário ter ciência da existência do narrador observador e do narrador personagem para definir um estilo de escrita que deverá seguir até o final do texto.

O narrador observador narra a história como alguém que está apenas observando, portanto o verbo deverá estar na terceira pessoa do singular, como podemos observar no seguinte exemplo:

Exemplo: Ela não sabia que havia uma pedra no meio do caminho.

Se preferir adotar o estilo narrador-personagem, o texto pode ser escrito em primeira pessoa.

Exemplo: Eu não sabia que havia uma pedra no meio do caminho.

Para Gancho (2004), a narração consiste em representar coerentemente uma sequência de acontecimentos reais ou supostamente sucedidos envoltos nos seguintes elementos:

Personagem: pessoa ou pessoas que atuam na narrativa pode(m) ser principal(is) ou protagonista(s) que pode(m) ser representada(s) pelo herói ou anti-herói e personagens

Anotações

secundários, típicos ou caricaturais que representam os demais participantes da história formando a âncora dos protagonistas. As características principais dos personagens devem ser descritas, pois são fatores importantes na interpretação do texto.

Espaço: é o espaço físico onde se desenvolve a ação das personagens, sendo uma narrativa longa, com várias páginas, a descrição do espaço poderia ser feita de forma detalhada. Sendo uma narrativa curta, deve-se descrever o espaço com informações suficientes para que o leitor saiba onde os fatos estão ocorrendo.

Ambiente: são as características sociais, econômicas, psicológicas e morais em que vivem os personagens. Com poucas palavras pode-se revelar se se trata de alguém com alto ou baixo poder aquisitivo, se o perfil da personagem é de alguém calmo, agressivo, se é um imoral ou um personagem moralista.

Tempo: sequência linear dos acontecimentos da narração, época em que se passa a história ou duração dos fatos. Os fatos devem ser narrados na sequência em que aconteceram, caso haja referências passadas, o leitor deve ser avisado de que o que se descreve faz parte da memória do narrador.

Enredo: são as ações que acontecem em torno dos personagens, pode ser chamado de trama ou história. O enredo pode ser apresentado em quatro partes: a exposição do tema central, que seria a introdução da história para o leitor se situar no tempo e no espaço. Na introdução devem ser respondidas as seguintes perguntas: quem, quando, onde e o que. É como se a introdução fosse a margem de um rio que se começa a conhecer.

Complicação: ou conflito, que seria um problema a ser resolvido, um fato que incomoda ou um sonho a ser realizado. A pergunta que deve ser respondida é o por quê, o como, a descrição do problema enfrentado ou dos mistérios a serem revelados. A complicação seria a corredeira do rio, a aventura, a ação.

Clímax: que seria o ponto culminante da história, momento de maior tensão, pode ser o

momento em que o mistério é revelado, descoberto; a solução é encontrada. Na corredeira do rio o clímax seria a descida da cachoeira.

Desfecho: seria o final feliz ou não, momento em que as coisas se acomodam, tudo volta ao normal, a aventura acabou, mas deixou uma marca, uma moral ou um aprendizado. São as águas do rio que se encontram calmas novamente terminando um trajeto cheio de suspense e aventuras.

Na estrutura do conteúdo temos o tema, o assunto e a mensagem que não representam as mesmas coisas.

O tema é a ideia em torno da qual a história se desenvolve, por exemplo:

Tema: Passeio no bosque. “Meu pai me levou a um passeio no bosque”.

O assunto se refere à concretização do passeio, o que aconteceu.

Exemplo: “O passeio estava muito animado, vimos bichos, comemos pipoca”.

A mensagem é um pensamento sobre o passeio.

Exemplo: “Adoro passear com meu pai”.

Conforme Gancho (2004), dentro do conteúdo pode ocorrer também o discurso direto e o indireto, pode-se usar a narrativa direta descrevendo a fala do personagem, como no exemplo:

Márcia perguntou a Pedro: - Vamos brincar?

No que Pedro respondeu: - Vamos!

Ou pode ser utilizada a narrativa indireta, como no exemplo:

Márcia perguntou a Pedro se ele queria brincar e Pedro respondeu que sim.

Anotações

Como podemos perceber, a produção de uma narrativa não requer habilidades de exímio escritor, basta ter uma história para contar, disposição para escrever e coragem de se aventurar.

Saiba mais
sobre o **Assunto**

Curiosidade histórica do texto narrativo citado por Marcelo Bulhões

Um caso curioso. Em 1870, O *Diário de Notícias,* jornal de Lisboa, passou a publicar uma série de cartas misteriosas que comunicavam um sequestro, um assassinato e, a partir daí, mais outras situações apavorantes. O remetente da primeira carta, incógnito, dizia-se ser a vítima, junto com um amigo, do tal sequestro, ocorrido em uma estrada deserta. Assim teria acontecido: enquanto passeavam a cavalo, repararam em uma carruagem estacionada. Tratava-se de uma emboscada. Dominados são eles por três sujeitos mascarados e logo conduzidos, de olhos vendados, a uma misteriosa casa. Lá dentro, depararam com um corpo. Revela-se o motivo do sequestro: sendo um dos dois médicos, tinha sido levado até ali para assegurar se estava morto ou se ainda vivia aquele corpo imóvel, o de um belo jovem, de aparência inglesa, paralisado pela ação de um narcótico. Está morto, diz o médico sequestrado. Expõe-se o enigma: suicídio ou assassinato? E, no último caso, quem teria matado? Alguns dos mascarados? Alguém fora dali? Alguma mulher, dona do radioso fio de cabelo loiro encontrado próximo ao cadáver...? Armam-se conjecturas. Os dois companheiros sequestrados ficam prisioneiros e, algum tempo depois, um deles é liberado.

Lisboa passou a acompanhar empolgada, a partir da primeira carta publicada no *Diário*, uma série de outras situações extravagantes. Diante da série de textos enigmáticos anunciados pelo título de *O mistério da estrada de Sintra*, a cidade vivia a expectativa de novas aventuras ou do desvendamento da envolvente trama. Longe disso, a narrativa vai complicando e se expandindo. Novas cartas chegam à redação do *Diário*, assinadas por diferentes indivíduos que se diziam envolvidos no caso, narrando outras situações surpreendentes.

[...] Os episódios se superam em ocorrências trágicas e passionais, como no caso de Carmem, cujo amor a conduz à morte e a um sepultamento acompanhado por marinheiros em alto mar.

É difícil supor que os leitores de Lisboa de 1870 estivessem levando a sério aquelas páginas tão cheias de peripécias, ou seja, que as estivessem lendo como um material noticioso-informativo. Seja como for, tais leitores embarcaram na narrativa e estiveram vagando por mares e territórios cada vez mais longínquos. [...]

Descoberto o assassinato, uma última carta ainda é publicada no *Diário de Notícias* esclarecendo

Anotações

que tudo não passara de pura brincadeira, puro artifício de ficção. E subscrevem os autores da peça inventada e pregada: Eça de Queirós e Ramalho Ortigão em 27 de setembro de 1870.

[...]

Segundo Brito Broca, não haveria um plano previamente traçado pelos dois autores para o desenrolar da trama. Aliás, os dois nem estariam juntos para escrever o texto. Ramalho escrevia de Lisboa e Eça, de Leiria. Cada um tomaria a tarefa de desenvolver a narrativa a partir do ponto em que o outro deixasse. Assim foi feito. E o sucesso foi considerável. Tanto que aquelas páginas de jornal depois foram transplantadas para o formato confortável do livro, reproduzido em várias edições.

Referência: BULHÕES, Marcelo. Jornalismo e literatura em convergência. São Paulo: Ática, 2007, pp. 83-85.

PRODUÇÃO DE TEXTO DESCRITIVO

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

Geralmente, dentro do texto narrativo há trechos que são descritivos, quando se quer apresentar o tempo, o espaço, os personagens e os fatos, há a necessidade de descrevê-los, portanto quando se escreve uma narração, também se pratica a capacidade básica de descrição. Podemos dizer que descrever é produzir um retrato falado de uma imagem, um objeto, ambientes, paisagens, seres vivos.

Anotações

Porém, ao descrever, podemos ir muito além da descrição básica, pois descrever é ter também a sensibilidade de perceber as características próprias dos seres animados e inanimados por meio das indicações dos aspectos mais característicos que os distinguem. Para descrever, o autor pode utilizar os cinco sentidos: a audição, a visão, o tato, o olfato e o paladar.

Portanto, descrever não é só enumerar características, mas ressaltar os traços mais salientes que podem determinar a impressão do leitor sobre o objeto descrito. Por exemplo, ao lermos a palavra cadeira vem a nossa mente um objeto que todos conhecemos, mas são todas iguais? A cadeira que eu imaginei é a mesma cadeira que você imaginou? Com certeza não. Mas se descrevermos cadeira em modelo padrão em madeira rústica de pinho, já conseguimos aproximar a nossa visão, ainda que não totalmente.

Por outro lado, se descrevermos cadeira velha de madeira com assento e encosto de palha, imaginamos um local rústico, mas se descrevermos cadeira de madeira de lei com assento e encosto em veludo, nossa imaginação nos remete a um ambiente requintado, de luxo. Percebe-se que na leitura de descrições não ficamos apenas com a imagem do objeto em si, mas completamos com imagens do contexto que estão na nossa mente, que seriam nossas inferências. Quanto mais claras forem as descrições do autor, maior será a aproximação da imagem que nos vem a nossa mente com a imagem que o autor quer que tenhamos, tanto do objeto como do contexto onde o objeto está inserido.

Assim como existe a escrita literária e a não literária, o texto descritivo pode seguir a mesma regra. O texto descritivo literário permite a ficção, descrição de objetos voadores, duendes, fadas e demais componentes da ficção, pode ser carregado de emoção, exagero e destaque para as características que se quer ressaltar. Na descrição literária, a descrição de um objeto pode estar vinculada à imagem pretendida pelo autor do contexto em geral, como na descrição da cadeira, uma que nos remete a um contexto pobre e outra que nos remete a um contexto requintado. Ao descrever uma pessoa, o autor pode incluir adjetivos que levem o leitor a idealizar a personagem como bela e meiga ou rude e agressiva, que seriam as descrições psicológicas da narrativa literária.

Anotações

No texto descritivo não literário a ficção não é permitida, a linguagem é técnica, científica, objetiva, cuidando com o uso de palavras ambíguas, que dê dupla margem de sentido à descrição podendo interferir no resultado final. O texto descritivo não literário é utilizado para descrever aparelhos, manuais de instruções, processos, relatórios, bula de medicamentos. A linguagem utilizada nesses tipos de textos é objetiva e nunca subjetiva, ou seja, o autor do texto descritivo não literário deve ser imparcial, sua opinião e seus sentimentos não devem fazer parte do texto. Se a descrição é sobre um fato presenciado, o relato deve ficar em torno apenas do que se viu e não do que se imaginou, por exemplo, ao descrever um acidente de trabalho, a descrição deve ser sobre os fatos observados e não sobre o que se supõe ter acontecido. Essa linguagem é a mesma linguagem utilizada em relatórios de Trabalhos de Conclusão de Curso, item que discutiremos na unidade IV.

A PRODUÇÃO TEXTUAL NA INTERNET

Na era do letramento digital citada por Xavier (2006), os seus usuários têm reconfigurado os processos gráficos da escrita utilizando-se de elementos antes estranhos à produção textual. Podemos citar como exemplo dessa reconfiguração uma frase escrita por uma aluna em uma mensagem que enviou à sua colega, em que estava escrito: KDV6? A primeira impressão que temos é que se trata de um código, que as alunas estavam tentando passar uma mensagem decodificada para que ninguém mais as entendesse. Na curiosidade em decifrar tal código, questionou-se à aluna sobre o significado da grafia utilizada e eis a tradução: cadê vocês?

Não podemos acusar os usuários das práticas interativas virtuais, em que a escrita se faz presente, de falta de criatividade, não é mesmo!

Segundo Xavier (2006), o uso de formas gráficas diferentes na interação que ocorre na internet não prejudica o aprendizado escolar, mas pode ser usado como contraponto, como ponto de comparação, da lógica existente em cada novo código utilizado. Além de não prejudicar, a interação virtual exige muita leitura, a habilidade mais exigida é a leitura, os sites, os blogs,

as páginas de interação estão repletas de textos e utilizam a norma padrão de escrita. O que deve ser discutido é a qualidade dos textos lidos, devemos aguçar o nosso faro crítico sobre a leitura.

Xavier (2006) cita um exemplo de interação que pode ser benéfico à leitura e produção de escrita na internet, é a criação de um site que se refere a um gênero ficcional nascido na rede virtual em que os participantes podem realizar modificações nas histórias, nos destinos dos personagens. Ou seja, alguém posta uma história que passa pelo crivo do site, é publicada e os demais participantes podem interagir e dar novos rumos para o texto do autor. Acreditamos que essa ideia pode ser utilizada de forma didática até mesmo pelas instituições escolares, pois é uma forma de incentivar a escrita.

Ledo engano se pensarmos que a internet é um espaço totalmente livre, ele é regido primeiro por regras sociais embasadas nos direitos e limites de liberdade de expressão e depois, não são todas as páginas que permitem grafias codificadas, se o que você escreve não for entendido por quem lê, não haverá mensagem. Portanto, mesmo diante da aparente liberdade de escrita, a produção textual postada na internet ainda segue as normas básicas da linguagem. Por outro lado, a internet não é composta apenas por sites de relacionamentos em que se pode escrever livremente, há muitos locais de pesquisas e se na busca a palavra for digitada errada, não se consegue encontrar o que procura, da mesma forma, há páginas de publicações acadêmicas científicas que não admitem outra norma que não a norma culta, há também a utilização de palavras-chave nas buscas que direcionam para as ideias centrais do texto, sobre os quais se deve ter conhecimento.

Percebe-se que para poder se aventurar no mundo virtual, um vasto conhecimento de leitura e escrita são necessários para uma interação produtiva e significativa. Esse movimento amplo que é o âmago das interações virtuais não deve ser ignorado, deve ser refletido, analisado e ponderado.

Anotações

Para saber mais sobre o assunto, sugerimos a leitura completa do artigo escrito por Xavier (2006), do qual retiramos o trecho que segue abaixo.

Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet. Núcleo de estudos de hipertexto e tecnologia educacional

Antonio Carlos dos Santos Xavier

[...]

A internet é essencialmente um espaço de produção de linguagem e a forma de linguagem hoje que predomina nas páginas digitais da Internet ainda é a linguagem verbal na modalidade escrita da língua. Por ter nascido e ser moldada pela *Cultura Escrita* e sob a tradição do livro, que goza do prestígio de ser um símbolo de cultura e erudição, é natural que ainda predomine nas páginas digitais a palavra escrita, o verbo, em detrimento da imagem e da sonoridade. Contudo, a *convergência de mídias* viabilizada pelo computador pode levar à dúvida de saber se realmente a escrita continuará a ser a forma de expressão humana a predominar neste mais novo suporte de leitura – a tela digital. Quem defende essa idéia da supremacia do escrito sobre o visual é o semioticista e escritor italiano Umberto Eco, em um artigo intitulado *"Da internet a Gutenberg"*. Neste artigo, publicado como pós-escrito do livro *The Future of the book* (O Futuro do livro) em 1996, editado por George Numberg, Eco diz que a *Era da Informática* representa a consolidação da escrita como forma de expressão de significados que tem um lugar garantido na vida do homem contemporâneo. Como o próprio título do artigo sugere, *Da Internet à Gutenberg*, Eco defende que a rede trouxe de volta ao centro das atenções a palavra escrita, recuperou o valor do ato de escrever. De fato, como afirmei acima, a internet ainda é hoje predominantemente texto escrito, que divide o mesmo espaço de produção de sentido com a imagem e com o som. Atualmente, as conexões domésticas ainda são muito lentas com velocidade de transmissão de dados que variam entre 32 e 64 kbps. Contudo, já há equipamentos de conexão mais velozes no mercado que chegam a atingir 128, 256, 512 ou até 1024 kbps.

Esse incremento na velocidade de conexão de dados pode mudar a realidade dos fatos semióticos e cognitivos permitindo uma real convergência de formas de expressão: texto + imagem + som mesclados passarão a gozar do mesmo peso sígnico na percepção e na construção de sentido pelo hiperleitor. Para alívio dos mais conservadores e patrulheiros da língua, ainda se escreve na internet em dialeto padrão, ou seja, a maioria dos *sites*, portais e servidores de acesso obedecem ao sistema de notação da escrita convencionalizada por lei no Brasil e valorizada pelos gramáticos de plantão. Por ser um fato social, a linguagem verbal, produto da criatividade humana e construção histórica dos seus

Anotações

usuários, muda, é transformada por eles, renova-se juntamente com seus falantes, seres vivos e em constantes mutações pessoais e coletivas. Portanto, é natural que a cada nova necessidade de comunicação ou desejo de expressão do homem, haja modificações na forma de utilização da língua. Assim surgem as *variações* lingüísticas, que uma vez aceitas pelo uso constante dos falantes provocam reais *mudanças na língua*. São os novos contextos sociais e de relacionamentos interpessoais que reclamam a criação de novos gêneros textuais. As situações comunicativas inéditas geram demandas de gêneros específicos para cada uma delas. Em outras palavras, os gêneros textuais nascem para atender a essa diversidade de condições físicas, emocionais e econômicas que pressionam o usuário da língua a utilizá-la de uma certa forma e não mais de outra. A internet como um microcosmo virtual do mundo real reflete essa pluralidade de contextos comunicacionais, e, dessa maneira, oferece as condições sócio-técnicas para a emergência de novos gêneros textuais e formas alternativas de utilização das convenções da escrita.

Sabe-se que o nada nada cria, logo é natural que os novos gêneros que emergem das tecnologias recém criadas misturem gêneros, façam uma composição de características de um certo gênero com a possibilidade técnica de efetivar uma determinada ação antes impossível. Nesta perspectiva, fundem-se e fundam-se maneiras criativas de grafar as palavras e subverter os gêneros já existentes. Ilustram bem as relações de proximidade que há entre os gêneros carta pessoal e *email*, *chat* e conversa espontânea, fóruns eletrônicos e seminários ou debates públicos, *blogs* e diários e agendas. Cada um dos gêneros demanda uma forma específica de usar a escrita, pois nem todo gênero textual precisa ser formal e utilizar a norma padrão da língua. Um bilhete a um amigo requer o uso mais informal da escrita tanto na estrutura sintática quanto na escolha do léxico pela relação de simetria hierárquica que há entre eles. No bilhete pode-se reduzir palavras e usar um termo mais coloquial por causa da proximidade dos interlocutores e da natureza do tema discutido. Da mesma forma é natural que, numa palestra, o palestrante procure aproximar sua fala da norma padrão da língua por causa da situação acadêmica do evento que ocorre em uma instituição ritualística como uma universidade.

[...]

Caso você queira ler o artigo na íntegra acesse:

<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Reflexoes%20em%20torno%20da%20escrita%20nos%20novos%20generos%20digitais-Xavier.pdf>.

Anotações

Leitura Complementar

Livro: Ler e escrever: estratégias de produção textual

Autoras: Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias

Editora: Contexto

Edição: 2ª (2010)

Páginas: 220

Comentários sobre o livro feitos por Francisco Gomes de Matos

Professor Emérito, UFPE, Recife. Presidente do Conselho Deliberativo, Associação Brasil América, Recife.

A Linguística Aplicada ao Ensino de Português língua materna continua a desenvolver-se, entre nós, graças a contribuições relevantes. Um exemplo excelente disto: o recém-lançado volume de co-autoria de duas pesquisadoras, atuantes, respectivamente, na UNICAMP e na PUC-SP. Koch navega também, magistralmente, nas águas da Linguística Textual e Elias, destaca-se no Ensino de Língua Portuguesa, presencial e à distância. Este livro, o segundo delas (cf. *Ler e compreender: os sentidos do texto*, publicado pela Contexto em 2006), contém uma expressiva capa – humanizadora, pois mostra uma leitora em ação – uma Introdução (4 p.), 8 capítulos (202 p.) e Bibliografia (5 p.). Os títulos dos capítulos dão uma idéia do percurso a ser percorrido pelo(a) leitor(a): 1. Fala e escrita, 2. Escrita e interação (22 p.), 3. Escrita e práticas comunicativas (22p.), 4. Escrita e contextualização (26 p.), 5.

Anotações

Escrita e intertextualidade (30 p.), 6. Escrita e progressão referencial (28 p.), 7. Escrita e progressão sequencial (32 p.: o mais extenso), 8. Escrita e coerência (24 p.).

As autoras esclarecem que seu objetivo "é apresentar, de forma simples e didática, as principais estratégias à disposição dos produtores de textos no momento da escrita" (p. 9).

Como Koch e Elias aplicam seus conhecimentos de Língua portuguesa, Análise do Discurso, Linguística Textual, Educação em Língua Portuguesa? Por meio de exemplos comentados, em que são abordados conceitos teóricos-chave. No dizer das autoras, buscou-se "estabelecer uma ponte entre teorias sobre texto e escrita e práticas de ensino".

Assim, *Ler e Escrever* convida os professores dos vários níveis de ensino de Português a engajarem seus alunos em atividades promotoras de sua capacidade como estrategistas da comunicação. A louvável intenção pedagógica de Koch e Elias assenta em descrições acuradas e acessíveis de inúmeros processos que compõem o Ler e o Escrever ou, se preferirmos optar por uma visão holística, da lectoescrita (cf. os verbetes sobre esse conceito-termo no Dicionário de Alfabetização. Vocabulário de leitura e escrita, organizado por Theodore L. Harris e Richard E. Hodges, traduzido por Beatriz Viégas-Faria, edição da ARTMED, Porto Alegre, 1999). A aplicabilidade deste inspirador manual de Koch e Elias está fundamentada em criteriosa seleção de textos oriundos de livros, revistas, jornais e de alunos do ensino fundamental e ensino médio.

Embora, no Sumário, o termo ensino só apareça 3 vezes (capítulos 5, 6, 8), permeia a obra uma diversificada criativação de conhecimentos, apresentados sob forma visualmente agradável.

A riqueza temática e conceitual deste volume bem mereceria um Índice de assuntos, para que os leitores percebessem que Koch e Elias vão além do que está explicitado no Sumário. As referências bibliográficas estão predominantemente em Português, mas há fontes em inglês, alemão, francês e espanhol. Acrescentaríamos três livros: o supracitado Dicionário de Alfabetização, o volume enciclopédico Handbook of Research on Writing, organizado por Charles Bazerman, edição de Lawrence Erlbaum, 2008 e O Design da Escrita. Redigindo com criatividade e beleza, inclusive ficção, de Antonio Suárez Abreu (Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008).

Em suma, uma contribuição significativa à Tradição Brasileira de Lingüística Aplicada à Educação em Língua Portuguesa.

Referência: MATOS, Francisco Gomes de. *Ler e escrever*: estratégias de produção textual. DELTA, São Paulo, v. 25, n. 2, 2009.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502009000200018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Ago. 2012.

Anotações

Para a ampliação do seu conhecimento sobre leitura e produção textual, sugerimos que acesse os links abaixo:

Como usar os gêneros para ensinar leitura e produção de textos.

Disponível em:

<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/generos-como-usar-488395.shtml>.

Entrevista com Mirta Torres, estudiosa da didática da leitura e da escrita.

Disponível em:

<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/entrevista-mirta-torres-especialista-didatica-leitura-escrita-562077.shtml>.

Ana Teberosky: Debater e opinar estimula a leitura e a escrita.

Disponível em:

<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/debater-opinar-estimulam-leitura-escrita-423497.shtml>.

A mediação do professor e a participação do aluno na produção de textos

Disponível em:

<http://www.escrita.uem.br/escrita/pdf/damalentachi.pdf>.

Anotações

Sugestão de Vídeo

Título: O Carteiro e o Poeta

Título original: IL Postino

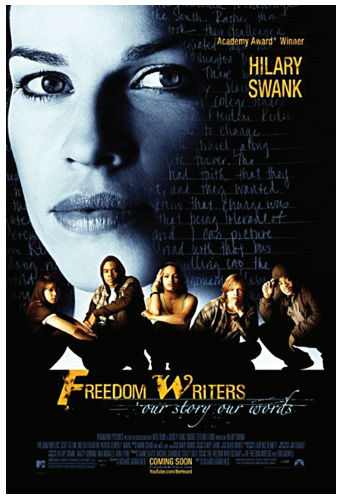
Lançamento: 1995

Diretor: Michael Radford

Gênero: comédia dramática

Em **O Carteiro e o Poeta** um carteiro faz amizade com o poeta Pablo Neruda, que vive exilado na costa italiana, e pede que ele o ajude a conquistar sua amada, mas descobre que a poesia sempre esteve dentro de si. Belíssimo filme de Michael Radford.

Anotações



Título: Escritores da liberdade

Título original: Freedom Writers

Lançamento: 2007

Diretor: Richard LaGravenese

Gênero: drama

Estúdio: Paramount Pictures

Escritores da liberdade – O filme foi baseado em fatos reais e relata a história da professora Erin Gruwell que percebe, no início de suas atividades docentes, que a educação na escola a qual lecionava não era como ela havia imaginado. Para superar os problemas de sua turma utilizou a estratégia da produção escrita como forma de transformar a educação. Utilizou de relatos de guerra para ensinar os valores da tolerância e da disciplina.

Anotações

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avançamos mais uma unidade em nossos estudos, caro(a) aluno(a), transpomos mais algumas barreiras no mundo da escrita.

Percebemos que a compreensão leitora se faz presente na produção textual, pois não se escreve sobre o que não se compreende. A leitura é o suporte para as produções textuais, quanto maior o nível de compreensão leitora, maior será a capacidade de escrita, e maior será o conhecimento vocabular e noções de organização textual.

Ao ler percebemos que as ideias são organizadas de forma coerente, ao escrever, temos que colocar em prática esse conhecimento, devemos organizar nosso pensamento e materializá-lo por meio da escrita utilizando-se dos elementos conectivos e coesivos de produção de sentido que vão formar um todo coerente.

Para facilitar a produção textual é necessário que se delimite o tema, que no desenvolvimento do tema as referenciações sejam retomadas, que se dê continuidade nas ideias propostas na introdução, que se organize temas que requerem maiores explicações em tópicos textuais.

Seguindo esses princípios básicos da produção textual, não tem erro, caro(a) aluno(a), o texto flui, as mensagens surgem e o efeito da comunicação se estabelece.

Independente do gênero os princípios textuais são os mesmos, ou seja, deve haver coerência, coesão e clareza na colocação do que se pretende escrever.

Não podemos ficar a mercê da sociedade do conhecimento, somos produtores ativos e devemos nos posicionar utilizando os instrumentos primordiais desta sociedade que é a leitura e escrita.

ATIVIDADE DE AUTOESTUDO

1. Para melhor desenvolvimento de suas habilidades textuais, é necessário praticar exercícios de escrita. Eles podem também oferecer uma nova perspectiva para o seu desempenho atual e por meio das reorganizações textuais lhe conduzir para a ampliação da linguagem

verbal. Não se esqueça que a escrita é a produção de sua voz interior. Escolha uma das três situações abaixo e exercite a sua língua materna por meio de uma produção textual.

- Relembre um antigo argumento que você usou com alguma pessoa. Reescreva o diálogo argumentativo entre vocês do ponto de vista da outra pessoa. Lembre-se que a ideia é ver o argumento da perspectiva do outro, não da sua própria.

_____

_____

- Escreva uma descrição de algum lugar visitado nos últimos tempos. Você pode utilizar de elementos sensoriais e visuais. Descreva da melhor forma para que possa passar a imagem desse ambiente.

_____

_____

- Sente em um lugar público ou uma área com bastante gente e escreva os diálogos que você ouve. Escute as pessoas ao seu redor, como elas falam e que palavras elas usam. Depois de fazer isso, pratique sua habilidade de escrita terminando os diálogos ouvidos em um texto narrativo ou descritivo. Escreva sua versão sobre como as conversas continuariam. Terminada a atividade, reflita: a escrita aceita a fala como ela ocorre?

_____

_____

UNIDADE IV

ASPECTOS ACADÊMICOS DA PRODUÇÃO TEXTUAL

Professora Dra. Ivone Pingoello

Professora Me. Nilsa Correia Faria Meneguetti

Objetivos de Aprendizagem

- Desenvolver conhecimentos práticos sobre a produção textual científica e acadêmica.
- Aperfeiçoar o domínio da linguagem dentro do conceito da norma culta padrão das produções textuais científicas e acadêmicas.
- Dominar habilidades sociais da comunicação escrita.

Plano de Estudo

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- **Produção de texto dissertativo**
- **Produção de relatório de estágio**
- **Tópicos de revisão textual**

INTRODUÇÃO

A vida escolar, da educação infantil à graduação e pós-graduação, é permeada por etapas de evolução do conhecimento. A cada nova etapa, novos conhecimentos são exigidos, maiores são os desafios porque maior é também a capacidade cognitiva do aluno decorrente de seu desenvolvimento acadêmico.

Dentro da aprendizagem da leitura e da escrita, não podemos dizer que há um ponto de partida e um ponto de chegada, pode-se dizer que ser alfabetizado é o início de uma aprendizagem, um ponto de partida para múltiplas aprendizagens cujas habilidades e competências vão se aprimorando a cada nova etapa. Nesse processo não há um ponto de chegada, pois nada se encontra acabado, concluído, e o mundo da leitura e da escrita são tão extensos quanto extensas são nossas capacidades de evoluções.

Ao adentrar na graduação, a etapa que se inicia é o desenvolvimento mais profundo do processo de leitura cujo resultado deverá ser a produção de textos acadêmicos de base científica. Nesse nível de produção textual, há normas que devem ser seguidas, principalmente no que se refere à linguagem utilizada, ao desenvolvimento coerente e coeso do texto, pois se trata de documento científico que comprova um experimento, uma ação, análise, refutação ou confirmação de conhecimentos prepostos.

Em nível de graduação e pós-graduação, entende-se como pós-graduação os cursos de especialização (*lato sensu*), mestrado e doutorado (*stricto sensu*), são exigidos trabalhos científicos para sua finalização. Na graduação o trabalho solicitado é o Trabalho de Conclusão de Curso, o famoso TCC, ou relatório de estágio; nos cursos de especializações uma das exigências para a finalização do curso é a produção de uma monografia ou artigo sobre um determinado tema; nos cursos de mestrado o trabalho final é designado de dissertação e para o doutorado é exigida a produção de uma tese de doutorado. Todas as produções envolvem texto científico dissertativo, descritivo e relatórios resultantes de pesquisas bibliográficas e/ou de campo.

Conforme descrições de Martins Junior (2009), a monografia é uma composição científica delimitada feita por um pesquisador sob a supervisão de um orientador, a composição do nome monografia vem do grego "*mono*" e da palavra grafia, mono significa um só e grafia significa escrever, dessa forma, monografia significa escrever sobre um só assunto ou tema. No sentido lato (de *lato sensu*) se configura como uma investigação científica cujo resultado será um trabalho científico inédito. No sentido estrito (de *stricto sensu)* a investigação científica que resultará em trabalho científico, além de ser inédita, deve apresentar uma contribuição relevante, original e pessoal à ciência (MARTINS JUNIOR, 2009).

Como já dissemos antes, para cada etapa, novas habilidades são exigidas, portanto, se você está disposto a continuar seus estudos, deve ter ciência que a escrita científica é parte integrante e não opcional dessa empreitada acadêmica.

Portanto, aprender a escrever é um processo contínuo que se inicia na alfabetização e vai se aprimorando com o passar do tempo conforme a dedicação e esforço do aprendiz. Aprendizes seremos sempre, quanto mais se escreve, mas exigente se fica, e maior será a percepção textual e o repertório vocabular.

Sendo a base dos trabalhos acadêmicos o gênero dissertativo que por vezes utiliza-se da linguagem descritiva para compor relatórios oriundos de pesquisas, organizamos neste trabalho as estruturas essenciais para a produção desses tipos de textos a fim de contribuir com o desenvolvimento da capacidade argumentativa, dissertativa e descritiva de nossos alunos.

PRODUÇÃO DE TEXTO DISSERTATIVO

A dissertação é um instrumento muito apreciado nas universidades e empresas para avaliar a capacidade cognitiva e intelectual do indivíduo. Isso porque dissertar implica organizar pensamentos, defender pontos de vista, descobrir soluções, argumentar em favor de uma ideia

tendo como base a fundamentação lógica e coerente. Por meio do texto dissertativo pode-se avaliar se o autor possui os conhecimentos linguístico, enciclopédico, de texto e interacional citados por Koch e Elias (2010).

A finalidade da dissertação acadêmica, conforme esclarece Pignatari (2010), e procurar soluções para problemas sociais, e os argumentos baseados em comprovações científicas são os meios utilizados para esse fim.

Os textos dissertativos acadêmicos possuem particularidades inerentes ao meio acadêmico, como imparcialidade, visão objetiva, exposição de dados, amparo em autores referentes da área, em análises científicas e exemplos concretos de pesquisas já realizadas.

A intertextualidade é evidenciada por meio da exposição de ideias de especialistas da área com citações seguindo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, evitando assim o plágio acadêmico.

O passo inicial para a elaboração de um texto dissertativo é a escolha do tema que delimita, define e direciona os argumentos que deverão ser utilizados na elaboração do texto.

Escolha do tema ou assunto

Nenhum tema é totalmente inédito e em todo tema há sempre um ângulo novo a ser analisado e discutido, esse é o princípio da originalidade. Para cada tema há inúmeras possibilidades de abordagem e em cada abordagem cabe ainda diferentes análises em áreas distintas de estudos; um único tema pode ser analisado sob a ótica das ciências sociais, históricas e psicológicas dentre outras áreas.

Caso seja um texto dissertativo para um concurso, o tema será delimitado pela enunciação dada na prova. Normalmente, não é apresentado um tema em específico, mas um texto sobre um assunto da área para a qual o concurso está sendo realizado, ao final da leitura, solicita-se ao candidato que disserte sobre as opiniões expostas no texto.

Em caso de temas específicos, esses normalmente estão relacionados com problemas vivenciados pela sociedade atual. Na tentativa de se antecipar e se preparar para uma prova em um concurso público ou vestibular, preste atenção nos acontecimentos de interesse público, que envolvam fatos polêmicos ou que podem gerar grande impacto na sociedade. Fique atento aos noticiários, leia os principais jornais, observe se está ocorrendo um grande evento no país cujo tema abordado é de interesse de todos.

Caso seja um texto dissertativo para conclusão de curso, o tema é delimitado no projeto formulado com a finalidade de organizar o trabalho de pesquisa, nesse caso, quanto mais delimitado o tema, melhor será o trabalho. Por exemplo, retomando o tema "A violência escolar" que, por ser um tema abrangente, pode ser fragmentado em vários outros subtemas como o *bullying*, a depredação escolar, a violência contra os professores, a violência contra os alunos, a falta de capacitação dos professores, falta de formação de valores morais nas escolas etc. Em uma prova para concurso ou prova de admissão para cursos de pós-graduação, pode-se falar sobre esses itens dividindo-os em parágrafos, porém em um trabalho de conclusão de curso a exigência é de que se faça um recorte e uma análise minuciosa de apenas um aspecto do problema.

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

Anotações

Antes de iniciar a escrita de um texto dissertativo acadêmico, é conveniente projetar o que se vai escrever, ou seja, escolher um tema e organizar as ideias por meio de um projeto de escrita ou ordená-las mentalmente caso se tenha pouco tempo para desenvolver o texto final. Ao projetar, deve-se levar em consideração os seguintes fatores que foram relacionados por Pignatari (2010): A dissertação deve ser sobre um tema que mereça ser analisado; deve-se questionar sobre a utilidade do tema para a sociedade ou para uma determinada comunidade ou classe social; deve-se refletir sobre o que se pensa ou o que se sabe sobre o assunto.

Uma forma de organizar melhor o pensamento e, por conseguinte, o texto, é utilizar palavras-chave sobre as quais estão norteadas as ideias centrais do texto. Observe o exemplo dado por Pignatari (2010, p. 47):

Tema: a inclusão digital

Questão: Qual é a relação que se pode visualizar, no mercado de trabalho atual, entre a inclusão digital e a empregabilidade?

Palavras-chave: inclusão digital; empregabilidade.

Tese: A inclusão digital é hoje em dia uma condição essencial para a empregabilidade.

Pignatari (2010) explica que tese é a ideia em torno da qual a dissertação será trabalhada e que deve ser projetada antes da escrita para direcionar os argumentos, portanto, conforme exemplo exposto acima, a tese sobre a qual os argumentos serão orientados é de que a inclusão digital é essencial para a empregabilidade. Do estabelecimento da tese começa-se a argumentação, que nada mais é que as justificativas para defender a ideia proposta.

Observa-se no modelo acima que o tema gira em torno da inclusão digital e empregabilidade, portanto a organização do pensamento começa na análise do que se sabe sobre inclusão digital e a sua relação com a empregabilidade.

Anotações

Definido o tema, inicia-se a elaboração do texto que é constituído pela introdução, desenvolvimento e considerações finais.

Elementos da introdução

A introdução do texto dissertativo é constituída pela apresentação do assunto a ser tratado. Deve ser apresentado de forma sintética e objetiva com a finalidade de situar o leitor sobre o caminho que o texto percorrerá.

Na introdução do texto dissertativo acadêmico deverá constar o tema, os objetivos, as justificativas, o problema e as possíveis hipóteses levantadas para a solução do problema.

O tema deve ser abordado com explicações suficientes para que o leitor saiba de que se trata; as justificativas são para explicar o porquê do interesse pelo assunto, qual o ganho que se terá em debater tal problemática que pode ser definida por uma questão como a questão do exemplo acima, “Qual é a relação que se pode visualizar, no mercado de trabalho atual, entre a inclusão digital e a empregabilidade?”.

A problematização tanto pode se referir a um problema a ser resolvido como relações a serem esclarecidas, suposições a serem confirmadas ou refutadas, perguntas a serem respondidas. Utilizando a violência escolar como tema e supondo que a focalização será sobre a falta de preparo dos professores em enfrentar a violência escolar, pode-se formular a seguinte pergunta: a falta de preparo dos professores contribui para a manutenção da violência escolar? Ou a formação continuada abrangendo o tema violência escolar contribui com o decréscimo desse problema na escola? A formulação de uma pergunta orienta os argumentos, evitando perda de foco quando se busca a resposta.

Uma introdução mal formulada pode apresentar os seguintes problemas:

- Não expõe com clareza o tema a ser debatido.

Anotações

- Cita argumentos que não serão debatidos no desenvolvimento.

- Uso do senso comum para introduzir o assunto como, por exemplo: todos nós sabemos que manga com leite faz mal, por isso...

Elementos do desenvolvimento

Os argumentos são a essência do texto dissertativo, é por meio deles que o autor vai expor suas ideias. Para tanto, Pignatari (2010) sugere a utilização de argumentos que já são conhecidos e aceitos pelo leitor.

Podemos pegar como modelo o tema: a pena de morte deve ser legalizada no Brasil?

O primeiro passo que o autor deve tomar é se posicionar: ser a favor, contra ou demonstrar neutralidade. Se optar por ser contra, um dos argumentos conhecidos e aceitos seria o de que sempre existe o risco de erro judiciário, comum no Brasil, o que poderia levar à morte um inocente. Esse é um argumento normalmente aceito e pode-se, por meio desse argumento, relatar erros já ocorridos no judiciário, as dificuldades econômicas pelas quais passam as polícias, civil e militar, que não conseguem dar conta de investigar de forma satisfatória todos os casos em que caberia a pena de morte.

Se optar pelo sim, poderá desenvolver argumentos que demonstrem a reincidência de criminosos que praticaram crimes hediondos, a demonstração por meio de números estatísticos da diminuição da criminalidade em países que aderem à pena de morte. Se optar pela neutralidade, pode-se desenvolver argumentos que demonstrem os dois lados da situação, os prós e os contras e deixar que o leitor tome sua própria decisão.

Pignatari (2010) ressalta que se não houver um argumento satisfatório, o melhor a se fazer é repensar a tese, pois se não ocorre nenhum argumento plausível no momento da escrita é sinal de que a tese é frágil.

Anotações

Da mesma forma que temos a tese na dissertação que pressupõe uma ideia, podemos ter também a antítese que seria a tese contrária, a oposição de ideias dentro da dissertação. Esse é um recurso utilizado para rebater uma ideia proposta da qual pode haver concordância ou discordância por parte do leitor. A introdução de uma antítese não deve ocorrer de forma arbitrária, sem planejamento, há que se encadearem as ideias e utilizar conectivos tais como: mas, porém, entretanto, contudo, todavia etc., que exercem a conectividade adversativa (PIGNATARI, 2010). A inserção de uma antítese no texto dissertativo deve ser decidida antes de sua produção, evite utilizar esse procedimento no improviso, pois a sua utilização requer argumentos prós e contras que devem ser bem estabelecidos para não se cair em contradição e produzir textos incoerentes.

Exemplos de temas que podem ser debatidos entre tese e antítese são alguns dos alimentos que se, por um lado são saborosos, por outro podem engordar; a pena de morte, que pode diminuir a violência nas ruas, mas por outro lado pode ser fator de injustiça judiciária; o aborto, tema polêmico defendido por uns e condenado por outros.

Quanto à posição do autor quando utiliza a tese e antítese em um mesmo texto, ele pode se decidir pela neutralidade e se manter imparcial, apenas expondo as ideias opostas ou se posicionando criticamente em um dos pontos debatidos, o que deverá exigir uma argumentação consistente para convencer o leitor de que a posição assumida pelo autor é a melhor. É obvio que nem todo leitor se deixará convencer, é para isto que formamos leitores críticos e este é o desafio do autor: convencer bons leitores.

O desenvolvimento nos textos dissertativos demonstra todo o conhecimento que o autor possui sobre o assunto. Mas atenção, não se trata do conhecimento do senso comum, obrigatoriamente o conhecimento exposto deve ser de base científica, ou seja, resultado de pesquisas bibliográficas. É aquela parte do texto na qual consta: segundo o autor...; conforme o autor...; para o autor...; portanto,...; podemos perceber que...; etc.

No desenvolvimento do texto acadêmico, o discurso que aparece não é o do aluno autor,

mas o de outros autores que já publicaram textos sobre o mesmo assunto, isso fornece base científica, é a contextualização e intertextualização referenciadas por meio de citações. Há fatos que são aceitos como válidos por consenso, por isso não carecem de citações de autores, como por exemplo:

- Os investimentos na saúde e educação são indispensáveis para o desenvolvimento do país.

- A corrupção desvia dinheiro que deveria ir para os setores prioritários para o bem-estar da sociedade, como a saúde e educação.

Os argumentos da dissertação acadêmica podem ser abordados conforme suas causas e consequências, se será uma abordagem histórica ou se a abordagem será comparativa, comparando-se teorias, metodologias ou outros meios disponíveis para a exposição do tema ou se serão contrapostos os pontos negativos e positivos de uma mesma situação.

O desenvolvimento deve conter os itens que foram citados na introdução, e estes podem ficar estabelecidos por frases lançadas na introdução e posteriormente analisadas no desenvolvimento como, por exemplo:

Disposição do tema na introdução - O aumento progressivo dos índices de violência escolar tem mobilizado analistas e pesquisadores da área na busca de compreender o fator histórico que envolve o problema como subsídio para o desenvolvimento de procedimentos preventivos e interventivos.

Percebe-se que temos três temas a serem discutidos na argumentação:

- O aumento progressivo dos índices de violência escolar – Nesse item deve ser demonstrado os índices que comprovam esta afirmativa.

- Mobilização dos analistas e pesquisadores – Aqui cabe citar os pesquisadores que estão se mobilizando.

Anotações

- O fator histórico envolvido no problema – A gênese do problema, a possível ou as hipóteses da causa.

- Desenvolvimento de procedimentos preventivos e interventivos – Descrição de procedimentos que já foram usados, levantamento de hipóteses para o controle do problema.

Em um texto curto cada item pode ser trabalhado em um ou mais parágrafos, em textos longos, como um TCC, por exemplo, os itens podem ser trabalhados em subtemas, pode-se estabelecer subtítulos e desenvolver os argumentos relacionados ao subtítulo sem que se perca a relação ou conexão de sentido com o tema central, fator necessário para a coerência textual, como já sabemos. E para o encadeamento de cada subdivisão do tema, lembre-se de usar os conectivos, responsáveis pelo fator coesão.

Eis alguns exemplos de expressões que podem ser usados como conectivos no desenvolvimento do texto:

Ainda que	Do ponto de vista de	Contudo
Ao contrário	É claro que	Em consequência
Apesar de tudo	É o caso de	Em comparação
Apesar disso	Em vista disso	No entanto
Assim como	Embora	Fica claro que
Como se vê	Enfim	Para tanto
De qualquer forma	Entretanto	Por conta disso
Dentro desse raciocínio	Esses fatores	Tal processo
Dessa perspectiva	Exemplo disso é	Tal situação

Fonte: elaborado pelas autoras

Sendo o desenvolvimento a parte mais extensa do texto e a mais importante, deve-se tomar alguns cuidados para não perder o foco dos argumentos e cair na incoerência, erro que pode ser evitado se seguidas as sugestões de Pignatari (2010, p. 21):

Anotações

- Não se deve escrever sem ter certeza.

- É fundamental pesquisar antes de escrever.

- É necessário analisar a lógica e a veracidade do que se fala.

- Não se deve chutar, inventar dados estatísticos.

- Não se deve exagerar ou generalizar.

- Para obter coesão deve-se observar em outros textos como as relações coesivas foram utilizadas.

Além dos cuidados com a coerência e coesão textual, devemos ter alguns cuidados que devem ser tomados na orientação argumentativa no desenvolvimento do texto sugeridos por Pignatari (2010, p. 90), os quais exemplificamos para maior clareza.

- Mudar de assunto no desenvolvimento do texto.

Exemplo: expor na introdução que o tema abordado é a alfabetização é desenvolver argumentos sobre o baixo salário dos professores.

- Dar ênfase a ideias diferentes das que foram propostas na introdução.

Exemplo: o tema principal é a formação de professores e a ênfase no desenvolvimento é dada sobre o comportamento dos alunos.

- Utilizar argumentos que não têm relação direta com o tema proposto.

Exemplo: o tema proposto é o comportamento dos alunos e os argumentos são sobre a gestão escolar.

- Mencionar mais argumentos na introdução do que no desenvolvimento.

Exemplo: expor que se vai falar sobre a alfabetização e formação de professores e desenvolver apenas um item mencionado.

- Utilizar dados do senso comum, opiniões pessoais sem credibilidade, dados imprecisos sem comprovação.

Exemplo: afirmar que o baixo rendimento escolar dos alunos ocorre por causa do baixo salário pago aos professores.

Elementos das considerações finais

Ao final das explicações do desenvolvimento, chega-se à parte das considerações finais. Atualmente, há uma preferência em se usar o termo "Considerações finais" ao termo "Conclusão", tal preferência se deve ao fato de que nada está concluído, nada está acabado, terminado, o que é tido como verdade hoje, amanhã pode não ser mais em consequência de novas descobertas. Portanto, nada se conclui porque tudo está em um contínuo processo de transformação, o que se obtém são considerações acerca do tema proposto naquele momento diante do objetivo do trabalho.

Nessa etapa do trabalho a presença do autor se faz mais presente, é o momento de se expor, colocar seu ponto de vista, sua opinião. Perceba, esse é o momento do texto acadêmico que o aluno/autor tem a liberdade de se expor, a indicação, inclusive, é de que não seja citada ou feita referência a nenhum outro autor nessa parte do texto.

Pode-se apresentar uma síntese do que foi exposto no desenvolvimento do texto, confirmar as hipóteses levantadas ou responder à pergunta feita na introdução. Os argumentos finais devem ser coerentes com o texto desenvolvido e com dados científicos, pode-se fazer a confirmação da ideia exposta na introdução, sugerir soluções para o problema e sugestões para novas pesquisas.

Nas considerações finais todos os pontos citados na introdução, debatidos no desenvolvimento,

devem ser respondidos. É válida a utilização de conectivos conclusivos para iniciar a parte final do texto, tais como: diante do exposto consideramos que; pode-se deduzir que; portanto; dessa forma acreditamos que, etc.

Também nas considerações finais há problemas que podem ser evitados com um pouco de atenção por parte do autor, conforme sugere Pignatari (2010), os quais são:

- Finalizações simplistas demais ou generalizadas, as considerações devem ser sobre o tema que foi delimitado e não sobre o que ocorre no mundo todo.

- Não sugerir soluções impossíveis como mudar o mundo, mudar as pessoas etc.

- Não encher as considerações finais com frases de efeitos sem conteúdos, preocupando-se mais com a estética e menos com a essência.

- Citar conteúdos que não foram analisados no desenvolvimento do texto.

Elaboramos uma síntese dos principais elementos que devem constar no texto dissertativo para facilitar a compreensão:

Elementos da Introdução	Elementos do Desenvolvimento	Elementos das Considerações Finais
Exposição do assunto a ser tratado. O tema. A ideia central do texto. A problematização. As hipóteses. As palavras-chave.	Exposição argumentativa. Análise do tema. Divisão em subtemas ou subtítulos. Dados concretos (narração ou descrição de fatos, dados estatísticos, citação de outros textos). Posição argumentativa - antítese, prós e contras, causa e consequência, análise histórica.	Exposição do resultado final. Retomada da ideia central. Repostas às questões problematizadoras. Confirmação ou refutação das hipóteses. Sugestões de soluções. Opinião própria coerente com os argumentos apresentados no texto.

Fonte: elaborado pelas autoras

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

Nenhum escritor parte do nada na composição de um texto, tem-se sempre como base o texto do outro, a intertextualidade. Portanto, ao escrever um texto dissertativo, observe como os outros autores escrevem, compare as técnicas utilizadas, utilize-se de modelos para facilitar sua escrita. Utilizar modelos textuais para produção própria é um recurso aceitável, o que é inaceitável é o plágio, a cópia, considerado crime passível de punição na esfera da lei. Portanto, os modelos devem servir de parâmetros para a aprendizagem da escrita, de material de estudos e de base para produções inéditas.

Expomos abaixo um modelo de texto dissertativo curto elaborado por Pignatari (2010), para que você possa compreender melhor os elementos discursivos do texto dissertativo:

Anotações

Título: A importância da assertividade no mercado de trabalho atual		
INTRODUÇÃO	Tese (Pretendo mostrar que...)	A assertividade, característica de quem defende opiniões com clareza e objetividade, é uma das habilidades mais valorizadas pelo mercado de trabalho hoje em dia.
	Frase para captar a atenção	Especialistas em comunicação empresarial salientam que a capacidade de se comunicar de modo direto, contundente e positivo é uma qualidade rara, **porém** indispensável para o exercício da liderança empresarial.
	Gancho citação do(s) argumento(s)	No mercado atual, altamente competitivo, ser assertivo é fundamental, **pois** permite ao gestor defender suas ideias com honestidade, sem temer opiniões contrárias.
DESENVOLVIMENTO	Ampliação e explicação dos argumentos, exemplos, raciocínios lógicos, dados concretos, fatos, posição crítica	Essa qualidade é tão vital para o sucesso na carreira **porque** revela um caráter firme e transmite segurança à equipe. Um líder assertivo, que diz o que pensa com sinceridade e educação, traça diretrizes claras e bem definidas, e todos se sentem mais tranquilos para opinar, liberando seu potencial criativo. **Além disso**, pessoas assertivas são honestas consigo mesmas e não negociam seus valores e crenças pessoais nem os princípios norteadores da empresa que representam. Dizem "não" sempre que necessário, sem temer represálias e, principalmente, sem ofender ninguém. Com essa habilidade, e valorizando o diálogo franco de ideias, contribuem para a formação de uma imagem bem definida e transparente para a instituição.
	Antítese (tese contrária)	**Todavia**, para alguns consultores, a assertividade é uma virtude questionável,
	Argumento(s) contrário(s)	**Pois**, segundo eles, um líder deve ser flexível e transigir algumas vezes. Na administração de qualquer negócio, exigem-se atitudes mais políticas, e uma firmeza absoluta poderia ser interpretada como hostilidade, criando animosidades no ambiente de trabalho.
	Refutação	**Porém**, tal argumento é precipitado. Não se pode confundir assertividade com agressividade. Esta é a característica nada abonadora de quem sai por aí "atropelando" a opinião alheia, sem ouvir ninguém. Aquela é a habilidade de pessoas seguras, que sabem transigir, mas não temem desagradar quando o que está em jogo é valioso demais para o negócio.

CONCLUSÃO	Retomada, sintética da tese, síntese, reflexão ou perspectivas de solução. Encerramento com uma frase forte e objetiva (citação, solução possível, reflexão, etc.)	**Vê-se, assim**, que embora não seja ensinada na escola, a assertividade é uma virtude preciosa. O mundo corporativo não tem espaço para aqueles que, por medo ou passividade, não assumem posições claras nem riscos ou responsabilidades.

Fonte: Pignatari (2010, pp. 80-82)

Na divisão feita por Pignatari (2010), pode-se perceber claramente os elementos dissertativos. Em se tratando de um texto dissertativo longo, como os TCCs, a evolução do tema deve acontecer de forma mais ampla e os argumentos deverão ser embasados em outros autores. Porém, a linguagem utilizada é a mesma, ou seja, utiliza-se a norma culta, pois são exigências normativas para textos dissertativos de caráter acadêmico e científico, que é o nosso próximo item de trabalho.

A linguagem do texto dissertativo

Observe os dois tipos de frase:

O desvio de verbas públicas destrói o Brasil.

Eu afirmo que o desvio de verbas públicas destrói o Brasil.

Há uma diferença entre os dois enunciados, no primeiro, o autor preferiu que sua presença fosse implícita, ou seja, ele deixa subentendido a sua presença porque nenhum enunciado se escreve sozinho, alguém o escreveu e quem o escreveu fica escondido nas entrelinhas. No segundo enunciado, o autor fez questão de aparecer e afirmar sua posição, ele inseriu-se na frase explicitamente. No primeiro caso observamos o sentido de objetividade, pois o que o

Anotações

autor quis enfatizar foi a mensagem, no segundo caso temos o sentido de subjetividade, pois o autor ressaltou sua opinião, seu ponto de vista. Portanto, em um texto, a linguagem objetiva se refere ao mundo exterior e a linguagem subjetiva se refere ao mundo interior, opinião pessoal do autor (FIORIN; SAVIOLI, 2007).

A linguagem de um texto acadêmico deve ser científica e impessoal, portanto, objetiva, não cabendo o uso de gírias, de jargões, palavras indefinidas como: talvez, acho, alguma, coisa. Atenção aos verbos, sendo uma linguagem impessoal, o verbo deve acompanhar o pronome, observemos os exemplos citados por Pignatari (2010, p. 108).

Forma correta	Forma incorreta
A pesquisa demonstra que	Eu demonstrei que
Constatou-se que	Eu constatei que
Pode-se deduzir que	Eu deduzo que
A realidade pode ser transformada	Penso que a realidade pode ser transformada
O fenômeno da globalização é irreversível	Para mim, o fenômeno da globalização é irreversível
O texto mencionado	O texto que mencionei

Fonte: Pignatari (2010, p. 108)

Tais esclarecimentos são para que fique clara a linguagem que deve ser usada nos textos acadêmicos e científicos, pois o que se quer enfatizar são as ideias e não o autor, por isso que se pede para ser objetivo em textos científicos, para ser imparcial, não usar vocabulários que denotem a emoção ou afetividade de quem escreve, a presença do autor deve ser neutralizada e isso é possível com a supressão dos verbos na primeira pessoa como acredito, afirmo, penso, declaro etc. O que deve ficar em primeiro plano sempre é o assunto.

Exemplos:

Anotações

a) Acredito que a violência escolar tem atingido índices alarmantes.

b) A violência escolar tem atingido índices alarmantes.

a) Acho que a seca no nordeste tem castigado os nordestinos.

b) A seca no nordeste tem castigado os nordestinos.

a) Penso que o Brasil precisa desenvolver programas que ajudem a controlar a obesidade infantil.

b) O Brasil precisa desenvolver programas que ajudem a controlar a obesidade infantil.

São duas opções de escritas, o que não quer dizer que uma esteja errada e a outra esteja certa, ambas estão certas e podem ser utilizadas dependendo da finalidade estabelecida pelo autor. Porém, a forma impessoal é a preferida em textos acadêmicos científicos, pois o que se propõe são reflexões em torno de uma questão social, e não ideias ou convicções subjetivas.

Da mesma forma os verbos utilizados na primeira pessoa podem ser modificados e usados na terceira pessoa do plural ou na forma impessoal, que indicam que o fato é de conhecimento coletivo.

Exemplos:

a) Acreditamos que a violência escolar tem atingido índices alarmantes.

b) Acredita-se que a violência escolar tem atingido índices alarmantes.

a) Percebe-se que a seca no nordeste tem castigado os nordestinos.

b) Percebemos, por meio dos noticiários, que a seca no nordeste tem castigado os nordestinos.

a)Verifica-se a necessidade do desenvolvimento de programas que controlem a obesidade infantil.

Anotações

b) Por meio de resultados de pesquisas, verificamos a necessidade do desenvolvimento de programas que controlem a obesidade infantil.

Como elementos importantes na linguagem dissertativa temos também os conectivos, como temos afirmado ao longo desse trabalho. Por serem tão importantes e muito utilizados, transcrevemos algumas sugestões feitas por Pignatari (2010) para facilitar a busca de modelos no momento da escrita.

Condição	**Continuidade**	**Oposição**	**Causa/ motivo/ explicação**
Se Caso	E Ainda Assim Desse modo, Além disso Outro fator a ser considerado	Mas Porém Todavia Contudo Entretanto No entanto	Mas Porque Visto que Dado que Pois Já que
Consequência	**Conclusão**	**Retificação ou esclarecimentos**	
Assim Consequentemente Por isso	Por fim Finalmente Em síntese Portanto Para finalizar Em suma	A propósito Aliás Assim A saber Isto é Ou seja	

Fonte: adaptado pelas autoras de Pignatari (2010, p. 24)

Sendo a linguagem objetiva preferível em textos acadêmicos científicos, a subjetividade deve ser descartada, lembrando que entende-se por subjetividade a expressão de opiniões

Anotações

pessoais do autor, dessa forma, adjetivos e advérbios como, por exemplo, importantíssimo, felizmente, agradável, bonito devem ser descartados. Para que se possa corrigir esse tipo de erro, é sempre recomendado fazer as seguintes perguntas para os advérbios e adjetivos:

Importantíssimo para quem? Nem todos vão compartilhar da mesma relação de importância, portanto, se é importantíssimo para o autor, pode não ser tão importante assim para o leitor, o que se configura em opinião pessoal.

Felizmente para quem? Todos compactuam da mesma felicidade? Nem sempre, o que para um pode ser um ato ou resultado feliz, para outra pessoa pode não ser. Novamente temos uma opinião pessoal ou restrita a um grupo particular de pessoas.

Agradável e bonito: o que é agradável para um é agradável para todos? Temos os mesmos conceitos do que se pode considerar como bonito? Percebe-se novamente que há opiniões pessoais embutidas nessas palavras, portanto, devem ser descartadas de textos acadêmicos de cunho científico.

Outro enfoque dado na linguagem dissertativa é a repetição de palavras que deve ser evitada com o uso de sinônimos, pronomes ou outras palavras com o mesmo valor semântico. Para clarificar esse tipo de problema e como ele pode ser resolvido, observe os modelos abaixo citados por Pignatari (2010, p. 280).

Exemplo:

a) As mulheres **que** estão solitárias e **que** estão sem empregos podem acabar deprimidas.

Substituindo fica desta forma:

b) As mulheres solitárias e desempregadas podem acabar deprimidas.

Exemplo:

Anotações

a) O funcionário novo **que** escreveu o relatório **que** analisava o balanço patrimonial foi promovido.

Substituindo fica desta forma:

b) O funcionário novo, autor do relatório sobre o balanço patrimonial, foi promovido.

Exemplo:

a) O repórter **que** chegou ontem elaborou uma reportagem **que** condena o aborto.

Substituindo fica assim:

b) O repórter que chegou ontem elaborou uma reportagem condenando o aborto.

Use o dicionário para pesquisa de novas palavras, se perceber que uma palavra foi repetida várias vezes no texto, busque novas palavras com o mesmo significado no dicionário. Não use vocabulários de significados duvidosos, confirme se o significado da palavra cabe exatamente na mensagem que se quer transmitir. Há dicionários online os quais podem ser acessados nas páginas de pesquisas na internet, pode-se também adquirir ou baixar um dicionário no computador. Ao digitar um texto no computador, deixe aberto também o dicionário online e recorra a ele em todas as dúvidas quanto ao vocabulário, quanto à ortografia, ou como opção de busca de substituições para evitar as repetições.

Problemas que devem ser evitados na linguagem dissertativa sugeridos por Pignatari (2010) e adaptados por nós:

- Se usar expressões numerativas como “Em primeiro lugar”, não se esqueça de dar a sequência; da mesma forma, se usar a expressão “por um lado” lembre-se que existe a sequência “por outro lado”.

- Cuidado com o uso dos pronomes possessivos (seu, sua, teu, tua) que podem gerar frases

de sentido duvidoso, como no exemplo citado por Pignatari (2010, p. 112), “O acusado feriu a vítima com sua arma” (de quem era a arma?).

Para corrigir esse tipo de situação, utilize o nome próprio ou mude as posições das palavras, no caso do exemplo a frase pode ser reescrita da seguinte forma: “A vítima foi ferida com a arma do acusado” ou “O acusado feriu a vítima com a arma dele”.

- Não use falas na primeira pessoa.

- Evite jargões e ditados populares já muitos gastos pelo uso popular, como: quem vê cara não vê coração; quem com ferro fere com ferro será ferido; a esperança é a ultima que morre etc.

- Não use palavras difíceis, pouco conhecidas ou antigas.

- Não fique tentando rebuscar o texto com estruturas mirabolantes, a simplicidade e objetividade são qualidades em textos dissertativos.

- Não escreva o que não irá fazer, como por exemplo; neste texto não abordaremos tal tópico..., se não vai falar sobre o assunto é só não escrever sobre ele.

Anotações

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

O trabalho de conclusão de nosso curso de Pedagogia no CESUMAR é feito sob o formato de relatório de estágio, nele estão contidos os gêneros dissertativos referentes às partes argumentativas, e descritivos, referentes às descrições das observações realizadas nos estágios.

As partes dissertativas do relatório poderão ser elaboradas conforme as estruturas já apresentadas nesta unidade, e as partes descritivas se referem ao texto descritivo não literário exposto na unidade III.

Vimos que o texto descritivo não literário exige uma linguagem objetiva, posição imparcial do autor, descrição real do fato ou do objeto sem a interferência subjetiva do autor. Os relatos das observações realizadas nos estágios devem pairar sobre a descrição do que de fato se viu, e não o que se imaginou que poderia estar acontecendo. Aqui podemos retomar as indicações da imparcialidade evitando o uso de palavras que expressam sentimentos como bonito, importantíssimo, agradável. O que se deve relatar são as ações e o espaço físico sem

Anotações

opinião valorativa.

Mesmo que seja você o relator, a linguagem permanece impessoal, o verbo deve ser utilizado na terceira pessoa do plural (exemplo: acreditamos) ou deve ser impessoal (exemplo: acredita-se), as ações devem ser relatadas de forma sucinta.

Para facilitar seu trabalho, expomos abaixo um modelo fictício de relatório de estágio que foi produzido por nós para que você possa compreender melhor a formulação desse documento.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE

1º IDENTIFICAÇÃO

Turma observada: 1º ano do ensino fundamental

2º ORGANIZAÇÃO DA ROTINA DA SALA OBSERVADA.

Carteiras enfileiradas em dupla, ou seja, os alunos sentam agrupados em pares. Paredes enfeitadas com o tema trabalhado no bimestre (Vestuário). Há um armário em que são guardados livros infantis e uma estante na qual há vários brinquedos. As aulas sempre se iniciam com todos fazendo uma oração, em seguida a professora escreve o cabeçalho no quadro negro e os alunos copiam no caderno, constando nome da cidade, dia, mês e ano.

1º DIA DE OBSERVAÇÃO DIA XX/XX/XXXX

Num primeiro momento foi trabalhado o tema numerais partindo da contagem dos alunos presentes na aula. Estavam presentes 23 alunos, esse número foi representado em atividades com tampinhas de refrigerantes, com desenhos de bolinhas nos cadernos seguidos dos numerais copiados do quadro. O assunto seguinte da aula foi vestuário, a partir desse tema foram trabalhadas as várias formas de se vestir no mundo, as roupas adequadas para cada estação e ocasião, escrita dos nomes das roupas copiadas do quadro.

Anotações

2º DIA DE OBSERVAÇÃO DIA XX/XX/XXXX

Tema da aula: vestuário. A professora escreveu no quadro 12 nomes de peças de roupas. Com o alfabeto móvel os alunos montaram as palavras na carteira, em seguida copiaram as palavras no caderno. A professora escreveu na lousa o nome de uma peça do vestuário (Casaco) e para cada letra da palavra os alunos montaram no caderno outras palavras que fazem parte do vestuário. Foi feito um cartaz com figuras de peças de roupas, as crianças selecionavam as figuras em revistas, recortavam e colavam na cartolina.

3º DIA DE OBSERVAÇÃO DIA XX/XX/XXXX

Tema da aula: discussão sobre o uso do calçado. Foi escrito no quadro o nome de 10 calçados, realizou-se leitura em voz alta com os alunos, a professora lia e os alunos repetiam, chamando a atenção para cada letra e som. Foram feitas comparações entre os sons das grafias. Os alunos copiaram as palavras nos cadernos. Trabalhou-se também o trava línguas: o rato roeu a roupa do rei de Roma; leitura de livros infantis e busca de palavras parecidas existentes nos livros com as palavras trabalhadas na aula.

4º DIA DE OBSERVAÇÃO DIA XX/XX/XXXX

Continuação dos trabalhos com palavras que designam as roupas do vestuário. Foi escrita no quadro a palavra chinelo na horizontal, os alunos copiaram no caderno e a partir de cada letra da palavra, os alunos deveriam escrever uma nova palavra. A seguir foi solicitado que escrevessem uma frase com a palavra chinelo e fizessem a ilustração. Foram trabalhados os numerais, a professora entregou uma tira de papel para os alunos contendo os numerais a qual foi colada no caderno, os alunos deveriam completar com os números que faltavam.

5º DIA DE OBSERVAÇÃO DIA XX/XX/XXXX

A professora mostrou para os alunos imagens de plantas publicadas em revistas, perguntando se conheciam aquelas plantas, quais plantas tinham na casa deles. Foi colado

Anotações

na lousa um desenho de uma árvore feito em cartolina, no desenho havia os nomes das partes da árvore: raiz, caule e folhas. Após explicações sobre todas essas partes e quais as funções delas, a professora solicitou que cada aluno desenhasse a sua árvore ou planta no caderno e escrevesse o nome das partes constituintes da planta.

6º DIA DE OBSERVAÇÃO DIA XX/XX/XXXX

Até o horário do recreio os alunos tiveram aula de artes e depois do intervalo, tiveram aula de educação física. Na primeira aula foram entregues aos alunos figuras de plantas sem colorir e solicitou-se aos alunos que as colorissem, seguindo a direção do lápis e contornos das plantas, conforme orientações feitas no quadro negro pela professora de Artes. Na segunda aula, a professora de Educação Física solicitou aos alunos que desenhassem as atividades que foram realizadas na aula anterior, que seria atividade com bola e arco.

7º DIA DE OBSERVAÇÃO DIA XX/XX/XXXX

Os alunos foram levados até a sala de vídeo onde assistiram aos vídeos: O patinho feio e Menina bonita do laço de fita. Foram trabalhadas noções de respeito ao diferente, amizade e solidariedade. Após o intervalo foi solicitado aos alunos que produzissem desenhos sobre o que aprenderam na sala de vídeo.

8º DIA DE OBSERVAÇÃO DIA 09/11/2011

Tema trabalhado: os numerais. Foram entregues aos alunos tampinhas de garrafas, palitos de sorvetes e botões. Com esses materiais foram realizadas atividades de agrupamento, adição e subtração. Foram feitos desenhos no caderno representando grupos de até três animais, plantas e objetos.

CONCLUSÃO DAS OBSERVAÇÕES

Todas as atividades realizadas foram contextualizadas e percebeu-se a preocupação com

Anotações

a formação moral dos alunos e com a interação em sala de aula. Para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, há uma professora auxiliar que os acompanha auxiliando-os nas atividades. Procedimentos esses que demonstram os cuidados adotados pela escola para oferecer uma formação educacional que atenda aos alunos em suas diversidades, garantindo educação a todos.

Fonte: elaborado pelas autoras

A partir dos conhecimentos adquiridos nos tópicos estudados nesta unidade, podemos supor que estamos melhor preparados para a elaboração de nosso TCC, que pode ser considerado um texto científico acadêmico por ser resultado de revisão bibliográfica, observações e aplicação de um plano de aula. Porém, para que seja reconhecido como tal, como um texto científico bem elaborado, ele deve atender a algumas exigências que foram dispostas por Pignatari (2010) e por Martins Junior (2009) e adaptadas por nós, as quais são:

- O texto deve ser redigido de forma precisa, clara, objetiva, com o uso da norma padrão da língua.

- Organização coerente e coesa dos dados.

- Fornecer meios de identificação das fontes utilizadas.

- Fornecer fontes que permitam verificar, aceitar ou contestar as considerações feitas.

- Descrever objetivamente o desenvolvimento metodológico, os instrumentos utilizados, os resultados obtidos.

- Seja útil e relevante, contribuindo com a ampliação do conhecimento sobre o tema analisado.

Estas exigências seguem os princípios da boa comunicação escrita acadêmica ou científica, que são:

Anotações

- Clareza – exposição ordenada, objetiva e clara do assunto tratado.

- Concisão – a objetividade encurta caminhos e facilita a leitura, se você não sabe o que escrever, não escreva, prepare-se antes. Busque a qualidade e não a quantidade.

- Vocabulário – deve ser técnico, uso da norma culta.

- Correção – erros gramaticais põem em dúvida validade do estudo.

- Encadeamento – o texto deve ser uma sequência lógica do assunto abordado. Cada parágrafo ou capítulo deve ter uma relação harmônica com o parágrafo ou capítulo que o antecede e o precede.

- Consistência – escolha do tempo verbal, dos pronomes pessoais e permanecer estável até o final do texto.

- Original – mesmo que se use as ideias de outros autores, a exposição dessas ideias é que devem ser originais, lembrando que plágio é crime.

- Ideologia – atenção para a as ideias que se quer defender, cuidado com palavras que denotam preconceito, racismo ou discriminação.

- Crítico – que o autor seja um crítico de seu próprio texto, não aderir a modismos apenas porque o termo ficou bonitinho no texto. Todas as palavras têm uma função comunicativa.

- Citações – as citações de outros autores devem ser adequadas ao texto, nem muito, nem pouco, o suficiente para a discussão das ideias. Citações em excesso congestionam o texto, escassez de citações só é permitida para quem já possui um vasto conhecimento na área.

- Regras – as regras para o texto como fonte, espaçamento e referências sempre estão disponíveis no site ou na biblioteca pertencente à instituição em que o trabalho está sendo desenvolvido. Não havendo o acesso pela internet, deve-se procurar a bibliotecária que irá

providenciar as normas para trabalhos acadêmicos. Para a correção final dessas regras, a bibliotecária também poderá auxiliar.

Saiba mais
sobre o **Assunto**

Para se informar mais sobre as normas da escrita acadêmica e científica, consulte o manual técnico da ABNT ou acesse o site <http://www.abnt.org.br/> para maiores informações.

TÓPICOS DE REVISÃO TEXTUAL

Não existe escritor perfeito, o que existe são técnicas de correções. Alguns usam os trabalhos de profissionais revisores de textos, outros fazem suas próprias revisões. O que não se admite é um texto ser finalizado ou publicado sem a devida correção.

Ao final da escrita, leia e releia o texto na busca de erros tanto de coerência, coesão como

Anotações

erros de ortografia. Hoje temos a facilidade de digitar no computador e apagar com facilidade todos os erros cometidos. O computador nos oferece alguns instrumentos que facilitam a escrita correta como as correções ortográficas, use estes instrumentos e, caso seja necessário, recorra a um revisor de texto, uma pessoa especializada que presta este serviço mediante pagamento. Todo autor está sujeito a cometer erros em seu texto, isso porque ele se prende à mensagem e costuma passar despercebido pelos erros gramaticais, para atenuar esse problema, costuma-se sugerir aos escritores que deixem seus textos "dormirem" por um período que vai depender da urgência de entrega do texto. Por isso se aconselha a escrita bem antecipada à data de entrega, se houver esta antecipação, o ideal é que o texto durma um sono de duas a três semanas, conforme o tempo disponível, caso contrário alguns dias de descanso já ajudam. Esse período de afastamento do texto permite ao escritor se desvincular dele como seu autor e ter uma leitura crítica como leitor, conseguindo dessa forma observar com mais clareza as partes que carecem de correções.

Essa última correção também servirá parar perceber com clareza o que é importante e essencial para o texto do que é supérfluo e desnecessário. A escrita tem que ser objetiva, nos textos atuais dispensa-se as explicações que não contribuem com o entendimento das mensagens e que geram leituras desinteressantes.

Para que você tenha noção do que será corrigido em seu texto, caso ele seja fruto de um concurso, expomos os procedimentos adotados pelos professores que fazem esse tipo de correção.

Na correção de textos dissertativos, resultados de concursos ou vestibulares um fator que ajuda é o uso de letra legível, o que não significa letra bonita, mas sim uma letra que se compreenda, que se possa ler. Além desse critério, a correção segue procedimentos sistematizados conforme esclarece Pignatari (2010), portanto, o texto não é corrigido de forma aleatória conforme queira o professor, mas seguindo critérios pré-estabelecidos, os quais são:

1 – Adequação ao tema – avalia-se se o tema está adequado ao assunto proposto na prova,

o aprofundamento do assunto, o enfoque dado, a originalidade do tema e a capacidade de reflexão.

2 – Adequação ao tipo de composição solicitada – avalia se o aluno atendeu à solicitação do enunciado da prova, se solicitado um texto narrativo, dissertativo ou descritivo, o aluno deve apresentar um texto que corresponda às características do texto solicitado; avalia a estrutura do texto, se a composição introdução, desenvolvimento e considerações finais estão bem definidas.

3 – Adequação ao nível de linguagem – verifica se há erros ortográficos e gramaticais, se o aluno usou de bom vocabulário, norma culta e domínio da habilidade sintática e estilística.

4 – Coesão – nesse quesito é observado o uso dos conectivos, a transição entre um parágrafo e outro, entre um argumento e outro, o uso dos pronomes nas retomadas, o uso de sinônimos e se há repetições excessivas de termos.

5 – Coerência interna e externa – nesse item é avaliada a harmonia do texto, a progressão, a continuidade e informatividade; a interação e situacionalidade textual, se há conexão entre os argumentos apresentados e a realidade. São avaliados os argumentos, se há contradições e incoerências.

Pignatari (2010, p. 96) apresenta uma grade modelo utilizada nas correções de textos para vestibulares. O modelo pode ser utilizado pelos alunos para a autocorreção de seu texto a fim de checar se atingiu as exigências textuais.

Anotações

GRADE DE CORREÇÃO PARA TEXTOS DISSERTATIVOS

[O corretor assinala com um X a lacuna apropriada]

I. Quanto à adequação ao tema, o texto:

0,0 ( ) Não aborda o tema.

0,5 ( ) Explora a proposta, mas de modo superficial. Não desenvolve os argumentos citados.

1,0 ( ) Enfoca parcialmente o tema (aprofunda-se em um argumento, mas não revela visão ampla do tema).

1,5 ( ) Enfoca adequadamente o tema (desenvolve argumentos em profundidade e focaliza a questão de diversos ângulos).

2,0 ( ) Apresenta contribuição pessoal e originalidade (inova com uma solução ou abordagem inédita).

Comentários:_____

II. Quanto à adequação ao tipo de composição, o texto:

0,0 ( ) Foge da modalidade proposta (faz narração ou descrição).

0,5 ( ) Mistura modalidades textuais.

1,0 ( ) Faz dissertação, porém com falhas de estrutura (como ausência de introdução, desenvolvimento ou conclusão).

1,5 ( ) Faz dissertação, mas não emprega bem os recursos (por exemplo, emprega a primeira pessoa).

Anotações

2,0 ( ) Apresenta bom aproveitamento de todos os recursos do tipo de composição.

Cometários:_____

III. Quanto ao nível da linguagem e à adequação gramatical, o texto apresenta:

0,0 ( ) Vocabulário precário e insuficiente (frases sem sentido ou sentido deturpado) e erros gramaticais abundantes (mais de dez) e graves.

0,5 ( ) Vocabulário pobre e com muitas repetições, interferências da oralidade, gírias, incorreções gramaticais (até dez erros).

1,0 ( ) Variedade do vocabulário, mas com falhas no uso correto das palavras e adequação gramatical (até cinco erros).

1,5 ( ) Adequação gramatical (até três erros) e vocabular.

2,0 ( ) Variedade e adequação do vocabulário, uso pessoal do léxico (linguagem original e viva, estilo marcante).

Comentários:_____

Nesse item deve-se observar:

- Ortografia

- Concordância

- Acentuação

- Uso de conectivos

- Pontuação

Anotações

- Adequação pronominal

- Regência

- Adequação verbal

IV Quanto à coesão, o texto:

0,0 ( ) É composto de frases soltas, não apresenta conjunções ou as utiliza de maneira indevida, emprega incorretamente os pronomes.

0,5 ( ) Apresenta muitas falhas de encadeamento (repetição excessiva de itens, frases incompletas, falta de paralelismo, “ondismo”, “queismo”).

1,0 ( ) Não apresenta deficiências graves, mas utiliza só as conjunções mais conhecidas e poucos recursos pronominais.

1,5 ( ) apresenta bom uso dos elementos coesivos (variedade).

2,0 ( ) Apresenta boa transição entre as frases e os parágrafos e flui naturalmente, sem rupturas inesperadas.

Comentários:_____

V. Quanto à coerência, o texto apresenta:

0,0 ( ) Desinformação grave (exageros, alegações genéricas e imprecisas, dados falsos), pouca relação entre as ideias e a realidade (texto “sem pé nem cabeça”).

0,5 ( ) Pouca coerência interna (divergências entre o todo e as partes), ideias contraditórias, evasão, duplo sentido, redundância, quebra de relação entre pensamentos, argumentos que não desenvolvem a tese.

Anotações

1,0 ( ) Boa coerência interna, mas pouca adequação à realidade (pequenos exageros e imprecisões).

1,5 ( ) Coerência interna mas falta de progressão (redação circular, repetitiva)

2,0 ( ) Coerência absoluta (texto progressivo, informativo, com posicionamento claro e convergência argumentativa).

Comentários:_____

Total geral:_____

Fonte: Pignatari (2010, p. 96)

Atividade prática

Abaixo segue um tema de redação proposto no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes realizado em 2011.

Propomos a você que elabore um texto conforme pede o enunciado, buscando amparo nas sugestões expostas em nossos estudos, e em seguida realize a autocorreção ou troque o material com outro colega de forma que um corrija o texto do outro utilizando-se da grade de correções para textos dissertativos exposta no quadro acima.

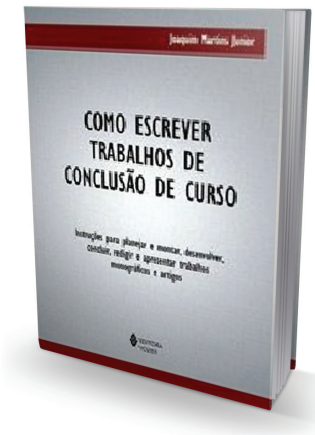
Tema:

Redija um texto dissertativo acerca da importância de políticas e programas educacionais para a erradicação do analfabetismo e para a empregabilidade, considerando as disparidades sociais e as dificuldades de obtenção de emprego provocadas pelo analfabetismo. Em seu texto, apresente uma proposta para a superação do analfabetismo e para o aumento da empregabilidade.

Referência:

Texto adaptado pelas autoras da fonte: EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES – ENADE Novembro/ 2011. Pedagogia. questão discursiva 2, p. 8. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2011/PEDAGOGIA.pd>. Acesso em: 24 jun. 2012.

Leitura Complementar



Livro: Como escrever trabalhos de conclusão de curso

Autor: Joaquim Martins Junior

Editora: Vozes

Edição: 3ª

Ano de publicação: 2009.

Páginas: 224

Como escrever trabalhos de conclusão de curso constitui um manual de fácil compreensão, que mostra passo a passo como planejar o seu trabalho, elaborar um projeto, desenvolver e escrever o trabalho, desde a escolha do tema da pesquisa e da elaboração do título, de todas as partes essenciais do estudo, dos principais métodos de pesquisa, dos instrumentos de coleta dos dados até as formas de

Anotações

citações e de como escrever as referências dentro das normas da ABNT.

O livro fornece respostas às inúmeras dúvidas dos pesquisadores, sejam eles alunos dos primeiros anos de graduação, formandos que necessitam escrever os seus trabalhos de TCC ou alunos dos cursos de especialização, mestrado e doutorado.

Escrito de forma a responder às principais perguntas que o pesquisador costuma fazer ao seu orientador, este livro mostra, ainda, como preparar e apresentar trabalhos monográficos e artigos.

Muitos pesquisadores, sejam eles estudantes de cursos de gradução ou de pós-graduação, sentem diverss dificuldades quando chega a hora de escrever um trabalho de conclusão de curso.

Suas primeiras inquietações ocorrem com a escolha do tema, a elaboração do título inicial e a delimitação do problema do estudo. Essa fase do trabalho consome muito tempo e gastos em incontáveis divagações.

Mas na fase de elaboração do Projeto de Pesquisa os problemas e as dúvidas ficam ainda maiores, pois é quando se questiona: Qual será a forma correta? Como devo delineá-lo?

Resolvido esse primeiro passo, mas à frente, os pesquisadores necessitam de orientação na escolha do método de pesquisa e no instrumento que será utilizado na coleta dos dados.

O terceiro momento é a elaboração da revisão de literatura. Novas dúvidas lhes assaltam, tais como: Sobre o que vou pesquisar? Que conteúdos deverei abordar? Que itens são mais (ou menos) importantes? E, depois, o que vou fazer com eles? Como analisá-los? Como vou discuti-los? Como escrever uma conclusão? E as referências? Como adequá-las às normas da ABNT?

São estas e outras questões semalhantes que os pesquisadores se fazem, nos mais diferentes níveis de ensino, quando necessitam de respostas rápidas para manter o bom andamento na confecção da sua pesquisa.

Joaquim Martins Junior, graduado em Ciência do Desporto e Educação Física, pela Universidade do Porto - Portugual, e em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná, mestre em Ciência do Movimento pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita - UNESP, é consultor R.B.E.P. - INEP/MEC e professor T-40 do CESUMAR - Centro de Ensino Universitário de Maringá, PR.

Atua na área de Educação, com ênfase em Educação Física, e principalmente nas subáreas: Seminários de Monografia, Metodologia da Pesquisa, Prática de Ensino, Educação Física Escolar, Saúde e Atividade Física Escolar, Saúde e Atividade Física e Motivação.

Fonte: Rede Livraria Erdos. Disponível em:

<http://www.erdos.com.br/index.php/como-escrever-trabalhos-de-conclus-o-de-curso.html>. Acesso em 05 ago. 2012.

Sugestão de Vídeo

Acesse o link abaixo e assista ao vídeo para saber mais sobre o uso de pleonasmos, que se refere à repetição de palavras do mesmo sentido em uma frase. O vídeo é apresentado pelos atores Leandro Hassum e Március Melhem.

<http://www.youtube.com/watch?v=7aE6IANa2MU&feature=related>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caro(a) acadêmico(a), a partir dos conhecimentos adquiridos nos estudos desta unidade, você já está apto(a) a produzir um texto de base científica com maior segurança. O aperfeiçoamento vem da prática, pois não se aperfeiçoa o que não se pratica. Portanto, mãos a obra!

Vimos que o princípio do texto dissertativo é a argumentação, e que argumentar é inerente às práticas humanas, portanto, argumentar não é algo novo, a dificuldade está em se colocar no papel as ideias propostas.

Sabendo que a dissertação é dividida em partes que se entrelaçam, como introdução, desenvolvimento e considerações finais, pode-se organizar o pensamento também em partes sem perder a noção do todo. Desenvolver o texto partindo de explicações sucintas sobre o tema, que seria a introdução, apresentar argumentos mais aprofundados no desenvolvimento do texto e culminar com a exposição dos resultados ou análises finais, que seria a parte das considerações finais.

Erros podem acontecer e fazem parte de todo o processo de aprendizagem, e para isso existem técnicas de correções. Utilize o quadro de correções sugerido em nosso trabalho e promova uma limpeza ou completude das partes incertas de seu texto.

Acredite em você, pois o que os outros pensam sobre você é o reflexo dos seus próprios pensamentos.

ATIVIDADE DE AUTOESTUDO

1 - As grandes empresas, as universidades e demais instituições de ensino, preferencialmente, têm usado o texto dissertativo para avaliar seus candidatos, isto porque, por meio deste instrumento, é possível avaliar as qualidades mais exigidas tanto na carreira acadêmica como na profissional. Disserte sobre essas qualidades, quais são e por que elas são importantes no desenvolvimento acadêmico e profissional.

_____

_____

2 - No relatório de estágio, a linguagem utilizada é específica da área descritiva, podendo, por ora, ser dissertativa e deve denotar a objetividade e não a subjetividade. Por que a linguagem de textos acadêmicos, entre eles os relatórios de estágios, deve ser objetiva e não subjetiva?

_____

_____

3 - Sempre que escrevemos textos longos, estamos sujeitos a cometer erros, isso porque nos prendemos mais às mensagens que queremos transmitir do que às regras ortográficas. Dessa forma, o sugerido é que se deixe o texto dormir, que o autor se distancie do texto para facilitar a correção. Quais são os aspectos que devem ser observados nessa correção textual?

_____

_____

UNIDADE V

LITERATURA INFANTIL

Professora Dra. Ivone Pingoello

Professora Me. Nilsa Correa Faria Meneguetti

Objetivos de Aprendizagem

- Adquirir noções fundamentais sobre a natureza da literatura infantil.
- Perceber o potencial catalisador da literatura infantil na formação de leitores.
- Compreender a literatura infantil como instrumento valioso na aquisição da língua, da cultura, de noções estético-literárias e ideológico-valorativas nela inscritas.

Plano de Estudo

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- **Conceitos e características da literatura infantil**
- **Formação histórica da literatura infantil**
- **Monteiro Lobato**

INTRODUÇÃO

Atire a primeira pedra quem não gosta ou nunca gostou dos contos de fadas, quem nunca viajou montado em um tapete voador, passou por belos castelos, quem não desejou ter uma varinha mágica para transformar o sonho em realidade. Desde os clássicos da literatura, como Cinderela, Bela Adormecida, A Bela e a Fera, aos contos de fadas mais atuais como Alice no País das Maravilhas, Shrek, Bruxa Onilda, Harry Potter, História Sem Fim", entre outros, que o sonho pede licença à realidade e foge para um mundo encantado.

Essa fuga é histórica, desde os tempos primordiais os humanos utilizam-se da imaginação para explicar fenômenos naturais, criar heróis e bandidos a fim de retratar o bem e o mal, disseminar valores por meio de fábulas e contos que perpassaram o mundo adulto e caíram no gosto infantil. Hoje com uma vasta produção para crianças, nós adultos, por vezes, nos pegamos concentrados em histórias infantis não apenas como leitura avaliativa com o objetivo de selecioná-las para nossos filhos e alunos, mas também pelo encantamento que as peripécias de seus personagens ainda causam nos leitores adultos.

Esse encantamento não ocorre apenas pela imagem bela e colorida dos livros infantis, mas porque tais histórias retratam conflitos pessoais pelos quais todos nós podemos passar. Nossa identificação não é com o belo e formoso, mas com os problemas vivenciados, com a busca das soluções e o final feliz nos traz a esperança de que podemos ter um também, de encontrar nosso príncipe ou princesa encantado(a), ou ainda encontrar um tesouro valioso, amigos verdadeiros com os quais vivemos aventuras, realizar sonhos que se materializam em páginas de livros e que nos faz perceber que não estamos sozinhos em nossos anseios.

No mundo infantil, além da busca pela identificação com personagens, há também o lado pedagógico buscado na literatura infantil, pois nela trabalha-se a oralidade, quando se pede para a criança contar as histórias com a finalidade de organização de pensamentos; a leitura no processo de alfabetização, que se desenvolve por meio de contatos com materiais escritos de variados gêneros, e a escrita ao solicitar à criança que reproduza a história ouvida ou lida

desenvolvendo a criatividade, a organização de pensamento lógico, o conhecimento vocabular e linguístico. Todas essas ações estão diretamente ligadas ao desenvolvimento cognitivo e intelectual da criança, que é função da educação. Fato que justifica o uso da literatura infantil nos processos de aquisição da linguagem em que o lúdico pode ser vinculado ao pedagógico sem que um se sobressaia ao outro, mas instrumentos que se completam na busca da formação da autonomia da criança, de seu senso crítico, suas capacidades de controle emocional e de desenvolvimento da inteligência.

O ENCANTADO MUNDO DA LITERATURA INFANTIL

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

No decorrer do amadurecimento emocional, a criança enfrenta dilemas próprios da idade, como a relação com os pais, com os irmãos, com os amigos etc., nesse aspecto, a literatura infantil ajuda na compreensão do problema, dos valores da convivência social. Os heróis retratados nas literaturas infantis passam por dilemas, conflitos, busca de soluções que culminam com a vitória e o final feliz e são essas características que fazem com que a criança se identifique

Anotações

com o herói, é a busca pela identidade de alguém forte, capaz de resolver problemas que promove a segurança na criança e a crença de que ela também pode resolver seus problemas, a princípio ela acredita que basta vestir a roupa do super-herói, mas depois descobre que também precisa ter coragem e ação.

Conforme esclarece Abramovich (2004), os motivos que levam as pessoas, principalmente as crianças, a gostarem dos contos de fadas inclusos na literatura infantil é o envolvimento com o maravilhoso, com a fantasia, onde ao mesmo tempo em que se vive num mundo fora da realidade, também se realiza comparações com situações concretas, conflitos que qualquer leitor pode já ter vivenciado. As composições do conto de fada são simples, de fácil entendimento e instigam o leitor pela busca por uma resposta, a encontrar pistas que levem à descoberta do enigma sempre, é claro, com a ajuda de duendes, fadas, animais falantes, dragões bonzinhos etc. Os contos de fadas seguem a estrutura da narrativa, já vista em nosso trabalho na unidade III. Eles partem da narração introdutória em que a aparente calmaria é abalada por um problema, o desenvolvimento retrata a busca da solução e o desfecho é a solução do problema e a volta da calmaria, sempre trazendo uma ideia valorativa da condição humana.

A criança se identifica com o herói bom e belo, não devido à sua bondade ou beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis, seu inconsciente desejo de bondade e beleza, sua necessidade de segurança e proteção e a busca da superação do medo (ABRAMOVICH, 2004), portanto, ao ler um conto de fadas a criança busca semelhanças entre a sua história e a história contada no livro. É um processo implícito do desenvolvimento da criança do qual o professor deve ser o mediador, promovendo na criança a percepção de que os problemas têm soluções e a busca parte de uma vontade interior.

As explicações que expomos aqui em relação ao porquê da criança gostar de literatura infantil servem para subsidiar o professor na sua empreitada de incentivador da leitura, isso não significa que o professor deverá passar essas informações para a criança. Segundo Abramovich (2004), explicar o porquê do encantamento destrói o próprio encantamento, rouba

Anotações

da criança a oportunidade de fazer suas próprias descobertas, de buscar o entendimento de como se consegue enfrentar um problema e obter êxito no final.

No passado, algumas características marcavam o universo das produções infantis: narrativa movimentada e com imprevistos, discurso direto, ilustrações e desfecho final satisfatório perante o enredo. A partir dos anos 70, observa-se algumas alterações no que vem sendo designada por literatura realista para crianças. Alguns temas tratam de polêmicas, como aborto, drogas, divórcio, morte, sexualidade e demais problemas sociais pertinentes à sociedade atual.

Esse novo modo de pensar a literatura, o realista, é reforçado por críticas aos clássicos infantis como, por exemplo, as críticas feitas por Magalhães (1987), quando a autora analisa tais clássicos e, na opinião da autora, os estereótipos das mulheres estavam ligados ao seu comportamento, se era meiga e dócil, era também bonita e a escolhida pelo príncipe; se era má, era também feia e rejeitada como castigo pela sua maldade. O patinho feio é criticado pela autora pela sua inatividade, segundo Magalhães (1987), ele não faz nada para mudar a situação, as coisas apenas acontecem para ele, que se vê livre do seu problema por encontrar sua verdadeira identidade. Tem também críticas ao elefante Dumbo que só consegue ser feliz quando encontra uma utilidade para suas grandes orelhas.

Há ainda outros críticos que acreditam terem desvendado os mistérios dos contos da Chapeuzinho Vermelho e da Branca de Neve e os Sete Anões, relacionando-os a preceitos moralistas de cunho sexual.

Na atualidade, existe uma grande divisão crítica a respeito do novo modelo de produção literária por demonstrarem existir um projeto educativo para uma literatura encomendada. A conscientização da realidade deve fazer parte do universo infantil, mas de forma que não choque tanto e não afaste a criança da magia que caracteriza a literatura infantil, pois a fantasia proporciona ao mundo da criança um bem-estar necessário para essa fase da vida.

Cabe a nós analisarmos tais críticas e nos posicionarmos.

Anotações

Diante da informação de que atualmente a literatura infantil contemporânea se mostra mais objetiva que estética, devemos questionar:

Na atualidade, voltamos a tratar a criança como um "adulto em miniatura"?

O termo "adulto em miniatura" designa a criança do século XVIII, a qual era tratada como uma pessoa adulta. A infância era desconsiderada, as crianças participavam como qualquer adulto da vida política e social e não eram poupadas do trabalho, das guerras e do cotidiano comum. Não havia roupas específicas para as crianças, havia roupas distintas de classes sociais. Logo, não existia um mercado voltado para esse segmento de público, conforme Zilberman (2003), antes não se escrevia para crianças porque não se considerava que existia infância.

Conforme Magalhães (1987), apenas o aspecto lúdico não justificava a publicação da literatura infantil, sua legitimação apenas se justificava por meio da ação educativa, do processo pedagógico vinculado ao texto. A literatura oferecida às crianças era considerada um veículo de transmissão das regras, dos costumes, das crenças e dos valores para o mundo infantil. A sociedade procurava, por meio dos textos educativos, perpetuar sua formação e organização, destituindo as crianças da capacidade de argumentar, criticar, transformar seu mundo, visto que as verdades explicitadas nos textos eram empregadas como dogmas.

Na atualidade a literatura infantil ampliou-se, ganhou novas vestimentas e conquistou as telas dos cinemas com reproduções de clássicos reproduzidos em desenhos animados. Abramovich (2004) critica a supressão de cenas dos contos de fadas expostos na literatura infantil a fim de adaptá-los ao cinema ou para fins didáticos escolares. Nesse contexto, a fala de Abramovich (2004) tem respaldo na afirmação de Bakhtin (2010), quando ambos afirmam que fragmentos de textos ou a supressão de partes deles destitui a unidade de sentido própria do texto escrito. Segundo Bakhtin (2010), quando se analisa uma oração isolada, perde-se o todo, perde-se o contexto, perde-se o sentido, pois nenhum enunciado tem sentido fora da cadeia de comunicação em que a oração isolada é um elo inalienável. A oração isolada, conforme Bakhtin (2010), é desprovida de expressividade, pois uma oração só atinge a entonação expressiva no

todo do enunciado. Por isso, o que se recomenda é a não substituição da leitura pelos filmes que retratam de forma comercial o enredo de um conto de fada. Segundo Abramovich (2004), se no conto há cenas as quais a criança não conseguirá entender, então deve-se mudar de leitura e esperar a fase da maturação da criança para indicar tal leitura.

Diante do exposto, questionamos:

Devemos censurar nossos alunos na leitura de livros que acreditamos serem inadequados?

Por um lado, tem-se a necessidade de cativar nossos leitores principiantes, e por outro, se reconhece a imaturidade da criança na escolha do melhor livro em meio à produção do mercado. Censurar nunca foi um método eficaz nos cuidados com a educação da criança, a sugestão é que se propiciem condições de escolhas pessoais mais exigentes. Desenvolver o gosto pela leitura é uma das tarefas da escola, que deve ser criteriosa na aquisição de livros para sua biblioteca. Em visitas periódicas à biblioteca ou no cantinho de leitura na sala de aula, os alunos devem ser incentivados a lerem livros variados, adequados à faixa-etária, de culturas e opiniões diversas, com visões de mundo diferentes. A cada avanço na leitura, novos desafios devem ser propostos, leituras mais apuradas devem ser sugeridas, textos mais longos, conteúdos mais explicativos.

O gosto apurado da leitura é lapidado na escola por meio de ações didáticas direcionadas para esse fim, portanto, o aluno é livre para escolher desde que a escolha atinja os objetivos didáticos propostos, havendo a interação do lúdico com o pedagógico.

Pode-se dizer que a literatura infantil é o resultado da interação entre intenção pedagógica e intenção lúdica que, por sua vez, estimula a criatividade de uma forma geral promovendo a aprendizagem.

São três os aspectos que promovem interação entre o lúdico e o pedagógico, conforme descreve Coelho (2000).

Anotações

Aspecto psicofísico - a literatura infantil estimula as funções motoras e intelectuais das crianças, contribui com a formação da personalidade, do desenvolvimento do imaginário e do espírito crítico infantil.

Aspecto de natureza social - a criança adquire melhores condições de formar sua identidade social, aperfeiçoar seu processo de sociabilidade e estabelecer categorias de valor ligadas à ética.

Aspecto linguístico - contribui para o desenvolvimento do vocabulário, para a aquisição de estruturas linguísticas, para a distinção de registros discursivos e desenvolvimento da escrita e da narratividade.

Como podemos perceber, a literatura infantil não é apenas um instrumento de diversão, mas também um material didático importantíssimo na formação social da criança desde que levado em consideração as etapas de desenvolvimento de cada criança e os livros adequados para sua faixa etária.

Na seleção de sugestões de livros para as crianças, deve-se ter conhecimento dos caracteres existentes nos livros que servem para ativar a curiosidade em cada faixa etária. Para auxiliá-los, descrevemos alguns estágios, citados por Oliveira (2005), de desenvolvimento da infância à adolescência quanto ao gosto pela literatura que são constantes em todas as crianças, o que pode mudar é a faixa etária em que as fases ocorrem, pois elas dependem da interação com o meio no qual a criança está inserida. Conforme Oliveira (2005), os estágios são:

1 a 2 anos

Prende-se ao movimento.

Ao tom de voz, e não ao conteúdo do que é contado.

Presta atenção ao movimento de fantoches e a objetos que conversam com ela.

Anotações

Narrativas curtas.

Muitas imagens, uma gravura em cada página.

Enredo simples e vivo.

Uso de livros-brinquedo, livros de pano, madeira e plástico .

Nesta fase, há uma grande necessidade de pegar a história, segurar o fantoche, agarrar o livro etc.

2 a 3 anos

Histórias rápidas.

Pouco texto e poucos personagens.

Muito ritmo e entonação.

Histórias de bichinhos, brinquedos e seres da natureza humanizados.

Prendem-se a gravuras grandes e com poucos detalhes.

Os fantoches continuam sendo o material mais adequado.

A música exerce um grande fascínio sobre ela.

A criança acredita que tudo ao seu redor tem vida e vivência, por isso, a história transforma-se em algo real, como se estivesse acontecendo mesmo.

3 a 6 anos

É a fase de "conte outra vez".

Anotações

Livros com imagens que já apresentam correspondência com as palavras.

Narrativas curtas com a presença do humor.

Certo clima de expectativa ou mistério.

Discursos ligados à imaginação (fábulas, contos de fadas, lendas etc.).

Predomínio absoluto da imagem (gravuras, ilustrações, desenhos etc.).

Sem texto escrito, ou com textos brevíssimos, que podem ser lidos, ou dramatizados pelo adulto.

Imagens devem sugerir situações que sejam significativas.

Contador de histórias com roupas e objetos característicos.

A criança acredita, realmente, que o contador de histórias se transformou no personagem.

Variar o material que lhe é oferecido. Materiais como massa de modelar e argila atraem a criança para novas experimentações.

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

7 anos - leitor iniciante

A imagem ainda predomina.

A narrativa deve conter uma situação com começo meio e fim.

Personagens podem ser reais ou fictícios.

O processo de julgamento está em pleno desenvolvimento na criança (personagens bons ou maus, fortes ou fracos).

8 a 9 anos – o leitor em processo

Presença das imagens em diálogos com o texto.

A narrativa deve ter um conflito, um fato bem definido a ser resolvido até o final.

O humor, a fantasia ou o imaginário sempre exercem interesse na criança.

10 a 11 anos – o leitor fluente

Anotações

Leitura acompanhada pela reflexão.

Fase dos questionamentos.

Atração por mitos, deuses, heróis, ficção científica ou policial.

Livros de aventuras e ação constantes, livros de mistério, presença de heróis e heroínas.

A criança passa a se interessar por narrativas escritas, de extensão mediana com um número menor de imagens.

12 a 13 – leitor crítico

Livros que contenham textos mais longos.

Motivos cotidianos.

Diversidade de assuntos, própria da curiosidade do pré-adolescente e do adolescente.

A partir dos 17 anos – Adolescência

Busca de explicação para a essência.

Fenômenos da realidade.

Variedade enorme de tipos de livros.

Narrativas de aventuras.

Ficção científica.

Histórias humorísticas.

Narrativas existencialistas.

CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA INFANTIL

Para Coelho, “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra” (COELHO, 2000, p. 27). A autora completa afirmando que “a literatura infantil e a literatura para o público adulto apresentam a mesma essência, as diferenças estão na natureza do leitor/receptor, ou seja, a criança” (ibidem, pp.29-31). Dessa forma, a literatura infantil apresenta os fatores estruturais que aparecem em qualquer obra literária: um narrador, um foco narrativo, a história, os personagens, o espaço físico e temporal, uma linguagem literária e um destinatário da sua comunicação: o leitor.

As características mais comuns da literatura infantil estão relacionadas ao conteúdo, que deve ser de fácil entendimento, ausência de temas adultos e/ou não apropriados a crianças, são narrativas relativamente curtas, presença de estímulos visuais, linguagem simples, apresentando um fato ou uma história de maneira clara, são de caráter didático, ensinando regras da sociedade e/ou comportamentos sociais, possuem mais diálogos e diferentes acontecimentos, com poucas descrições, as crianças são os principais personagens da história.

Segundo Sosa (1978), são quatro os elementos necessários para atender às expectativas da criança: o caráter imaginoso, o dramatismo, a técnica do desenvolvimento e a linguagem. A imaginação é fonte primária do texto infantil, o dramatismo se refere à tensão, aos conflitos e a técnica de desenvolvimento e de linguagem se diferencia da literatura voltada para o público adulto para se adaptar ao nível intelectivo da criança.

As obras literárias para crianças diferem das produções para adultos na complexidade de concepção, pois a obra infantil a princípio é mais simples em seus recursos, mas não menos valiosa. Essa simplicidade de concepção deve criar a simplicidade de linguagem, na qual a literatura deve ser uma fonte repleta de sensações, emoções, imaginações que tocam a criança, fazendo-a viajar e sonhar, cumprindo o papel da literatura.

Anotações

A criança somente se sentirá motivada para a leitura quando exposta ao caráter imaginoso dado pelos mitos, aparições da antiguidade, monstros ou realidades dos tempos modernos expostos em qualquer das formas expressivas: lenda, conto, fábula, quadrinhos etc. Essa característica de primar a imaginação é que possibilitará o despertar de diferentes emoções e a ampliação de visões de mundo do leitor infantil. Conforme Sosa (1978, p.19), "o espírito da criança precisa do drama, da movimentação das personagens, da soma das experiências populares e tudo isso dito por meio das mais elevadas formas de expressão e com inegável elevação de pensamento". É nesse dialogismo leitor/obra literária que a criança exteriorizará sua fantasia numa comunicação que lhe permite a construção do seu crescimento cognitivo, pois a obra literária lhe permitirá confrontar a realidade cotidiana com o imaginário, se identificando como parte integrante do mundo em que está inserida.

Dentre os escritos destinados às crianças estão também as poesias com características peculiares, como a relação entre a palavra e sua cadência melódica, parentesco fônico entre determinadas partes dos vocábulos, o tom retórico e imperativo cede lugar aos tonos lúdico e popular, a linguagem preciosa é substituída por um registro mais simples e emotivo.

Para adaptar ao gosto infantil a poesia teve que se adaptar à sua linguagem. Observe dois poemas escritos para crianças, um escrito por Olavo Bilac e outro por Vinícius de Moraes, ambos com o título "A casa".

Fonte: SHUTTERSTOCK.COM

A casa	A casa
Olavo Bilac	Vinícius de Moraes
Vê como as aves têm, debaixo d'asa	Era uma casa
O filho implume, no calor do ninho!...	Muito engraçada
Deves amar, criança, a tua casa!	Não tinha teto
Ama o calor do maternal carinho!	Não tinha nada
Dentro da casa em que nasceste és tudo...	Ninguém podia
Como tudo é feliz, no fim do dia,	Entrar nela não
Quando voltas das aulas e do estudo!	Porque na casa
Volta, quando tu voltas, a alegria!	Não tinha chão
Aqui deves entrar como num templo,	Ninguém podia
Com a alma pura, e o coração sem susto:	Dormir na rede
Aqui recebes da Virtude o exemplo,	Porque na casa
Aqui aprendes a ser meigo e justo.	Não tinha parede
Ama esta casa! Pede a Deus que a guarde,	Ninguém podia
Pede a Deus que a proteja eternamente!	Fazer pipi
Porque talvez, em lágrimas, mais tarde,	Porque penico
Te vejas, triste, desta casa ausente...	Não tinha ali
E, já homem, já velho e fatigado,	Mas era feita
Te lembrarás da casa que perdeste,	Com muito esmero
E hás de chorar, lembrando o teu passado...	Na rua dos Bobos
- Ama, criança, a casa em que nasceste!	Número Zero
Poema publicado em Poesias Infantis. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.	Poema publicado no livro A Arca de Noé, 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Ao escrever para crianças, Olavo Bilac tinha a preocupação em utilizar uma linguagem menos rebuscada e mais acessível, essa intenção fica clara na leitura do prefácio da primeira edição do livro Poesias Infantis escrita pelo próprio autor.

Transcrevemos o prefácio no quadro abaixo para que você perceba a preocupação de Olavo Bilac:

Ao Leitor

Quando a Casa Alves & Companhia me incumbiu de preparar este livro para uso das aulas de instrução primária, não deixei de pensar, com receios, nas dificuldades grandes do trabalho. Era preciso fazer qualquer coisa simples, acessível à inteligência das crianças; e quem vive de escrever, vencendo dificuldades de forma, fica viciado pelo hábito de fazer estilo. Como perder o escritor a feição que já adquiriu, e as suas complicadas construções de frase, e o seu arsenal de vocábulos peregrinos, para se colocar ao alcance da inteligência infantil?

Outro perigo: a possibilidade de cair no extremo oposto – fazendo um livro ingênuo demais, ou, o que seria pior, um livro, como tantos há por aí, falso, cheio de histórias maravilhosas e tolas que desenvolvem a credulidade das crianças, fazendo-as ter medo de coisas que não existem. Era preciso achar assuntos simples, humanos, naturais, que, fugindo da banalidade, não fossem também fatigar o cérebro do pequenino leitor, exigindo dele uma reflexão demorada e profunda.

Mas a dificuldade maior era realmente a da forma. Em certos livros de leitura que todos conhecemos, os autores, querendo evitar o apuro do estilo, fazem períodos sem sintaxe e versos sem metrificação. Uma poesia infantil conheço eu, longa, que não tem um só verso certo! Não é irrisório que, querendo educar o ouvido da criança, e dar-lhe o amor da harmonia e da cadência, se lhe dêem justamente versos errados, que apenas são versos por que rimam, e rimam quase sempre erradamente?

Não sei se consegui vencer todas essas dificuldades. O livro aqui está. É um livro em que não há animais que falam, nem fadas que protegem ou perseguem crianças, nem as feiticeiras que entram pelos buracos das fechaduras; há aqui descrições da natureza, cenas de família, hinos ao trabalho, à fé, ao dever; alusões ligeiras à história da pátria, pequenos contos em que a bondade é louvada e premiada.

Quanto ao estilo do livro, que os competentes o julguem. Fiz o possível para não escrever de maneira que parecesse fútil demais aos artistas e complicada demais às crianças.

Se a tentativa falhar, restar-me-há o consolo de ter feito um esforço digno. Quis dar à literatura escolar do Brasil um livro que lhe faltava.

O.B.

Fonte: BILAC (1929).

Anotações

Observa-se no prefácio escrito por Bilac a preocupação com a forma, a busca por uma linguagem mais acessível às crianças sem cair na banalidade. Mesmo que a linguagem utilizada por Bilac nas poesias infantis ainda seja por demais rebuscada, podemos analisar a crítica feita pelo autor em moldes atuais em meio a tantas publicações para o público infantil sem a preocupação de promover o desenvolvimento intelectual com publicações banais e fúteis, menosprezando a inteligência de nossas crianças.

Ao assumir novas posturas, a literatura infantil contemporânea assume também novas características para atrair o público infantil, as quais demonstram a evolução do método de ensino por meio da leitura. Nelly Novaes Coelho (2000), crítica da literatura infantil brasileira, assinala um conjunto de características estilísticas e estruturais da literatura infantil, as quais são:

Sequência narrativa

- Propõe problemas a serem solucionados de maneiras diferentes.
- Coparticipação nas soluções.
- Não apresenta respostas prontas.

Personagens

- Individualidades que se incorporam no grupo-personagem.
- Valorização de grupos, patotas, a personagem-coletiva.
- Espírito comunitário - Individualidade do herói está pouco presente.
- Personagem questionadora que põe em xeque as estruturas prontas, um convite à reflexão.

Anotações

Voz narradora

- Mais consciente da presença de um leitor possível.
- Tom mais familiar e até de diálogo.
- Não trata o leitor como receptor da mensagem, pois não há passividade.

Espaço

- Preocupação crescente em mostrar as relações existentes no espaço a fim de conduzir à reflexão.

Nacionalismo

- Busca das origens para definir a brasilidade em suas multiplicidades culturais, com identificação não só sul-americana como africana.
- Delimitar uma nova maneira de ser no mundo, a brasileira.

Exemplaridade

- Deixa de ser usada somente com intenção pedagógica e passa a revelar a ambiguidade natural do ser humano.
- Tende a ser uma maneira de propor problemas a serem resolvidos e estimular a optar conscientemente nos momentos de agir.

As características próprias da literatura infantil foram sendo construídas ao longo do processo histórico da produção literária, dessa forma, devemos entender esse processo para analisarmos o que se entende por literatura infantil contemporânea.

HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

A gênese dos primeiros escritos para as crianças encontra-se na Novelística Popular Medieval, que teve suas origens na Índia, com narrativas oriundas de séculos a.C., difundidas pelo mundo pela tradição oral. O "Livro dos Cinco Ensinamentos", datado do século V e VI a.C., é o registro de produção literária infantil mais antiga. Escrito em sânscrito e dotado de conteúdos religiosos e políticos, era usado para ensinamentos de moral, política e religião pelas fábulas e narrativas. Com origens no Oriente, foi reinventada na Grécia por Esopo (século. VI a.C.), e no século seguinte foi enriquecida estilisticamente pelo escravo romano Fedro (século I a.C.), as quais só ganharam popularidade no século X. Comênio, educador tcheco, lançou em 1658 com o propósito lúdico e pedagógico o primeiro livro infantil ilustrado, "O Mundo em Quatro Quadros".

Mas a Literatura Infantil foi constituída como gênero durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam o início da ascensão da família burguesa. Dessa forma, emerge a necessidade de organização da escola e a Literatura Infantil se converte em instrumento pedagógico. No final do século XVII, na França, foram produzidas as primeiras obras para crianças: As Fábulas (1668) de La Fontaine; os Contos da Mãe Gansa (1691/1697) de Charles Perrault; os Contos de Fadas (1696/1699) de Mme. D'Aulnoy e Telêmaco (1699) de Fénelon (COELHO, 2000). Esse século passa a ser conhecido como o século do ensaio para o surgimento da literatura infantil.

No século seguinte, XVIII, as crianças passam a serem percebidas como seres potenciais que poderão servir no futuro para a manutenção do *status quo*. Sua educação começa a ser mais elaborada e fundamentada na preparação para o egresso na vida adulta. Consolidaram-se as instituições burguesas com a industrialização, o que fez com os livros infantis fossem produzidos em maior escala. Esse século fica conhecido como o século do aparecimento da Literatura Infantil. Os livros publicados nessa época agradaram adultos e crianças e alguns títulos se imortalizaram, como Robinson Crusoé, de Daniel Defoe, publicado em 1719

Anotações

e *Viagens de Guliver,* de Jonathan Swift, publicado em 1726.

O século XIX fica conhecido como o século do desenvolvimento da literatura infantil, o campo é fértil para a produção literária, isso porque a criança passou a receber atenção especial para seu crescimento físico, psicológico e cognitivo, surgindo, então, novos conceitos de vida, educação e cultura, abrindo novos caminhos para a área pedagógica e literária (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999).

Com o surgimento dos primeiros escritos direcionados à infância a associação da literatura infantil esteve ligada ao instrumento pedagógico institucional escolar, no qual educadores e pedagogos os utilizavam com objetivo utilitário-pedagógico. Foi nesse contexto que a escola se constituiu em reprodutora da sociedade burguesa, segundo Zilberman (2003), negando o social e introduzindo preceitos normativos excludentes, taxando a visão burguesa da realidade como sendo a de maior valor.

Ocorreu nessa época a consolidação do ensino da literatura infantil, num contexto social no qual profundas transformações exigiam uma reestruturação nas instituições que responsabilizavam a escola e a família pela criança. Para Coelho (2000), é nesse momento que a criança passa a ter valor e a ser levada em consideração no processo e nas interações sociais.

O século XX ficou conhecido como o da expansão da literatura infantil, em decorrência dos grandes avanços da imprensa e maior acesso às produções literárias promovido pela ascensão da burguesia.

Como vimos, a Literatura Infantil se constituiu como gênero no século XVII, processo que teve início na França com a publicação de La Fontaine e de Charles Perrault, este publicou os “Contos da Mãe Gansa”, coletânea de vários contos como: A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, Cinderela (também conhecida como Borralheira ou Gata Borralheira ou Sapatinho de vidro), Henrique do Topete e O Pequeno Polegar.

Anotações

Charles Perrault era um católico convicto, funcionário da corte de Luís XIV e seus escritos para o público infantil possuíam cunho pedagógico e moralizante para serem incutidos nos pequenos leitores. Perrault recolheu histórias populares e deu a elas tratamento literário que passaram a fazer parte dos contos de fadas de cunho popular não endereçado à burguesia (COELHO, 2000).

Perrault realizou a literalização dos contos folclóricos, de tradição popular e oral adulta transformando em contos de fadas que passaram a ser adotados e consolidados como literatura infantil. Esses acontecimentos reforçam as afirmações de Lajolo e Zilberman (1999, p.32), de que a literatura tem seus fundamentos na oralidade e se encontra profundamente ligada às raízes da literatura popular, acreditando que as crianças gostariam de ler nos livros as histórias que as babás, ex-escravas e as mães lhes contavam. Muitas das narrativas publicadas por Perrault foram repaginadas mais de um século depois pelos irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm Grimm, estudiosos do folclore alemão que em 1800 viajaram por toda a Alemanha, preocupados em fixar as narrativas orais de seu país. O interesse também não era as crianças, mas em 1815 demonstraram preocupação com o estilo, a sensibilidade, a ingenuidade, a fantasia e o poético (COELHO, 2000).

Os irmãos Grimm desenvolveram pesquisas e estudos linguísticos coletados por meio da memória popular, pela tradição oral, narrativas, lendas e sagas germânicas. Como estudiosos da língua alemã, desenvolveram dois objetivos pela coleta das histórias orais: o levantamento de elementos linguísticos para fundamentação dos estudos filológicos da lingua alemã e a fixação dos textos literários folclóricos germânicos. Especificamente em 1812, os irmãos Grimm fundiram o universo popular ao infantil e dedicaram às crianças, por sua temática mágica, a publicação de “Histórias das Crianças e do Lar” com 51 narrativas. Seus contos agradavam tanto os adultos como as crianças, pois continham o fantástico, a fantasia e o mítico. A mais famosa obra dos irmãos foi “Contos de Fadas para Crianças e Adultos”, publicada entre 1812 e 1822, em que constavam os contos: A Bela Adormecida, Os Músicos de Bremen, Os Sete Anões e a Branca de Neve, O Chapeuzinho Vermelho, A Gata Borralheira, As Aventuras do

Anotações

Irmão Folgazão, O Corvo, Frederico e Catarina, O Ganso de Ouro, A Alfaiate Valente, O Lobo e as Sete Cabras, O Enigma, O Pequeno Polegar, Joãozinho e Maria e entre outros. Os textos percorreram mundo a fora e ganharam novas versões e traduções que fascinavam pessoas de diferentes línguas e culturas. Eram dotados de mensagens positivas que contribuíam para a fixação da ética e da moral pela estética literária.

Em publicações como "O menino pastor" e "O pequeno polegar", os Grimm retrataram a criança com suas características típicas, como a perspicácia, sua sabedoria nata, sua vontade em sair pelo mundo vivendo suas próprias experiências e aventuras e depois voltar como num renascimento. Os irmãos retrataram a criança ativa, incansável, usando todas as suas energias para descobrir o mundo exterior e depois se voltando para si, num processo de autoconhecimento.

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

Anotações

Em “Joãozinho e Mariazinha” retrataram problemas de carências vividos pelas crianças, a pobreza, falta de comida, de afetividade, a mãe tinha morrido e foram criados pela madrasta que os abandonam na floresta onde enfrentaram o mundo desconhecido e conseguiram resolver os problemas pensando e agindo juntos (ABRAMOVICH, 2004).

Dentre os nomes que se destacam na história da literatura infantil, um tem lugar de destaque, tanto que o dia do seu nascimento é consagrado como o Dia Internacional do Livro Infantil. Seu nome: Hans Christian Andersen.

A sua própria história de vida se assemelha a um conto de fadas; pobre e humilhado na infância, ele conseguiu sucesso e notoriedade com seu trabalho, escrevendo emoções, lirismos e fantasias em seus contos que encantam até os dias atuais. Dentre suas criações consta o Soldadinho de chumbo, O patinho feio, A pequena Sereia, A roupa nova do Rei dentre outros.

Hans Christian Andersen

Nasceu a 2 de Abril de 1805, em Odense, na Dinamarca, no seio de uma família humilde. Depois da morte do pai, que lhe costumava contar histórias com a ajuda de um teatro de fantoches, mudou-se para Copenhaga. Nunca casou nem teve filhos e, em 1835, publicou os dois primeiros dos 156 contos que haveria de escrever, inspirado no mundo de fadas e duendes e na tradição popular dinamarquesa. Morreu em Copenhague no dia 4 de Agosto de 1875.

Fonte: <http://guida.querido.net/andersen/index.html>. Acesso em: 08 out. 2012.

Anotações

Na narrativa A menina dos fósforos, Andersen retrata a vida de uma menina que anda pelas ruas frias e escuras da Europa em noite de Ano Novo vendendo fósforos. Vendo as luzes, as comidas, as árvores de Natal, a alegria nas casas e só tendo nas mãos uma caixinha de fósforo, ela os acende para ver melhor o mundo e cada pequena chama a faz entrar num mundo imaginário com coisas bonitas até que sua avó, já morta, a abraça e a leva para junto de Deus onde não há fome, frio ou medo (ABRAMOVICH, 2004).

Essa obra foi publicada no século XIX, mas percebemos no texto características que nos parecem atuais, pois retratam nossas crianças que vendem objetos nas ruas, nos semáforos, de madrugada, passando frio e fome e morrem, sonhando em ter uma casa, um prato de comida quente, e acabam morrendo como indigentes sob o olhar indiferente da sociedade.

E o que dizer da história do Patinho feio, escrita por Andersen, que retrata a discriminação, o preconceito, a rejeição e que só se descobre cisne depois de uma longa trajetória de sofrimento, qualquer semelhança com a trajetória de nossas crianças não é mera coincidência. É por isso que os clássicos da Literatura Infantil continuam tão atuais, porque retratam angústias e sonhos vividos num plano coletivo.

Segundo Bakhtin (2010), as obras literárias são libertadas das marcas de seu tempo e se transformam, se renovam, quando a elas são agregados novos valores, novos significados, novos sentidos, superando o que foram em sua época de criação e se atualizando com o tempo sem perder sua essência: a virtude moral.

Com o advento do novo cenário político europeu e pelos avanços da imprensa, próprios da era inicial da industrialização, além dos Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, despontaram autores e obras que se tornaram best-sellers, como: Lewis Carroll - Alice no País das Maravilhas; Collodi – Pinóquio; Jules Verne - A Volta ao Mundo em 80 Dias entre outros. Tais autores muito contribuíram com a produção literária destinada ao público infantil na Europa e no mundo.

Anotações

A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

Com a chegada da Família Real em 1808 instalou-se a imprensa nacional, uma das providências para modernização da colônia que passava a ter status de sede real, dando início assim à produção de escritos impressos em terras brasileiras. Com a implantação da Corte no Brasil algumas obras literárias voltadas para crianças começaram a ser publicadas. Em 1818, foram "As aventuras pasmosas do Barão de Munkausen" seguidas da coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, "Leitura para meninos", contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural. Em 1848, "Aventuras do Munkausen" foram reeditadas com uma alteração gráfica.

A literatura oral nesse período era marcada pela tradição do misticismo e do folclore das culturas indígenas, africanas e europeias, e ocupavam o lugar da literatura escrita, até porque a leitura não fazia parte da realidade social brasileira. O universo infantil das classes mais abastadas era permeado pelas leituras vozeadas de suas amas e babás. No decorrer do século XIX, com a expansão da educação formal, ocorreu a produção e configuração de uma literatura infantil verdadeiramente direcionada para o jovem público brasileiro. Começaram a surgir algumas publicações, traduções e adaptações de obras estrangeiras.

Os ideais republicanos no século XIX se detinham na formação de uma sociedade participativa da vida social com poder de argumentação de fala e escrita. Com a implantação da República, preconizada pelo aparecimento de uma classe média urbana que buscava mudanças sociais e políticas, foram surgindo os primeiros livros infantis em atendimento às solicitações dessa classe emergente.

Para Zilberman (2003), devido à ausência de tradição nacional para escritos literários destinados às crianças, foram encontradas quatro soluções para atender às emergências sociais: traduzir obras estrangeiras; adaptar para as crianças obras escritas originalmente para adultos; reciclar material escolar, pois os leitores eram alunos que já estavam acostumados

Anotações

a usar o livro didático; e ainda, apelar para a tradição popular. Os pioneiros em traduções e adaptações de obras estrangeiras para crianças no Brasil foram: Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel, sendo que o nome desses dois autores e também de Olavo Bilac correspondem ao núcleo original da literatura infantil brasileira (ZILBERMAN, 2003).

O nome de destaque dessa época foi Olavo Bilac, que em 1904, após ter se firmado como escritor para adultos, resolve se aventurar pela literatura infantil, publicando contos e poemas. Seus trabalhos ao público infantil foram marcados pelo ufanismo e por serem textos utilitários para as escolas. Versos como “Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! / Criança! Não verás país nenhum como este!” (BILAC, 1929, s.p) foram leituras obrigatórias em várias gerações de crianças brasileiras.

O primeiro livro lançado no Brasil com grande repercussão no meio escolar foi "Livro do Povo", de Antonio Marques Rodrigues, impresso pela Tipografia do Frias, com primeira edição em 1861, com 208 páginas e uma tiragem de 4.000 exemplares. Nesse mesmo molde foram publicados: “Método Abílio”, por Abílio César Borges; “O Livro do Nenê”, por Meneses Vieira; “Série Instrutiva”, por Hilário Ribeiro entre outros. Logo após esta fase, contos para diversão da infância começaram a ser escritos por autores nacionais, como “Contos Infantis”, de Júlia Lopes de Almeida. Sendo que “Contos da Carochinha” foi a primeira coletânea brasileira de literatura infantil, com o intuito de traduzir, para a Língua Portuguesa, contos estrangeiros de sucesso, uma iniciativa tomada por Alberto Figueiredo Pimentel, dotado de fama pela sua busca de popularização da literatura no Brasil. Mais algumas obras e autores: “Livro das Crianças”, de Zalina Rolim; “Leituras Infantis”, de Francisco Vianna; “Era Uma Vez”, de Viriato Correia; “Biblioteca Infanto”, de Arnaldo Barreto.

Anotações

Fonte:SHUTTERSTOCK.COM

Até a segunda década do século XX, a literatura infantil permaneceu associada aos interesses do Estado e produzida para fins didáticos. Foi na década de 30 que surgiu Monteiro Lobato para renovar, inovar e incrementar a Literatura Infantil Brasileira.

Outros autores que também fizeram sucesso entre o público infantil foram:

Na década de 30 e 40: Érico Veríssimo, Luís Jardim, Lúcio Cardoso, Graciliano Ramos, Guilherme de Almeida e Henriqueta Lisboa.

Nos anos 60, Cecília Meireles faz sucesso com seus poemas destinados às crianças.

Na década de 60, ocorreu uma expansão de instituições e programas voltados para a ampliação da leitura e a discussão da literatura infantil. E 1966 a FNLE (Fundação do Livro Escolar), em 1968 a FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil), em 1973 o CELIJ (Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenill), em 1979 a ABLIJ (Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil) e também várias Associações de Professores de Língua e Literatura (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999). Todas essas instituições impulsionaram as produções literárias de autores nacionais. Portanto, a grande expansão brasileira da literatura infanto-juvenil foi

Anotações

proporcionada pelo ingresso de grandes editoras no mercado do país, que contava ainda com uma produção literária dispersa marcada pela comercialização de traduções de clássicos estrangeiros e a crescente dependência do livro com a escola.

Os anos 70 foram considerados o *boom* da literatura infantil, atingindo seu ápice nos anos 80, quando ocorre uma produção em massa de literatura infanto-juvenil além de surgirem críticos destinados a avaliarem estas produções. Nessa fase, ocorre a ampliação da classe média e aumenta o nível de escolaridade, fator que colabora com o aumento do público leitor.

As produções literárias infantis da década de 70 carregavam uma proposta estética e ideológica diferente. As ideias centrais das obras buscavam resgatar o real de maneira crítica, criativa e desmistificada para a criança, com coerência entre o tema, o estilo e as ações do personagem para passar a imagem de verossimilhança, ampla tendência neorealista na literatura brasileira. A literatura passou a ser produzida com uma linguagem coloquial sem dificuldades de comunicação e personagens com identificação próxima dos leitores (PONDÉ, 1985).

Os anos 70 e 80 são considerados divisores de água no gênero, pois nesse momento ocorrem os encontros, seminários e congressos nos grandes centros brasileiros destinados a debaterem a produção literária no Brasil e acirram-se as discussões sobre a estética das obras literárias, aumentam as cobranças referentes à qualidade e às reproduções de literaturas europeias.

Após o período lobatiano, convencionado na Literatura Brasileira como pré-modernismo, alguns nomes sobressaíram, entre eles Maria José Dupré (Éramos Seis -1943, A Ilha Perdida – 1944) e Jerônymo Monteiro (1959 - O Conto Fantástico).

O período ficou conhecido também como período de renovação de autores, considerados herdeiros de Lobato. Dentre os novos autores, destacam-se Ana Maria Machado, Bartolomeu Campos de Queirós, Elvira Vigna, João Carlos Marinho, Lygia Bojunga Nunes, Ruth Rocha, Ziraldo etc.

Anotações

Nos anos 80 e 90 houve a consolidação de uma literatura infantil de qualidade. Marcado pelo pós-modernismo, esse período de transição da política brasileira tem como características a heterogeneidade; pluralidade de vozes, de estilos, de gêneros e de visões de mundo. Caracteriza-se pela temática predominantemente urbana, com ênfase nos estilos pessoais e na exploração de novas técnicas narrativas.

Nessa época, duas escritoras brasileiras se despontaram e foram vencedoras do prêmio Hans Christian Andersen. Em 1982, ganhou o prêmio a escritora Lygia Bojunga Nunes com o livro A bolsa amarela e, em 2000, Ana Maria Machado com o livro Bisa Bia, Bisa Bel. Outros autores também se tornaram grandes expoentes literários como Ziraldo (O menino maluquinho), Orígenes Lessa (Memórias de um cabo de vassoura), Ruth Rocha (Marcelo Marmelo Martelo), Chico Buarque (Chapeuzinho Amarelo), Sylvia Orthof, Marina Colasanti, Roseana Murray e Pedro Bloch.

Alguns dos escritores brasileiros mais lidos

Ziraldo Alves Pinto (1932) - Nascido em Caratinga, Minas Gerais. Formou-se em Direito, consagrou-se como cartunista, escritor, jornalista, chargista, teatrólogo e pintor. Começou sua carreira nos anos 50 no Jornal do Brasil, Revista Cruzeiro e Folha de Minas.

Entre os livros publicados pelo autor, destacamos:

- O menino Maluquinho - 2,5 milhões de exemplares vendidos, adaptado para o teatro, cinema, quadrinhos, ópera infantil e videogame.

- FLICTS- Editado pela primeira vez em 1969, conta a história de uma cor procurando o seu lugar no mundo. O livro foi traduzido para diversos idiomas.

Frases de algumas páginas do livro:

"Não tinha a força do Vermelho. Não tinha a imensidão do Amarelo. Nem a paz que tem o Azul.

Era apenas o frágil e feio e aflito Flicts".

Ruth Machado Louzada Rocha nasce na capital paulista em 1931 em uma família de classe média, forma-se na Escola de Sociologia e Política de São Paulo em 1953 e começa a trabalhar como orientadora educacional no Colégio Rio Branco.

Um livro de destaque da autora é Marcelo, Marmelo, Martelo.

Segue um trecho da fala do protagonista Marcelo:

"Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é mulher do bolo? E bule? E belo? Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim" (ROCHA, Ruth. **Marcelo, Marmelo, Martelo.** Rio de Janeiro, Salamandra, 1976, p. 6).

Pedro Bandeira, além de professor, trabalhou em teatro profissional até 1967 como ator, diretor, cenógrafo e com teatro de bonecos. Mas desde 1962 trabalhava na área de jornalismo e publicidade, começando na revista "Última Hora" e depois na Editora Abril, em que escreveu para diversas revistas e foi convidado a participar de um coleção de livros infantis.

Entre suas publicações estão:

Os Karas

A marca de uma lágrima

Agora estou sozinha...

A hora da verdade

Prova de Fogo

Anotações

A Droga da Obediência

O Fantástico Mistério de Feiurinha

Muitos autores brasileiros que se dedicaram a escrever para o público infantil fizeram sucesso e contribuíram para o aumento pelo gosto da leitura. Entre esses escritores o nome de destaque é Monteiro Lobato, que devido às suas valiosas contribuições, o dia de seu nascimento, 18 de abril ficou instituído como o Dia Nacional do Livro Infantil.

Monteiro Lobato

José Bento Monteiro Lobato, nascido na cidade de Taubaté, interior de São Paulo, no dia 18 de abril de 1882 foi o autor que mais escreveu para crianças, sendo a sua obra considerada a mais extensa da literatura infantil de que se tem notícia. No período de 1925 a 1950, foram vendidos um milhão e meio de exemplares de seus livros. Personagens como Dona Benta, Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde de Sabugosa e Tia Nastácia fizeram e fazem sucesso entre adultos e crianças.

Quanto ao homem José Monteiro Lobato, podemos falar, resumidamente, que foi um ardiloso nacionalista, militante convicto, que queria melhorar o mundo a começar pelo Brasil. Descobriu que já não era mais possível mudar os adultos e passa a escrever para as crianças, as quais não precisam ser transformadas, mas formadas, livres para pensar como numa frase das fábulas de Monteiro, descrita por Abramovich (1983, p. 37), em que Emília diz para um cão: " – Pois o segredo, meu filho, é um só: liberdade. Aqui não há coleiras. A grande desgraça do mundo é a coleira. E como há coleiras espalhadas pelo nosso mundo!".

Zilberman (2003) explica que essa forma de escrever na literatura infantil pode ter sido usada como uma válvula de escape no período ditatorial por onde os produtores culturais, escritores, ilustradores e artistas em geral tiveram condições de manifestar ideias libertárias sem chamar tanto a atenção por se tratar de literatura com pouca notoriedade social. Esse foi o instrumento utilizado por Lobato e seus seguidores para incutir nas crianças o ideal de liberdade.

Anotações

Pioneiro nas indústrias de ferro, na campanha do petróleo, no sistema de distribuição de livros que montou pelo Brasil, pela criação de uma indústria gráfica, editoras, Lobato não almejava ficar rico, mas sim tornar rico seu país, onde todos pudessem ter acesso aos bens de consumo. Conforme relato de Lajolo (2002), Lobato, em 1930, declara à sua irmã que estava endividado e financeiramente dependente dos lucros de suas produções literárias.

Foi o primeiro a dar voz de liderança para as mulheres, o sítio do pica-pau amarelo era todo comandado por mulheres, reconhecendo seus atributos. Em 1933 anuncia a Anísio Teixeira a produção de Emília no país da gramática. Ciente da carência de livros didáticos para as crianças, em 1933 publica Aritmética de Emília, Geografia de Dona Benta e Histórias das invenções.

Exímio tradutor e adaptador de clássicos da Literatura Infantil, em 1936 Lobato lança o livro D. Quixote das crianças, adaptando o clássico para a leitura infantil, com linguagem inteligível para essa faixa etária. A história de Dom Quixote é contada por meio das leituras de Dona Benta que deixa claro para as crianças as diferenças entre a obra original e a adaptação feita para as crianças, e que estas devem ler a história original na íntegra.

Sua forma de escrever foi inovadora para o padrão brasileiro e audaciosa porque continuou incorporando suas ideias nacionalistas antes reportadas nas produções para adultos. A importância deste autor é tanta que a data de seu nascimento, 18 de abril, é consagrada como o Dia Nacional do Livro Infantil. Monteiro Lobato é reverenciado até hoje pela crítica especializada.

As leituras de Lobato nas escolas foram responsáveis pela descoberta do prazer em ler para muitos dos demais autores renomados que temos hoje, segundo relato de Abramovich (1983), ela própria e outros autores como Ruth Rocha tiveram seus gostos pela leitura e literatura infantil despertadas por Monteiro Lobato.

Monteiro Lobato introduziu por meio dos seus personagens mirins uma literatura direcionada

Anotações

para o público infantil com cunho genuinamente brasileiro, sem vestígios da literatura estrangeira presentes nas traduções que circulavam nacionalmente. Publicou "Narizinho Arrebitado", mais tarde pelo sucesso alcançado foi reeditado como "Reinações de Narizinho". E a partir das sucessivas e bem acolhidas produções literárias, passou a editar as próprias obras fundando a Editora Monteiro Lobato & Cia., Companhia Editora Nacional e a Editora Brasiliense. Com o crescimento e enriquecimento do fabuloso mundo de suas personagens, Lobato ganhou popularidade por inserir em sua obra uma realidade comum e familiar à criança. mais absoluta verossimilhança e a naturalidade passam a ser elementos integrantes, sem deixar de lado o fantástico mundo da imaginação infantil. Sua obra preocupou-se em transmitir às crianças o conhecimento da tradição, o conhecimento do acervo herdado e que lhes caberia transformar e também questionar as verdades, os valores e não valores sedimentados na sociedade.

As obras lobatianas são enriquecidas pelo folclore, exaltação do nacionalismo e engajamento social. Os personagens infantis em suas obras são a grande metáfora encontrada pelo autor para ecoar a insatisfação do mundo adulto e retratar com idealização o panorama nacional almejado. Isso evidenciou o caráter nacionalista de sua obra, retratado nos personagens pela linguagem, imagem, comportamento e relação com a natureza.

Monteiro Lobato foi o primeiro autor a tentar romper com o didatismo que impregnava os livros para crianças. Lobato inovou ao escrever textos com os quais as crianças se identificassem, bem como a inverter valores em algumas de suas obras. Fez da literatura infantil o grande instrumento para educação, realizado pela voz dos seus personagens fantásticos perante os problemas político-econômicos e sociais. São as principais preocupações nacionais observadas em suas obras: petróleo, analfabetismo, exploração das riquezas naturais, saneamento básico e influência estrangeira sobre a economia brasileira. Conseguiu explorar esses problemas aproximando a criança dos problemas cotidianos por meio da literatura infantil. Em sua obra mais expressiva, o "Sítio do Pica-Pau Amarelo", interage os personagens reais (Narizinho, Pedrinho, Dona Benta, Tia Nastácia etc.) com personagens irreais (Emília, Visconde, Rabicó, Saci etc.) de modo que os dois universos se fundem numa mesma verdade, dentro do universo

Anotações

do faz de conta lobatiano, perdurando o tempo e fazendo com que várias gerações convivam no atemporal sítio da família.

No período compreendido entre 1920 e 1942 Monteiro Lobato, publicou outras obras: "O Saci" – "Fábulas" – "O Marquês de Rabicó" – "A Caçada da Onça" – "A Cara de Coruja" – "Aventuras do Príncipe" – "O Noivado do Narizinho" – "O Circo de Cavalinho" – "A Pena de Papagaio" – "O Pó de Pirlimpimpim" – "Viagem ao Céu" – " As Caçadas de Pedrinho" – "Emília no País da Gramática" – " Geografia de Dona Benta" – "Memórias de Emília" – "O poço de Visconde" – "O Pica-Pau Amarelo" – "A Chave do Tamanho", e também realizou várias adaptações de contos clássicos da literatura infantil mundial. No mesmo período, com Monteiro Lobato, alguns nomes também despontaram na Literatura Brasileira, como: Malba Tahan, Viriato Correia, Érico Veríssimo e Graciliano Ramos.

Com exceção da presença do "maravilhoso", as obras literárias lobatianas são questionadas na atualidade quanto a sua natureza de literatura infantil. Para alguns críticos Lobato, utilizava vocabulário da linguagem adulta e de forma pouco lúdica e pouco inteligível para o público infantil. Mas é inegável entre os críticos a atribuição a ele do mérito de primeiro escritor brasileiro a dar em sua obra poder de reflexão à criança. O escritor Monteiro Lobato demarca uma divisão do antes e depois na literatura infantil, pois veio completar o que faltava nessa corrente literária. Em suas obras é perceptível a preocupação de relacionar a literatura infanto-juvenil com a educação, com enredos capazes de ultrapassar os limites da sala de aula pela reflexão produzida, sendo esse um dos objetivos da Literatura.

Anotações

Saiba mais sobre o Assunto

Para saber mais sobre as leituras de Monteiro Lobato, leia o artigo publicado na Revista Nova Escola em Maio de 2012.

Cinco motivos para ler Monteiro Lobato com os alunos

Camila Camilo

Influência para várias gerações, o autor do Sítio do Pica Pau Amarelo ainda é uma boa porta de entrada para estimular o comportamento leitor da turma

Se você foi criança entre as décadas de 1930 e 1950, provavelmente foi apresentado à literatura brasileira e infantil por meio de algumas obras de Monteiro Lobato. Em uma época em que a televisão não existia ou tinha presença limitada e quando a produção literária infantil era moralizante, o autor paulista introduziu temas avançados e trouxe para o cotidiano das crianças um universo de figuras femininas fortes, com uma família estruturada de maneira não tradicional, tolerante à opinião das crianças e favorável ao progresso da sociedade.

Os elementos citados acima contribuíram para a construção de valores como a liberdade religiosa e o respeito à mulher para as gerações que hoje estão na casa dos 40 aos 70 anos. José Nicolau Gregorin Filho, professor da USP especialista em literatura infantil, explica que esta influência é possível porque a leitura tem uma função de identificação. “O indivíduo reconhece questões humanas em um texto literário e é instigado a pensar como vivenciaria isso”.

Se a leitura de Lobato foi tão importante para as crianças da primeira metade do século 20, ela ainda é atraente para a formação dos pequenos leitores. A seguir, veja cinco razões para apresentar as obras do escritor aos alunos:

Anotações

1. As histórias são narradas como fábulas

Em Monteiro Lobato livro a livro, os pesquisadores Marisa Lajolo e João Luís Ceccantini mostram uma carta que o escritor enviou a Godofredo Rangel em 1916. Nela, Lobato manifesta a vontade de "vestir à nacional" as fábulas de Esopo e La Fontaine diante "da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas na memória e vão recontá-las aos amigos".

A fábula é uma narrativa breve e simples, cuja conclusão pelas ações dos personagens e pelas situações impostas, uma lição de moral. Ao optar por esta forma de narrativa, Lobato escolheu mostrar a natureza e a cultura do nosso país. Para ir além do formato tradicional, em suas histórias é possível conhecer os pontos de vista de vários personagens a respeito de uma fábula contada por outro personagem. Ele conta uma história dentro da história. Veja o exemplo:

*- Então porque a senhora não diz logo "qualidade" em vez de "naipe" e "igualha"? - Para variar, minha filha. Estou contando estas fábulas em estilo literário, e uma das qualidades do estilo literário é a variedade.*Conversa entre Narizinho e Dona Benta - Fábula "Os dois burrinhos" em Novas Reinações de Narizinho (1933).

2. Há personagens femininos fortes e famílias como as de hoje

Quem lê Lobato logo percebe a força das figuras femininas como Dona Benta, Narizinho e Emília. O núcleo familiar do Sítio não corresponde à estrutura de uma família convencional. A matriarca é uma mulher, Dona Benta, que exerce sua autoridade sem deixar de ser acessível. Os pais de Pedrinho quase não são citados e nem Dona Benta, nem Tia Anastácia são casadas.

Se na época em que os livros foram escritos, a situação dos personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo parecia 'avançada', muitas famílias de hoje têm estruturas semelhantes. Maria Cristina Lopes, diretora do Museu Monteiro Lobato, em Taubaté, a 130 quilômetros de São Paulo, diz que esta identificação é percebida na fala das crianças que visitam o museu, em perguntas como "onde está a mãe da Narizinho?". "Sob este aspecto, as obras de Lobato são muito modernas e têm a ver com o presente, porque as famílias de hoje também são fragmentadas", conta a diretora.

3. As obras dão voz às crianças

Emília é uma boneca criativa e contestadora que, assim como as duas crianças do Sítio, não é repreendida por dar sua opinião e sustentar atitudes participativas. O professor José Gregorin Filho a compara a outro boneco famoso, o Pinóquio - com a diferença de que este foi punido por seus atos. Gregorin conta, também, que alguns estudos indicam que Emília era "uma espécie de voz do próprio Monteiro Lobato".

4. Os livros contemplam conteúdos didáticos

Alguns títulos como Aritmética da Emília, Emília no país da Gramática e Histórias do mundo para crianças tratam de temas que os alunos verão na escola. O livro de Lajolo e Ceccantini destaca que

Anotações

a obra História do mundo para crianças - na qual Dona Benta narra fatos históricos aos moradores do Sítio - tem a capacidade de proporcionar boas oportunidades de reflexão e questionamento sobre a ordem mundial da época. Os professores sugerem a contextualização dos conteúdos apresentados no livro sob o ponto de vista da matriarca, como a descoberta do petróleo e as Guerras Mundiais.

5. Lobato enaltece e defende a natureza

O Museu Monteiro Lobato, em Taubaté, fica no sítio onde o escritor passou a infância. "Uma das coisas que mais agradam as crianças quando visitam o Museu é o contato com a natureza", conta Maria Cristina. Se o fantástico para as crianças de ontem estava nas situações inusitadas vividas no Sítio, hoje, o ambiente rural, diferente do urbano onde a maioria vive, é motivo para encantamento. Além disso, a defesa e o enaltecimento de elementos da natureza são recorrentes nas obras de Lobato, conforme o exemplo:

- Pois é. Estava "mimetando" um galho seco. Mimetismo é isso. Não conhece aquelas borboletas carijós que se sentam nas árvores musguentas e ficam ali quietinhas? Musgo, não. Líquem. Líquem! O Visconde não quer que a gente confunda musgo com líquem. Da personagem Emília em A Chave do Tamanho, p. 35 (1945)

Artigo publicado na Revista Nova Escola em Maio de 2012.

Disponível em:

<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/cinco-motivos-ler-monteiro-lobato-alunos-686930.shtml>. Acesso em 04 ago. 2012.

Leitura Complementar

Livro: Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias

Autoras: Maria Lajolo e Regina Zilberman

Editora: Ática

Edição: 6ª

Ano de publicação: 2006.

Páginas: 190

Acesse a biblioteca virtual do CESUMAR por meio de sua página no AVA, digite o nome do livro acima destacado no quadro de busca e você terá acesso ao livro pelo computador. A leitura do livro completará as atividades de estudos de nossa disciplina e proporcionará um aprofundamento na história da literatura infantil brasileira desde a república velha até a renovação literária dos tempos atuais.

Sugestão de Vídeo

Acesse o link:

<http://www.youtube.com/watch?v=VCRKrxxHYtg>.

E assista a editora-assistente de Educação e Cultura, Cristiane Rogerio, batendo um papo animado com o escritor e ilustrador Ziraldo sobre literatura infanti.

Acesse o link:

<http://www.youtube.com/watch?v=vI5PWtiji4w>.

E assista a Conferência do dia 1º de setembro de 2011 em comemoração dos 25 anos da Editora Companhia das Letras com a participação de Ana Maria Machado.

Embarque no mundo da literatura infantil e acesse a página:

<http://www.youtube.com/watch?v=ZF5AUmpbgt8>.

Na qual você poderá assistir a edição de animação da obra de Ana Maria Machado – Menina Bonita do laço de fita - feita para apresentação de seminário de Literatura infantil na faculdade Sumaré.

Anotações

Sugestões de páginas da internet que você pode acessar para ampliar seus conhecimentos

Observatório da literatura infanto-juvenil: <http://home.utad.pt/~oblij/links.htm>.

Neste site você terá acesso a outros links relacionados à literatura infanto-juvenil.

Acesse a página

<http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm>.

Para uma leitura completa sobre Livros e Infância produzidos por Cristiane Madanêlo de Oliveira.

Para saber mais sobre Monteiro Lobato acesse o link:

<http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/index2.html>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final de nossa unidade V, o The end.

Esperamos que tenha sido um Final Feliz.

A busca será sempre pela felicidade, pelas realizações de sonhos e esses são os ideais que não podem ser tirados de ninguém, muito ao contrário, devem ser incentivados, principalmente em se tratando de criança.

Percebemos em nossos estudos que a literatura infantil evolui de preceitos moralistas, doutrinas didáticas à narração de conflitos próprios das crianças que os auxiliaram e continuam auxiliando no enfrentamento de problemas reais. Dessa forma, podemos perceber que o encantamento não está nas figuras belas dos contos de fadas, nem nos monstros horripilantes, mas na identificação da busca da força, da coragem de lutar e vencer para garantir o tão sonhado final feliz.

Dessa forma, a literatura infantil deve ser tratada com toda a importância e responsabilidade que ela merece, pois não se trata de puro divertimento, mas da promoção do raciocínio, da aprendizagem cognitiva, emocional e intelectual.

Literatura infantil é a interação entre a ludicidade e o pedagógico que deve ser explorado em

todas as etapas do desenvolvimento infantil na busca de se atingir o objetivo proposto pela educação. Por esse motivo devemos nos atentar para as fases de desenvolvimento da criança e as características que devem conter os livros para que se consiga motivar as leituras.

Para selecionar é necessário conhecer, para conhecer literatura é preciso lê-la e ler livros infantis, o que convenhamos, não é nenhum grande sacrifício, ao contrário, pode ser, além de pesquisa pedagógica, um grande prazer, pois todos nós ainda temos um pouco de criança que insiste em permanecer ativa mantendo o princípio da diversão.

Boas leituras!

ATIVIDADE DE AUTOESTUDO

1 – As características da literatura infantil de cada época demonstram a forma como a criança era concebida, as preocupações com sua educação e o que era preciso ser ensinado para as crianças. Reflita sobre as transformações nos focos de ensino da literatura infantil no decorrer dos tempos e opine em relação às criticas da atualidade quanto aos temas propostos, como as drogas, a sexualidade, a violência.

_____

_____

2 – O que motiva a leitura infantil é o seu caráter imaginário, a possibilidade de viajar sem sair do lugar, de sonhar com o impossível, o encantado. Portanto, não é o belo nem o feio, não é o herói nem o bandido que prendem a atenção da criança na leitura de textos infantis, mas a busca da identidade. Em que consiste essa busca? O que faz com que a criança se identifique com os personagens descritos nos textos?

_____

_____

3 – Monteiro Lobato decidiu utilizar personagens infantis para transmitir ideias revolucionárias, entre os personagens, a boneca Emília que, por não ser gente, mas sim um brinquedo, podia falar sobre tudo sem ser censurada. Disserte sobre a importância de Monteiro Lobato na formação do pensamento infantil que consequentemente formou novas gerações com visões bem diferentes.

_____

_____

CONCLUSÃO

Esperamos que este material tenha contribuído para a construção de novos conhecimentos ocasionados pelas reflexões a respeito dos temas tratados neste livro.

Esperamos tê-lo conscientizado da importância do desenvolvimento da competência linguística, pois ela é responsável pelo produto das suas habilidades cognitivas e sociais que o habilitam para a comunicação efetiva.

E, pensando em você como profissional da área da educação, propomos nesse estudo uma instrumentalização linguística numa corroboração para o seu sucesso. Ao compreendermos a dinamicidade da língua, propensa às mudanças assim como ocorreu recentemente pelas novas regras da reforma ortográfica da Língua Portuguesa, intencionamos uma conscientização acadêmica da imprescindível busca pela aprendizagem, e o quanto ela se faz necessária para a acomodação de novos saberes diante da dinamicidade da ciência linguística, que evolui continuamente exigindo atenção às mudanças ocorridas no mundo.

Acreditamos que você pôde perceber que a alfabetização é apenas o princípio da aprendizagem, e que a necessidade da ampliação cognitiva se dá pelo letramento, o qual deve prosseguir vida afora. Isso ocorre porque a leitura e a escrita são práticas indissociáveis e respondem pelas demandas da realidade em que o sujeito se encontra na sociedade contemporânea.

Vimos também o amplo sentido do texto e as suas inesgotáveis possíveis leituras realizadas pelas ampliações das habilidades linguísticas. Almejamos ter despertado em você o interesse e a habilidade de um leitor proficiente, ativo, atuante e competente, capaz de “ler linhas e entrelinhas” para que, como cidadã(o), possa bem desempenhar as suas funções sociais.

Ao posicionar-se criticamente diante da leitura, esperamos ter também promovido a sua indignação pelas tentativas de manipulações da opinião pública e, indignado, que você se proponha a escrever.

A produção textual pode ser o início do posicionamento crítico, por meio da indignação e vontade de expressar opinião própria ou pelo simples prazer de escrever, de expressar sentimentos, relatar fatos, argumentar, enfim, participar da vida social e letrada. Seja qual for a motivação, o importante é que você se sinta motivado a escrever e que tenha tido em nosso livro subsídios suficientes para lhes dar segurança na sua produção textual.

A motivação é parte importante do processo educativo e desde a infância temos que planejar atividades para o incentivo da leitura e da produção textual, que deve ser consequência natural da leitura. Desse modo, a literatura infantil ocupa lugar de destaque nesse processo por representar uma atividade lúdica com finalidades pedagógicas direcionadas à aprendizagem, ao desenvolvimento do intelecto do educando.

Ao final de nossos estudos pudemos perceber que o que permeia toda a produção da leitura e da produção textual é o conhecimento da língua, o domínio correto de seu uso e a adaptabilidade de suas nuances aos gêneros discursivos, incluindo os discursos destinados às crianças por meio da literatura infantil.

Esperamos ter fornecido subsídios para que você seja autor na construção do seu próprio conhecimento, um sujeito capaz de imperar pela linguagem adquirida e inferir na realidade cotidiana amparado pelos níveis de leituras atingidas, e assim responder plenamente ao exercício da sua cidadania.

Boa sorte!

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

ABRAMOVICH, Fanny. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. São Paulo: Summus, 1983.

ALVES, Rubem. Será que a leitura de jornais nos torna estúpidos? **Folha de São Paulo**. São Paulo, 2 de set. 2001. Tendências e Debates. Disponível em: <http://www.rubemalves.com.br/seraquealeituradosjornaisnostornaestupidos.htm>. Acesso em: 19 maio 2012.

ANDRÉ, Tâmara Cardoso. Literatura Infantil – Práticas adequadas ajudam a despertar o gosto pela literatura. **Revista do Professor.** Porto Alegre, n.78, pp. 18-21, abr/jun. 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BILAC, Olavo. **Poesias Infantis.** RJ: Francisco Alves. 1929. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/Poesias%20Infantis/Pi01.htm>. Acesso em: 04 ago. 2012.

BECHARA , Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa** — atualizada pelo novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. **Ensino de Gramática**. Opressão? Liberdade? 11. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BRASIL, Decreto Nº 6.583, de 29 de setembro de 2008. **Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos: Brasília, 2008.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CABRAL, Leonor Scliar. **Processos psicolingüísticos de leitura e a criança**. Porto Alegre: Letras de Hoje, v. 19, n. 1, pp. 7-20, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CONY, Carlos Heitor. Tese de mestrado. *In*: HARTMANN, Schirley Horácio de Gois; SANTAROSA, Sebastião Donizete. **Práticas de leitura para o letramento no ensino superior**. Curitiba: Ipbex, 2009.

COSTA VAL. Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CHAPANSKI, Gissele. **Uma tradução da Tékhne Grammatiké de Dionísio Trácio, para o português.** Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Letras. Curitiba: UFPR, 2003.

HOUAISS, Antônio. **Escrevendo pela Nova Ortografia**: Como Usar as Regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Instituto Antônio Houaiss 1 ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

_____. **Sugestões para uma política da língua.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 7.ed. Campinas: Pontes, 2000.

KOCH. Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a contrução dos sentidos**. Caminhos da linguistíca. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual.** 20 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual.** 17. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FÁVERO, Leonor Lopes. **A Coesão e Coerência Textuais.** 11. ed. São Paulo: Ática, 2009.

FÁVERO, Leonor L. *et al.* **Oralidade e escrita:** perspectivas para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 2005.

FIORIN, Jose Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão**. Para entender o texto**: leitura e redação. 22 ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 47. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GANCHO, Cândida Vilares Coutinho. **Como analisar narrativas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

HARTMANN, Schirley Horácio de Gois; SANTAROSA, Sebastião Donizete. **Práticas de leitura para o letramento no ensino superior**. Curitiba: Ipbex, 2009.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação.** São Paulo: Cultrix, 2005.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LAJOLO, Mariza; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e historias. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade por uma nova concepção de língua materna.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.

MARTINS JUNIOR, Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso**: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MAGALHÃES, Lígia Cademartori. História infantil e pedagogia. *In*: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES , Ligia Cademartori. **Literatura infantil:** autoritarismo e emancipação. São Paulo, Ática, 1987.

MORTIMER, Adler; VAN DOREN, Charles. **Como Ler Livros:** O Guia Clássico para a Leitura Inteligente. São Paulo: É Realizações, 2010.

NOJOSA, Urbano Nobre. Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto. *In:* FERRARI, Pollyana. (org.) **Hipertexto, hipermídia**: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2007. pp. 69-78.

OLIVEIRA. Cristiane Madanêlo de. **As histórias infantis como forma de consciência de mundo**. 2005. Disponível em : <http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm>. Acesso em: 05 ago. 2012.

PONDÉ, Gloria. **A arte de fazer artes:** como escrever histórias para crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1985.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: Mercado das Letras, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 6. ed. Rio de Janeiro, Record: 2001. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/23574491/SANTOS-Milton-Por-uma-outra-globalizacao>. Acesso em 04 ago. 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** Org. Charles Bally, Albert Sechehaye. Col. Albert Riedlinger. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Letramento e escolarização. *In*: **Letramento no Brasil**, reflexões a partir do INAF 2001. Vera Masagão Ribeiro (org.). 2. ed. São Paulo: Global, 2004. pp.89-113.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. Tradução de James Amado. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

TIEZZI, Ricardo. Brasil Alfabetizafo. **Geração Online**. São Paulo, Geração Editorial: 2012. Disponível em: <http://www.geracaobooks.com.br/literatura/texto1.php>. Acesso em: 20 maio 2012.

TRAVAGLIA, Carlos Luiz. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. Reflexões acerca da escrita nos novos gêneros digitais da internet. **Investigações**. Recife, v. 18, pp. 115-129, 2006. Disponível em: <http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.18.N.2_2005_ARTIGOSWEB/AntonioCarlosXavier_

REFLEXOES-GENEROS-DIGITAIS-DA-INTERNET_Vol18-N2_Art06.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.